

NADIA EVELYN BURGOS

**TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS E REDES SOCIAIS: A MOBILIDADE
ESPACIAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS ARGENTINOS
PARA FLORIANÓPOLIS (SC)**

Florianópolis-SC

2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Nadia Evelyn Burgos

**Trajetórias Migratórias e Redes Sociais: a mobilidade espacial de professores
universitários argentinos para Florianópolis (SC)**

Profa.Dra.Leila Christina Dias

(Orientadora)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis/SC, 30 de março de 2009

Trajetórias Migratórias e Redes Sociais: a mobilidade espacial de professores universitários argentinos para Florianópolis (SC)

Nadia Evelyn Burgos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano.

Prof. Dr. Carlos José Espíndola.

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Dra. Leila Christina Dias (Presidente e orientadora-UFSC)

Dra. Gislene Aparecida dos Santos (Membro-UFPR)

Dr. João Klug (Membro-UFSC)

Florianópolis-SC, 30 de março de 2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Profa. Leila Christina Dias que participou deste rito de passagem. Obrigado pelos ensinamentos, pelas discussões, pelas conversas e pelas sábias orientações. Agradeço à Capes pela bolsa de pesquisa durante 18 meses deste trabalho.

Aos que possibilitaram a criação de imagens do Brasil e a minha migração antes de chegar especialmente: à minha professora do 3º ano, à minha colega do ensino médio, Letícia, ao meu professor de Geografia Urbana, Fabián, a minha Professora de Português, Soly, e ao meu amor, Tomás.

À comunidade receptora do Brasil que abriu as suas portas a esta imigrante sedenta por conhecer culturas diferentes, aos possibilitadores da minha migração que conseqüentemente colaboraram no desenvolvimento da dissertação: Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Valdir Soldi, pela bolsa emergencial de seis meses, aos amigos, familiares e colegas brasileiros que sempre estiveram dispostos a oferecer a sua ajuda com apoio emocional, informacional e material.

Agradeço aos imigrantes argentinos no Brasil, participantes desta pesquisa, por terem me concedido as suas histórias de vida e permitido dessa forma minhas reflexões sobre os nossos processos migratórios.

Aos professores do departamento de Sociologia Política da UFSC devo o reconhecimento pela seriedade teórica e metodológica. De modo especial agradeço à Prof^a Ilse Scherer-Warren e ao Prof. Ary César Minella.

Aos revisores do “portunhol” inicial desta dissertação, Luz Adriana, Maria Helena e especialmente a Tomás por ter participado em todo o processo deste trabalho desde quando ele estava em pensamento.

Aos meus colegas de morada, Leonardo e Vinícius, pelas incansáveis conversas, o apoio e a compreensão.

Ao Tiago Cargnin Gonçalves pela elaboração de quadros, correção de normas, leitura da pesquisa e apoio incondicional.

Ao Rafael Buti pelos conselhos antropológicos.

Aos geógrafos argentinos que desde longe me ofereceram apoio Gustavo Peretti, Laura Cervera, Mariela Demarchi, Celina Barreyro, Javier Gómez e Silvia Escobar.

Ao André Souza Martinello e à Cristina Dalla Nora, dois historiadores que me ajudaram em momentos cruciais.

Ao professor Clécio Azevedo da Silva, pelo auxílio nas descobertas dos conceitos relevantes para esta pesquisa.

Aos meus amigos Moreno, Hanna e Elias, por ajudarem no reconhecimento da vida de mestranda.

À Cecília, por se dispor a ser participante de meu roteiro de entrevista, pelas conversas sinceras. Beijos.

Aos meus colegas de mestrado: Fiorella, Lucas e Mario. Amigos com quem dividi meus bons e não tão bons momentos durante esse tempo. São meus queridos, que sempre irão ocupar um lugar na lembrança. Saudades.

Finalmente, às minhas amigas Patrícia e Maisy, pelas traduções ao inglês.

Especialmente aos meus pais, Elena e Raúl, por acreditarem no meu sonho brasileiro, amo-os

RESUMO

Neste trabalho são analisadas as trajetórias migratórias dos professores argentinos em Florianópolis, considerando o enfoque da Análise de Redes Sociais. A partir da análise e interpretação de entrevistas, reconhecemos a multiplicidade de fatores que provocam a migração qualificada deste grupo de acadêmicos ao Brasil e a sua correspondência com os tipos de trajetórias encontradas. Avança-se no conhecimento das causas que provocam a migração e como as imagens criadas do Brasil fizeram com que, por um lado, a migração dos professores argentinos comece antes do deslocamento espacial e, por outro, represente um obstáculo à integração dos professores argentinos na comunidade receptora. Logo, são estabelecidas algumas considerações parciais que demonstram a importância dos chamados laços fracos no processo migratório e no casamento entre o micro e o macro – social. Conclui-se que a aplicação do método de redes sociais ajuda a explicar o fenômeno da mobilidade espacial de maneira completa; partindo da análise das relações, chega-se à construção de partes da rede de professores argentinos no Brasil.

Palavras chave: Mobilidade espacial, Redes Sociais, Trajetórias.

ABSTRACT

The proposal of this thesis is to analyze the migratory trajectories of *Argentinian* professors in Florianópolis considering the theories which refer to the Analysis of Social Networks. From the analysis and interpretation of our interviews, we recognize the multiplicity of factors that incite the migration described of this group of academics to Brazil and their correspondence with the types of trajectories found. The knowledge of the causes that provoke this migration and how these images of are created have been developed in this Thesis. On one hand, the migration of the Argentinian professors begins before the spacial dislocation and on the other hand, it represents an obstacle to the integration of the Argentinian professors in the receptor community. It is concluded that the application of the social networks method helps to explain the phenomenon of spacial mobility in a complete way. Therefore the analysis of these relations draws closer the construction of parts of the argentinian teachers' network in Brazil. Some partial considerations are established in order to demonstrate the importance of the so-called weak knots in the migratory process and in the marriage between the micro and the macro – social relationships.

Key words: Spacial Mobility, Social Nets, Trajectories.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Sociograma.	55
FIGURA 2: Redes de imigrantes acadêmicos argentinos na cidade de Florianópolis.	57
FIGURA 3: Rede de imigrantes argentinos em Florianópolis: Categorização dos nós segundo a disposição no fluxo migratório.	58
FIGURA 4: Rede de imigrantes argentinos em Florianópolis: categorização dos nós segundo tipo de vínculo com o professor entrevistado.	60

LISTA DE QUADROS.

QUADRO 1: Estrutura da Entrevista	48
QUADRO 2: Matriz com dados sociológicos convencionais	51
QUADRO 3: Matriz de adjacência	53
QUADRO 4: Brasil: Professores universitários argentinos, por tipo de instituição de ensino superior, 2007	65
QUADRO 5: Brasil: Professores universitários argentinos por região e por Universidade, 2007	
QUADRO 6: Número de anos transcorridos no primeiro e segundo lugar de estadia dos professores argentinos.	78
QUADRO 7: Tipo de trajetória em relação à década de chegada	90

LISTA DE SIGLAS

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento
CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CNEA - Comisión Nacional de Energía Atômica
CERTI - Fundação Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras
CONICET – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas Y Técnicas
INDEC – Instituto Nacional de Estadísticas y Censos
INTA – Instituto Nacional de Tecnología Agrária
INTI – Instituto Nacional de Tecnología Industrial
MERCOSUL – Mercado Comum do sul

Centros Tecnológicos Federais:

CEFET/BA – Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia
CEFET/BG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves
CEFET/PB – Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
CEFET/PE – Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
CEFET/Q – Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis
CEFET/RJ – Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro
CEFET/RV – Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Verde
CEFET/Uberaba – Centro Federal de Educação Tecnológica de Uberaba

Faculdades Estaduais:

EMBAP – Escola de Música e Belas Artes do Paraná
FAFIMAN – Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari
FAFIUV – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória
FAMEMA – Faculdade de Medicina de Marília
FAMERP – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto
FAMES – Faculdade de Música do Espírito Santo
FAP/PR – Faculdade de Artes do Paraná
FATEC/BT – Faculdade de Tecnologia de Botucatu
FATEC/GT – Faculdade de Tecnologia de Guaratinguetá
FATEC/Mauá – Faculdade de Tecnologia de Mauá
FATEC/Ourinhos – Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

FATEC/Rio Preto – Faculdade de Tecnologia de Rio Preto

FATEM-AM – Faculdade de Tecnologia de Americana

FECILCAM – Faculdade Estadual e Ciências e Letras de Campo Mourão

FUNDINOP – Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro

Faculdades Federais:

EAFCO – Escola Agrotécnica Federal de Colorado Oeste - RO

EAFI – Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes - MG

EAFUDI – Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia

FFFCMPA – Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre

ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Universidades Estaduais:

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins

UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú

Universidades Federais:

FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande

UFABC – Universidade Federal do ABC

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA – Universidade Federal de Lavras
UFMA – Universidade Federal do Amazonas
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS – Universidade Federal do Sergipe
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFV – Universidade Federal de Viçosa
UnB – Universidade de Brasília
UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas
UNIFAP – Universidade Federal do Amapá
UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá
UNIR – Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Universidades Particulares:

FURB – Universidade Regional de Blumenau
PUC/MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC/PR Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UnC – Universidade do Contestado

UNIDAVI – Universidade Para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

UNIVALI – Fundação Universidade do Vale do Itajaí

UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville

UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária Regional de Chapecó

UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA	20
1.1. ANTECEDENTES	20
1.2 DAS ESTRUTURAS AOS AGENTES, DOS AGENTES ÀS RELAÇÕES SOCIAIS	28
1.3 O PERCURSO METODOLÓGICO	39
1.3.1 Definição da Escolha Temática Espacial. A Ego História	43
1.3.2 Sobre o Roteiro de Entrevistas	45
1.3.3 Sobre o Trabalho de Campo	48
CAPÍTULO 2: REDES E TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS	50
2.1 O RELACIONAL É REAL	50
2.2. REDE MIGRATÓRIA DE PROFESSORES ARGENTINOS PARA FLORIANÓPOLIS	56
2.3 TRAJETÓRIAS	68
2.3.1 A Trajetória é Cultural	84
2.3.2 Trajetória Espacial	89
CAPÍTULO 3: IDENTIDADE E FENÓMENO MIGRATÓRIO	96
3.1 IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE	97
3.2. HISTÓRICO DAS RELAÇÕES ARGENTINO – BRASILEIRAS: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE IMAGENS ENTRE OS DOIS PAÍSES	100
3.3 O PERTENCIMENTO A UM ESTADO-NAÇÃO NA DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE	103
3.4 O ESTEREÓTIPO DE IMIGRANTE ARGENTINO ESTRITAMENTE LIGADO AO DE TURISTA ARGENTINO	107
3.5 A REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE POR PERTENCIMENTO A UMA DIÁSPORA	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

APRESENTAÇÃO

Não poderia começar este trabalho sem contar um pouco sobre minha própria trajetória migratória. No ano de 2004 vim pela primeira vez ao Brasil a convite desta universidade para participar da XXV Semageo, a Semana de Geografia da UFSC. Alguns meses depois, uma turma de brasileiros foi para a Argentina participar das Jornadas de Geografia da Universidad Nacional del Litoral, instituição a qual me encontrava vinculada. Foi uma experiência muito gratificante, que permitiu a criação de laços de amizade e a abertura de novas possibilidades na minha formação acadêmica.

Ainda na Argentina, no ano seguinte, comecei a pesquisa sobre migrações de população por ocasião de minha monografia de conclusão de curso do bacharelado em Geografia. O trabalho teve como título: “Trayectorias migratorias y evaluación de la posible reversión de los migrantes asentados en el barrio ‘El Chelito’, localidad de Esperanza, Santa Fe, Argentina”. Este trabalho adotou como referencial teórico os enfoques analíticos.

Com base na idéia de que as relações pessoais constituem um passo prévio à migração, constatamos que na cidade de Esperanza, 60 % dos migrantes chegaram por razões de trabalho. Porém, metade deles contava com uma forte rede de contatos, principalmente parentes que lhes asseguravam emprego no lugar de destino previamente à migração. A outra metade destes 60% migrou motivada por comentários de que em Esperanza era possível conseguir trabalho rapidamente.

Os resultados da pesquisa permitiram concluir que a maioria dos migrantes chega ao destino em busca de uma fonte de trabalho, mas o primeiro contato com o lugar de destino se realiza através de conhecidos. Nesse sentido, as redes de contato são tão importantes quanto os fatores econômicos para explicar a mobilidade espacial da população. Somado a isso, o número de migrantes se incrementa com o tempo, constituindo redes cada vez mais fortalecidas que favorecem, por sua vez, a chegada de novos migrantes.

Paralelamente ao desenvolvimento desses trabalhos, comecei a pensar na possibilidade da minha migração ao Brasil. Dediquei uma parte importante do meu ano a arrumar todos os requisitos para ingressar no mestrado em geografia na Universidade Federal de Santa Catarina. As oportunidades de desenvolvimento profissional eram promissoras, mas a rede de contatos foi um fator decisivo na minha migração para Florianópolis.

Assim, no ano de 2006, ingressei no mestrado em geografia com o projeto de estudar a comunidade de bolivianos assentados na cidade de Monte Vera, também na Argentina, novamente sob os enfoques analíticos. Naquele momento, por meio das contribuições das disciplinas desenvolvidas ao longo do ano, ficou mais clara a ausência de um referencial teórico que explicasse, ao mesmo tempo, as migrações segundo o enfoque estruturalista, em termos de oportunidades de trabalho, e segundo uma visão analítica, tendo em conta as relações pessoais como formadoras das redes de migrantes. Ao tomar contato com a metodologia de Análise de Redes, pude avançar em meus estudos, abordando o tema das migrações de maneira mais integral, desta vez com um novo recorte – analisar as trajetórias migratórias dos professores argentinos residentes em Florianópolis.

Ao analisar a migração qualificada apareceram outros indicadores explicativos do fenômeno que acompanham a imigração produzida pela consolidação das redes migratórias. Neste momento, perguntei-me: a minha trajetória migratória começou no momento da minha chegada ao Brasil, no meu deslocamento físico? A busca pela resposta a essa pergunta guiou o desenvolvimento deste trabalho.

INTRODUÇÃO

O homem não nasceu para viver insulado (isolado dentro de uma ilha ou de um único grupo).

O homem nasceu para (con)viver e (com)partilhar com o outro, qualquer que seja este outro.

E a esse movimento, podemos chamar de... felicidade! (Saint Exupéry, o Pequeno Príncipe).

A necessidade de aprofundar o conhecimento dos fenômenos migratórios é fato amplamente aceito na América Latina, uma vez que tanto as migrações internas como as internacionais tiveram relevante papel no desenvolvimento econômico e social da região, tendo em vista a importância da mobilidade espacial da população na formulação de políticas de desenvolvimento regionais e setoriais. Além disso, em 20 anos de pesquisa sobre emigração no Brasil, há lacunas referentes à migração qualificada. Faz-se necessário avançar na reflexão sobre esse tipo de migração, que possui características diferentes da migração não qualificada¹, com o fim de contribuir para a construção do conhecimento da realidade migratória.

O processo de emigração de argentinos, nas últimas cinco décadas, tem tomado a forma de uma lenta “drenagem de talentos”, inserida em um fenômeno de características similares ao que vinha se sucedendo em outros países do Terceiro Mundo, especialmente na América Latina. Entre as causas deste deslocamento se encontram os espasmos emigratórios produzidos por “exílios políticos”, derivados da repressão na última ditadura militar, bem como as sucessivas crises econômicas argentinas, denominadas por Esteban de “exílio econômico” (2003, p.16).

Atualmente, residem no Brasil cinquenta e cinco mil argentinos regularmente registrados, enquanto os brasileiros na Argentina somam mais de cinquenta mil pessoas². Entre 1985 (quando começa o registro informatizado da Polícia Federal) e

¹Como imigração qualificada, fazemos referência ao deslocamento espacial para o Brasil de argentinos que obtiveram a graduação no seu país de origem. Em outras palavras, pessoas que possuem alto grau de capacitação obtido geralmente através do sistema de educação formal do país de residência anterior à migração.

²Disponível em:

<<http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJA5F550A5ITEMIDA46C4A21BF554A939E7DA87365C8AFF7PTBRIE.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2009.

1988, havia cadastros de somente 29 imigrantes no estado de Santa Catarina. Já em 1990, o fluxo imigratório cresceu de maneira considerável, contando com a presença de 5.939 pessoas de origem argentina no mesmo estado. A partir de 1998, o fluxo imigratório se mantém com aproximadamente 5.000 pessoas no estado de Santa Catarina. Atualmente, residem oficialmente na cidade de Florianópolis 2.007 pessoas que nasceram na Argentina.

À medida que indagamos a imigração de acadêmicos ao Brasil, percebemos que motivos tais como exílios políticos e econômicos, melhores condições acadêmicas no Brasil e contatos acadêmicos eram os mais usados para explicar o fenômeno através de enfoques economicistas. Nossa compreensão do processo fez com que utilizássemos – além dessas – outras categorias analíticas, simbólicas, imaginárias e inconscientes para compreender as trajetórias desenhadas pelos migrantes. Encontramos nesta pesquisa certas relações entre os motivos da migração e as trajetórias que se entrecruzam no campo imigratório formando uma rede de acadêmicos no Brasil independentemente da nacionalidade.

Quando e onde começa a migração de acadêmicos argentinos para Florianópolis? Possivelmente começou no século passado com a perseguição aos judeus, ou talvez com a migração de europeus para a América, ou ainda ao se admirar uma escultura ou ao pensar e criar imagens de um espaço desconhecido. É difícil estabelecer onde começou ou qual a origem da imigração no tempo e no espaço para sujeitos formados culturalmente por povos migrantes. Povos nascidos por interferências culturais constantes e marcados pela diferença.

O movimento gera movimento, a busca dessas origens gerou trajetórias de vida, que se desenvolveram em espaços heterogêneos, múltiplos e plurais. Em certo sentido, os professores revelaram uma espécie de cultura migratória ativa e uma busca pelas origens na procura de um encontro com um passado que não sabiam existir e que reconhecem na experiência migratória.

Os motivos desenharam as trajetórias e estas configuraram a rede de acadêmicos argentinos em Florianópolis. Nesta pesquisa descrevemos essa rede através das contribuições teóricas da Análise de Redes Sociais, as relações pessoais que

servem para dar continuação ao processo migratório no sentido de conseguir informação, escolher o destino e inserir-se no mercado de trabalho da sociedade receptora. Por outro lado, as migrações podem ser produzidas por relações muitas vezes imaginárias sobre o lugar de destino.

Nossa pesquisa é dedicada ao estudo das trajetórias migratórias e das redes sociais e, especificamente, à mobilidade espacial de professores universitários argentinos para Florianópolis (SC). Aqui se faz necessário aclarar dois pontos: os conceitos de migração e de mobilidade espacial, e a razão para definir os depoentes em termos de nacionalidade, identificando-os como “professores argentinos”. Partimos dos conceitos de migração e de mobilidade espacial da população, e os caracterizamos dentro do debate acadêmico (teoria) e nas escolhas das instituições oficiais (prática).

Desde o ponto de vista teórico, Santos (2005) traz a contribuição de Geiger, para quem o termo migração foi criado “após o estabelecimento dos Estados-nação para descrever o cruzamento, por estrangeiros, de suas fronteiras que passaram a ser definidas por linhas contínuas e precisas” (2005, p.62). Bertoncetto (2001) explica que, tradicionalmente, o conceito de migração implicava mudança de residência habitual. Com isso, o universo dos deslocamentos territoriais foi se reduzindo à migração, que afinal, é parte da mobilidade espacial.

Tradicionalmente, se ha definido la migración como aquel movimiento de población que implica un cambio en el lugar de residencia habitual, a través de un traslado realizado a una distancia mínima "razonable"; con esto, el universo de movimientos territoriales de la población se fue recortando y reduciendo a uno determinado: la migración, que, sin embargo, es sólo una parte de un universo mucho mayor. Diversos trabajos muestran la necesidad de superar esta limitación, y de reconocer la existencia de un continuo de movilidad territorial de la población, que va desde la movilidad continua o permanente hasta la inmovilidad (véase Bertoncetto, 1994) (BERTONCELLO, 2001, p.8).

O elemento básico para categorizar a migração é a relação que através dela se estabelece entre o que seria a comunidade, a região de origem, e a de destino (ROBERT; FRANK; LOZANO *apud* CANALES, 2000, p.4). As mudanças nas formas dos deslocamentos nos tempos de hoje, nos obrigam a repensar muitos dos conceitos tradicionalmente usados para descrever e analisar os deslocamentos

migratórios. A mobilidade espacial perde a condição de evento definitivo ou de longo prazo que definia o conceito de migração usado em demografia, e estabelece uma nova relação entre locais de origem e de destino. Assim, a idéia de mudança de residência, as categorias de migração temporal ou definitiva, a identificação de uma origem e um destino, têm cedido lugar a conceitos mais adequados à descrição daquilo que se observa em nossa pesquisa. Trazemos aqui a noção de **espaço de vida** introduzida por Courgeau para definir:

La noción de espacio de vida (Courgeau 1988) delimita la porción del espacio donde el individuo realiza todas sus actividades; puede tener un sentido amplio si se tienen en cuenta todas las conexiones del individuo o restringido si solo se tiene en cuenta el lugar de residencia, de la familia y del trabajo (CELTON, 1998a, p. 30).

De outra maneira, a noção de **residência base** constitui uma operacionalização do espaço de vida (DOMENACH y PICOUET, 1990), e é definida como um lugar ou um conjunto de lugares a partir dos quais se operam os deslocamentos. Se existe ou se é mantida a referência a uma residência base anterior, os fluxos migratórios se definem como “reversíveis”; quando não existe esta referência, e ocorre uma transferência de residência, são “irreversíveis”³.

Neste sentido, o conceito de “espaço de vida” (COURGEAU, 1988 *apud* CELTON, 1988a) e sua operacionalização em termos de “reversibilidade”, permitem entender os migrantes de um modo mais completo que as definições tradicionais referentes à mudança de residência. Não se trata de um lugar único e de “residência habitual” que a migração movimenta temporal ou permanentemente. Refere-se, ao contrário, à interação de dois ou mais locais de residência num mesmo momento. Por isso, sentimos a necessidade de estudar as trajetórias migratórias definidas por Giusti e Calvelo (1999) como: “el conjunto de movimientos protagonizados por un individuo o grupo familiar. Implica todos los cambios de residencia donde se haya permanecido por un periodo de tiempo igual o superior a un año” (p.30).

³ Os fluxos irreversíveis correspondem a uma mudança de residência definitiva e sem referência à residência anterior, a qual já não intervém no sistema de reprodução familiar e socioeconômica do grupo emigrado. Os fluxos reversíveis fazem referência a uma residência-base determinada, a partir da qual os deslocamentos têm alta probabilidade de retorno.

Atualmente, o conceito de mobilidade espacial da população se adaptaria mais à efemeridade dos fluxos dos acadêmicos argentinos no tempo e no espaço, nosso objeto de pesquisa, do que o conceito de migração. Tal mobilidade, ainda que possa, não é permanente, mas se caracteriza por mudanças temporais freqüentes, muitas vezes múltiplas e motivadas pelo circuito de trabalho dos profissionais qualificados. Daí a tendência aos sujeitos sentirem-se “em trânsito”, dificultando o estabelecimento do lugar de origem e de destino do deslocamento. Nesse contexto, reconhecemos a existência de um leque de formas de mobilidade espacial, o que leva a considerar que a migração, tal como tem sido entendida tradicionalmente, é só uma parte de um universo mais amplo.

As três décadas de deslocamento significativo de acadêmicos argentinos ao Brasil poderiam ser consideradas de longo prazo, pois não existe pretensão por parte dos depoentes de retornarem ao lugar de origem. Os professores configuram um circuito migratório, o que significa fixar sua residência habitual no Brasil, deslocar-se a terceiros países – destinos transitórios e temporais – e ampliar seu espaço de vida. Em outras palavras, os professores cursam pós-doutorados (em terceiros países) e conservam seu lugar de residência estável no Brasil. Além disso, para operacionalizar efetivamente os deslocamentos populacionais, tanto em instituições oficiais como em leis que regem a entrada e saída de pessoas entre países, é utilizado o termo migração, motivo pelo qual usaremos em nossa pesquisa os conceitos de migração e mobilidade espacial da população.

Sobre a segunda questão a aclarar, um autor de reconhecido nome como Stuart Hall afirma que a identificação em termos de nacionalidade está desaparecendo. Contudo, pelos resultados da pesquisa corroboramos que a nacionalidade de nossos entrevistados recebe uma proeminência particular no espaço florianopolitano, fato pelo qual chamaremos os depoentes de professores universitários “argentinos” durante o desenvolvimento da pesquisa. Mesmo assim, somos conscientes que a nacionalidade não é o único elemento definidor da identidade dos professores estudados.

No capítulo 1 desenvolvemos o caminho teórico e metodológico utilizado para pesquisar a migração através da Análise de Redes Sociais. Em seguida, narramos

os antecedentes históricos sucedidos na Argentina que possibilitaram a ativação da imigração de acadêmicos argentinos para o Brasil e outros destinos. Por último explicitamos também o percurso metodológico através da apresentação de especificações sobre a escolha temática, sobre o roteiro de entrevistas e os cuidados especiais ao longo do trabalho de campo.

No capítulo 2, através da aplicação do programa Ucinet 6 e das noções básicas da Análise de Redes Sociais, obtivemos as características principais da rede de imigrantes acadêmicos argentinos no Brasil estruturada por laços fracos. Damos especial ênfase ao papel desses laços fracos no casamento entre os agentes e as estruturas sociais. Na segunda parte do capítulo apresentamos os motivos da migração e a sua relação com as trajetórias imigratórias desenhadas pelos imigrantes.

O capítulo 3 é dedicado às possíveis interferências na apropriação de novos códigos culturais no lugar de destino, representadas por: pertencimento ao Estado-nação argentino, a associação por parte da comunidade receptora do imigrante argentino ao papel representado pelo turista argentino, a história das relações geopolíticas entre o Brasil e a Argentina e finalmente o contato com diferentes camadas culturais, produto dos sucessivos deslocamentos. É nessa experiência imigratória que os professores se apropriam de códigos culturais novos que poderiam interferir nos seus referenciais culturais nativos.

Acreditamos que este trabalho pode representar uma base para novos problemas de pesquisa relacionados ao tema da imigração acadêmica, como gerar conhecimento sobre espaços similares caracterizados pela diferença. Por fim, essa aproximação poderia ajudar na integração dos dois espaços, pois tudo indica a supremacia de espaços intra-regionais ante as soberanias nacionais; como também entender um pouco mais sobre as relações entre o Brasil e a Argentina e refletir sobre a rivalidade que diferentes aparelhos ideológicos pretendem exacerbar.

CAPÍTULO 1: A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA

Este capítulo inicia com uma introdução ao tema da saída de profissionais qualificados da Argentina na década de 70, do século XX, e a situação do Brasil, na mesma época, no contexto da América Latina. Em seguida apresentamos os diferentes enfoques teórico-metodológicos que têm guiado as pesquisas de migração, e discutimos os usos e as dificuldades associadas às suas aplicações com o propósito de chamar a atenção para as vantagens associadas ao emprego do Enfoque da Análise de Redes Sociais em relação às outras abordagens. Para concluir, na terceira seção situamos o percurso metodológico que inclui as razões da escolha temática, o desenvolvimento do roteiro das entrevistas e considerações sobre o trabalho de campo. Todos estes aspectos se entrelaçam na construção do objeto de pesquisa.

1.1. ANTECEDENTES

Joaquim Salvador Lavado nasceu na cidade de Mendoza (Argentina) em 17 de julho de 1932. Desde pequeno foi chamado pela sua família de QUINO para distingui-lo de seu tio Joaquín Tejón, pintor e desenhista publicitário. Graças a este último, Quino descobriu desde cedo sua vocação como desenhista. 1963 foi um ano fundamental na vida do autor, pois cria a “Mafalda”. Os anos seguintes confirmam o sucesso desta personagem de quadrinhos que começa a aparecer em diferentes jornais e revistas de todo o mundo.

Mafalda é uma menina de seis anos. Os seus comentários e ocorrências são os reflexos das inquietudes sociais e políticas dos anos 60. Filha de uma típica família de classe média argentina, Mafalda representa o inconformismo da humanidade, mas com fé na sua geração. Seus ódios mais nítidos abarcam a injustiça, a guerra, as armas nucleares, o racismo, as absurdas convenções dos adultos e a sopa. Entre as suas paixões figuram os Beatles, a paz, os direitos humanos e a democracia.

Quino, utilizando Mafalda como instrumento de comunicação, apresenta estas tiras no primeiro livro da coleção:⁴



O autor já identifica a fuga de cérebros como problema social da Argentina daquele momento. Na tira, Mafalda expressa o seu medo de ter que ir embora da Argentina – pois acaba de terminar o jardim de infância – como acontece com muitos profissionais que acabam um curso no seu país. É justamente nesse momento histórico que começa a chegada de imigrantes qualificados ao Brasil.

Para contextualizar a problemática desta pesquisa recorremos a um estudo empreendido pelo Escritório Internacional do Trabalho em um projeto patrocinado pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID) sobre *A migração de mão de obra qualificada ("brain drain") dos países em desenvolvimento: análise do impacto e questões políticas*. A autora, Adela Pelegrino, faz uma revisão dos antecedentes históricos dos padrões migratórios da Argentina e do Uruguai e demonstra como a migração qualificada estava relacionada à evolução

⁴ QUINO, *Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor. 1963.

sócio-econômica e política dos países de origem. As crises econômicas e os altos níveis de desemprego do último decênio têm produzido novas ondas de emigração, provocando o *brain drain* em ambos os países.

Segundo a autora, Argentina e Uruguai encontram-se entre os países latino-americanos que mais cedo desenvolveram sistemas de educação pública. Por volta da metade do século XX já se distinguiam no contexto latino-americano por ter conseguido praticamente exterminar o analfabetismo enquanto parcelas significativas da população ingressavam na educação secundária e terciária. Na Argentina, onde o objetivo de universalizar o ensino primário e secundário determinou um nível educativo médio de sua população superior à média latino-americana, a formação de profissionais e técnicos alcançou desenvolvimento considerável. As universidades tinham uma tradição sólida e bom rendimento na formação de profissionais, e a elas se dirigiam estudantes de outros países da região.

En cuanto al desarrollo de la investigación científica y tecnológica, ésta arrancó muy tempranamente con respecto al resto de la región y un proceso de institucionalización que comenzó en las últimas décadas del siglo XIX, le dio un impulso que la llevó a un importante desarrollo en la primera mitad del siglo XX (Albornoz y Kreimer, 1999; Myers, 1992; Oteiza, 1992), lo que ubicó a este país en condiciones muy por encima de los promedios de la región latinoamericana en lo que tiene que ver con ciencia y tecnología (CyT). La década de 1950, luego de finalizada la segunda presidencia de Juan D. Perón en 1955, se crearon una serie de instituciones destinadas a promover el desarrollo científico y tecnológico en diferentes áreas: se refundó la Comisión de Energía Atómica (1956) el Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI) (1956) se creó el Instituto Nacional de Tecnología Agraria (INTA) y en 1958 el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), este último fuertemente inspirado en su organización en el CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) de Francia (PELLEGRINO, 2003, p.15).

A autora explica que o desenvolvimento científico iniciado na primeira metade do século XX alcançou seu auge na década de 1960. A obtenção de três prêmios Nobel em ciência – Bernardo Houssay, em 1947; Luis Leloir em 1970 e César Milstein em 1984 (este último obteve o prêmio trabalhando na Universidade de Cambridge (RU), embora sua formação acadêmica e sua primeira etapa como pesquisador tenham ocorrido na Argentina) – é o resultado de um processo de conhecimento acumulado e não deve ser considerado como sucessos individuais isolados. Paradoxalmente, é a partir da década de 1960 que se verifica em ambos os países uma tendência crescente à emigração de sua população, composta em grande

medida por pessoas com elevado nível educativo. A partir deste período se produziu uma dispersão de cientistas e pesquisadores argentinos por distintos lugares do mundo desenvolvido, assim como para países em desenvolvimento com alta demanda de pessoal qualificado. Venezuela e Chile receberam cientistas e professores universitários argentinos por ocasião do êxodo da década de 1960. Posteriormente, Brasil e México se converteram também em destino para estes migrantes. Neste sentido, a partir de 1966 renunciaram a suas tarefas científicas na Universidade de Buenos Aires 1.378 pessoas, das quais 301 emigraram para outros países (SLEMENSON *apud* PELLEGRINO, 2003, p.16).

Dentre as causas da emigração, a autora destaca:

- em ambos os países a crise econômica da década de 1980 (a crise “da dívida”), bem como as sucessivas reformas econômicas conduziram a mudanças importantes nos investimentos em educação e pesquisa. Simultaneamente houve um retrocesso do desenvolvimento industrial. A crise se instalou na região, embora com impacto diverso. Enquanto os países do sul do continente mostravam os sintomas da crise, outros como Brasil, Colômbia, Equador, República Dominicana, Guatemala e Paraguai apresentavam níveis de crescimento econômico superior aos períodos anteriores;

- o desemprego alcançou na metade da década de 80 níveis até então desconhecidos na região do Rio da Prata. Segundo a autora:

En el caso de Argentina, el desempleo entre los graduados universitarios ha sido históricamente menor que en el conjunto de la población activa. Sin embargo, se ha observado un crecimiento apreciable del subempleo entre las personas con estudios universitarios completos o incompletos (INDEC, 1998). (...) Hacia finales de la década de 1990 el desempleo alcanzó niveles nunca conocidos en la historia de Argentina (16%). Aunque el desempleo entre los profesionales era mucho más bajo aumentó desde el 1,6% en 1990 al 7,8% en el año 2000. De acuerdo a una encuesta realizada por el Ministerio de Educación entre los graduados de las instituciones de tercer nivel, existe una importante heterogeneidad de situaciones dependiendo de las áreas de trabajo y las mujeres se encuentran en una situación mucho peor que la de los hombres (*Clarín Digital*, 8 de agosto de 2000) [...] Un sector importante de la población que está sobrecalificada para el tipo de trabajo que realiza (PELLEGRINO, 2003, p.25).

- os salários em ambos os países são mais baixos que em outros países latino-americanos, especialmente Brasil e Chile;

- a falta de infra-estrutura nos laboratórios surge como um fator crescente no descontentamento com as condições de trabalho, havendo verdadeira disparidade entre as diferentes instituições. Em ambos os países os empréstimos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) têm contribuído para melhorar sensivelmente a infra-estrutura, embora existam problemas importantes relacionados com a disponibilidade de fundos para a manutenção e a renovação da mesma;

- em contraste com as “glórias nacionais” do passado, o desenvolvimento científico argentino passou a ser limitado pelo insuficiente investimento do Estado, que destina apenas 0,5% do Produto Interno Bruto – PIB – para ciência e tecnologia. Existem dificuldades também para efetivar a participação da indústria e as atividades produtivas no financiamento da investigação;

Neste ponto a autora traz à discussão duas posições opostas sobre o investimento em ciência e tecnologia e o papel do governo:

Algunos han sostenido que esa sigue siendo una preocupación central de los gobiernos, sólo que la crisis económica y las restricciones financieras del sector público no permiten tomar las medidas adecuadas. En cambio, la visión de otros interlocutores fue que la emigración calificada, así como el desarrollo científico y tecnológico no constituyen prioridades para el mundo político de Argentina y Uruguay y que la no formulación de políticas consistentes y duraderas sobre el tema, es una expresión más del desinterés gubernamental (PELLEGRINO, 2003, p.26).

Esta situação continua sendo o panorama dominante na região, mas, dada a forte tradição da educação superior, estes países continuam produzindo profissionais e técnicos que são recebidos nos países desenvolvidos, assim como naqueles menos desenvolvidos.

Na seqüência, a autora analisa uma mudança de direção no deslocamento populacional. Em 1983, o fim da ditadura militar permitiu o retorno dos exilados, muitos deles com antecedentes destacados de qualificações. A volta da democracia implicou um estímulo aos projetos de desenvolvimento científico e tecnológico. No entanto, as políticas implementadas desde então não têm priorizado suficientemente este tipo de atividade e o financiamento das universidades e centros de pesquisa têm sido severamente afetado pelas reduções derivadas das políticas de ajuste e

das políticas orientadas a retirar o apoio do Estado ao desenvolvimento científico e tecnológico. A autora afirma que:

Los 18 años de gobierno democrático no han logrado recomponer el panorama de la investigación científica y tecnológica. No solamente no se crea un ambiente propicio para evitar el *brain drain*, sino que no se ha logrado consolidar un sistema que permita mayor interacción entre empresarios e investigadores. Según un entrevistado, la inversión en CyT se ha restringido significativamente con la crisis económica y los procesos de reforma y ajuste estructural, pero tampoco se ha avanzado en la formulación de políticas apropiadas (PELLEGRINO, 2003 p.17).

O Brasil, diferentemente de outros países latino-americanos como Venezuela e México, continua sendo um país atraente à migração. Segundo o estudo, é o único país que adota uma política de estímulo à integração entre indústria, universidades e centros de investigação. Somam-se a isso, melhores salários, melhores condições de trabalho (infra-estrutura, disponibilidade de materiais, instrumentos, etc.) e o reconhecimento de parte da sociedade.

Em termos de inserção ocupacional, a participação relativa de profissionais e técnicos é maior nos países latino-americanos que nos Estados Unidos e Canadá, com destaque para os altos índices observados no Chile e no Brasil em 1990.

O estudo aponta que, ao final da ditadura, houve na Argentina medidas governamentais no sentido de promover o retorno dos exilados, dentre as quais se destacam:

- o decreto 1798, de 8 de junho de 1984, que criou a Comissão Nacional para o Retorno dos Argentinos no Exterior;

- as políticas de retorno implementadas pela *Comisión Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – CONICET* – desde sua fundação em 1958, cujas medidas consistiam no pagamento de passagem e um subsídio para instalação, que logo se ampliaram a outros benefícios (pagamento de passagem para cônjuge e filhos menores de idade). Em 1987, o *CONICET* criou a categoria de membro correspondente para a carreira de pesquisador em ciência e tecnologia, para a qual puderam ser nomeados, a título honorário, argentinos residentes no exterior. Estes pesquisadores podem ser contratados por períodos breves ou incorporados de forma plena;

- na esfera privada a *Fundação Antorchas*⁵, que outorga subsídios para a reinstalação no país de bolsistas de pós-doutorado e também subsídios para a repatriação de cientistas residentes no exterior que optem por regressar à Argentina;

Mesmo com a aplicação dessas medidas, boa parte dos que regressaram não conseguiu uma localização adequada e emigrou novamente. Os problemas econômicos que afetaram a população argentina – e provocaram sua saída para o exterior – repercutiram também nos imigrantes que residiam na Argentina.

Segundo Klappstein (2004), dentro do Mercado Comum do Sul – MERCOSUL – a Argentina é o país com maior quantidade de imigrantes oriundos de países limítrofes, sendo este um fenômeno histórico. O agravamento da crise econômica na Argentina, especialmente na segunda metade da década dos 90, fez com que continuasse o declínio de residentes estrangeiros no país. Paralelamente, o Brasil parece ter se constituído numa nova opção migratória para os migrantes do MERCOSUL, durante os anos noventa.

Para verificar a posição do Brasil no contexto da América Latina tomamos as contribuições de Baeninger (2003), propostas em seu artigo “O Brasil na rota das migrações internacionais recentes”, e os aportes de Sala (2005) contidos em seu trabalho “Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil”. A primeira autora mencionada afirma que:

Brasil figurava até os anos 70 como uma área de evasão populacional para os países vizinhos, em especial para o Paraguai e Argentina. A partir dos

⁵ A *Fundação Antorchas* é uma pessoa jurídica argentina sem fins lucrativos. Seu propósito, segundo define seu estatuto, é realizar atividades que ajudem a melhorar as condições de vida da comunidade. Para cumprir com este objetivo, empenha-se em três grandes áreas: a educação e a pesquisa científica; a cultura; e a promoção social. Com relação a cada uma delas, definiu algumas políticas que orientem sua ação. A fundação atua, principalmente, subsidiando o trabalho de outras entidades ou de indivíduos. Mantém relações de colaboração com duas entidades similares e de igual proveniência que atuam no Brasil e no Chile, respectivamente, Vitae, Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social (São Paulo) e a Fundação Andes (Santiago).

anos 80, o país passa a se configurar como uma das áreas de recepção migratória de latino-americanos (BAENINGER, 2003, p.2).

O crescente nível do desemprego na Argentina e as maiores restrições à imigração, durante a primeira metade da década dos oitenta e segunda dos noventa, podem ter contribuído com o redirecionamento de parte dos fluxos de paraguaios e, em menor medida de bolivianos para o Brasil. Isto pode inferir-se da comparação entre as taxas de crescimento médio anual, nas duas últimas décadas do século passado, dos estoques de naturais dos países do Cone Sul residentes em ambos os países (SALA, 2005, p 37).

O aumento do número de brasileiros nos países da região indica, principalmente a partir de 1980, uma nova situação do Brasil no contexto regional. A presença de brasileiros na Argentina de 1960 a 1991 diminuiu de 48000 para 33000 pessoas, respectivamente, ao passo que de argentinos no Brasil se elevou de 15 mil para 25 mil pessoas nesses 41 anos.

Sala (2005, p.84) acrescenta que as maiores porcentagens de migrantes qualificados correspondiam aos homens e às mulheres argentinos, bolivianos e uruguaios e aos homens chilenos e mulheres paraguaias que fixaram residência no Brasil entre 1970-1979, e que três em cada dez homens e mulheres, tinham estudos superiores completos entre os migrantes que fixaram residência no Brasil nas duas décadas anteriores ao censo de 2000.

Sala (2005) mostra a mudança na direção do fluxo migratório. O Brasil conta com a entrada de fluxos imigrantes de mão-de-obra qualificada vindos da Argentina e do Chile em direção principalmente à metrópole de São Paulo. Nos anos 1980, 1991 e 2000, a maioria dos argentinos, bolivianos e chilenos residia no estado de São Paulo; porém nas duas últimas décadas, os estados próximos às fronteiras da Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia têm registrado um incremento importante das populações dos naturais desses países.

No ano 2000, um terço dos argentinos morava nos estados da região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). [...] durante a década de noventa, a migração para o Brasil dirigiu-se, fundamentalmente, aos estados de fronteira e, secundariamente, a São Paulo, embora este estado ainda concentrasse, no ano 2000, a maior parte da população nascida na Argentina, Bolívia e Chile. O caráter preponderantemente fronteiriço da residência dos migrantes recentes teria levado como conseqüência, à redução, na década passada, da proporção dos argentinos, paraguaios e uruguaios, domiciliada no estado de São Paulo (SALA, 2005, p 54).

Em síntese, São Paulo concentra os imigrantes argentinos mais antigos, e Santa Catarina e Paraná, os mais novos. Quase três quartos dos argentinos residiam há mais de 10 anos, no primeiro estado. São Paulo apresentou a menor proporção de pessoas que havia fixado residência no decênio anterior ao censo demográfico. Esse fluxo muda o direcionamento de São Paulo para os estados fronteiriços. Santa Catarina participa como um dos principais estados receptores desse fluxo. De cada 48 argentinos, em 2000, que se mudaram para os municípios catarinenses depois de 1995, em torno de 27 tinham como origem, no início do período, a própria Argentina, e cerca de 20, outros municípios brasileiros. Estes dados indicam forte aceleração da migração da Argentina para Santa Catarina, no segundo quinquênio dos anos noventa, com origem tanto na Argentina, quanto em outros municípios brasileiros.

Baeninger (2003) agrega uma característica importante para analisar os deslocamentos. Distingue o caráter urbano da imigração para o Brasil em contraposição ao caráter rural da emigração de brasileiros para outros países da América Latina:

Para o fluxo de entrada de latino-americanos configuram-se grupos sociais distintos e, em particular, com destino metropolitano; já na emigração de brasileiros para os países de América Latina predominam os agricultores, em direção às áreas de fronteiras. Nesse sentido o Mercosul precisa também considerar, na elaboração de suas políticas, esses diferentes fluxos que compõem as migrações na região (BAENINGER, 2003, p.2).

1.2 DAS ESTRUTURAS AOS AGENTES, DOS AGENTES ÀS RELAÇÕES SOCIAIS

A teoria social contemporânea tem enfrentado o problema de como combinar abordagens macro e micro-sociológicas para o entendimento das relações sociais, ou ainda, a relação entre agência (das ações individuais a ações coletivas) e estrutura (institucionalidade do social), num mundo cada vez mais interconectado por processos de informação.⁶

⁶ A abordagem do fenômeno da mobilidade das populações humanas no espaço pede nos últimos anos um especial interesse em estudos sociais de caráter interdisciplinar. São muitos os estudos

Uma síntese elucidativa de algumas trajetórias teórico-metodológicas na análise da relação entre agente e estrutura nas migrações de população poderão ser úteis ao objetivo deste projeto de pesquisa, conforme segue:

- *Tradição nos estudos migratórios: Os enfoques economicistas*

Numerosa bibliografia sobre estudos migratórios teve como fundamento teórico a correlação entre os diferentes modelos de produção e a mobilidade da população. De acordo com esta perspectiva, a população se comportaria a partir de uma lógica econômica fundada na dependência e na relação entre oferta e demanda de mão-de-obra.

Modelos de crescimento elaborados pelo Clube de Roma e a Organização Internacional do Trabalho durante os anos 70, em sua tentativa de gerar modelos aplicáveis a grandes escalas nos quais se integravam um importante número de variáveis, vinculam estreitamente o crescimento econômico com a suposta evolução das sociedades constituindo a migração um dos principais fatores de regulação. Neste plano de análise, Lee (1975) classifica os fatores que influenciam na migração em fatores de expulsão e de atração associados aos lugares de origem e de destino, que se apresentam negativamente na zona de origem e positivamente na zona de destino. Diferentes abordagens sobre o tema migratório enfatizam os fatores de expulsão, ignorando ou julgando irrelevantes as decisões dos migrantes. A partir da perspectiva de modelos baseados no princípio de atração-repulsão, os deslocamentos populacionais se orientam de âmbitos desfavorecidos para aqueles com melhores condições. Estes estudos se estabelecem a partir de critérios de nível de vida expressados em termos econômicos, uma topologia dos fluxos migratórios entre as regiões de origem e destino.

O princípio de atração-repulsão se inscreve na linha da economia capitalista de crescimento, buscando determinar o nível de competência existente entre as regiões, as necessidades de emprego, a oferta de domicílios e de terras, o nível de

realizados sob diferentes ópticas, o que tem como resultado uma abundante produção bibliográfica e discussão em diferentes reuniões acadêmicas.

vida e identificar os fluxos provocados pelas distorções observadas (DOMENACH e PICOUET, 1998). Este enfoque concede grande importância à distância como fator que incide na tomada de decisões no momento de migrar.

Seguindo este enfoque, as relações pessoais têm importância na tomada de decisões para avaliar a possibilidade de migrar. Consideram-se as diferenças evidentes quanto aos níveis de qualificação, educação, ingresso, etc. São considerados também aspectos de tipo psicológicos, afirmando que existem pessoas que “resistem” e outras para as quais lhes “agradam” as mudanças de residência e outros tipos de mudanças (LEE, 1975, p.112).

O alcance deste modelo reduz-se praticamente à verificação empírica de determinados aspectos formais da migração. É pouco o que, através deste modelo, se pode avançar a respeito de elementos explicativos de muita importância, como aqueles relacionados com as condições internas ou específicas em que se desenvolve o processo migratório. A busca de leis gerais da migração, muito usual nesta perspectiva, tem dificultado enormemente a compreensão destas particularidades.

- As migrações segundo a corrente de análise histórico estrutural de concepção marxista

Esta concepção, que se desenvolve durante a década dos 70, tem tratado de buscar as causas das migrações nas determinações do modelo de acumulação dominante, destacando as necessidades de força de trabalho que provêm deste modelo de acumulação.

Esta corrente de análise concebe a formulação de leis gerais onde as respostas às causas das migrações se encontram no modelo de acumulação. Enfatiza-se a necessidade de levar em conta a natureza hierárquica das sociedades, as diferenças entre os setores sociais e as relações de dependência entre os países periféricos e os de maior desenvolvimento capitalista. As migrações se contextualizam num processo social imerso dentro do processo de desenvolvimento global. A rigidez deste modo de análise diminui o poder explicativo de tal corrente, anulando as particularidades.

Identificam-se os “fatores de estagnação” e “fatores de mudança” associados com as zonas de “origem” e as de “destino” da migração, respectivamente (SINGER, 1977, p.40-41). Tais fatores estão associados com aspectos econômicos e em menor medida ecológicos que se manifestam nos pólos de expulsão e de atração. Os fatores de estancamento se dão nas zonas de expulsão e obedecem, segundo Singer, a uma crescente pressão populacional sobre os recursos (terra) ou pela concentração da propriedade agropecuária. Os fatores de mudança, próprios de zonas de atração, derivam da introdução de relações capitalistas no campo.

A perspectiva histórico-estrutural tem sacrificado a análise ao nível micro, onde ainda falta resolver o problema de como a dimensão estrutural, econômica e social se vincula com o comportamento dos indivíduos. Consideram que as migrações se originam como consequência do sistema de estratificação das sociedades tradicionais, que se manifesta na diferença de oportunidades de trabalho nos lugares de saída e de destino e o migrante é um sujeito passivo, vítima das circunstâncias.

- As migrações sob o enfoque da modernização

Este enfoque se centra nas contribuições de Gino Germani (1969) e visualiza as migrações internas como um processo de mobilização social que é funcional para a passagem de uma “sociedade tradicional” para uma “sociedade moderna”, reconhecendo que tal processo se dá de maneira diferente segundo o grau de desenvolvimento das sociedades.

Sob esta perspectiva, em todos os países existe um sistema de estratificação e mobilidade social que constitui uma necessidade funcional, o núcleo de tal sistema e a existência de diferentes recompensas que garante que as pessoas adequadas ocupem as posições mais importantes e desempenhem corretamente as obrigações inerentes a elas.

Este enfoque, de concepção estrutural, atribui as diferenças ao ritmo e seqüência da transição demográfica e urbana e aos fatores psico-sociais a ela

ligados. Enfatizam-se as características estruturais diferenciais entre sociedades periféricas e centrais.

- As migrações sob a perspectiva dos enfoques analíticos

A partir do enfoque analítico é possível recuperar alguns postulados de Giddens (1997), Polanyi (1997) e outros autores que se definem a favor dos agentes e não das estruturas. A discussão estabelecida por Polanyi estabeleceu as bases de uma revisão e uma reconversão sobre a relação entre economia e sociedade. O debate estava centrado fundamentalmente na crítica à visão do processo histórico como afirmação progressiva do mercado auto-regulado, visão que, como demonstrou Polanyi, encontrava sua inspiração e sua origem numa das tradições teóricas da economia que havia levado a uma fratura entre Ciências Econômicas e Ciências Sociais. Polanyi contrapôs duas tradições de estudo da economia com diferentes concepções. De um lado a tradição dos clássicos – desde Adam Smith a Karl Marx – que nunca puseram em dúvida a estreita relação entre economia e sociedade, concebendo a sociedade encapsulada no sistema econômico. Por outro lado, a tradição dos neoclássicos – cujo maior expoente era David Ricardo – para os quais, inversamente, o sistema econômico se tornou diferente e autônomo da sociedade. *“A sociedade foi subsumida desta maneira ao sistema econômico antes que ao invés”* (POLANYI *apud* RAMELLA, 1995, p.42)

Contra o enfoque economicista que aplicava os esquemas da teoria econômica neoclássica à sociedade pré-industrial, o paradigma substantivista de Polanyi inverteu o enfoque para o impacto das relações sociais na economia.

É neste sentido que, ao confrontar-se com os mercados, o conceito de rede social reafirmou em toda sua atualidade a lição de Polanyi. As contribuições de sua análise que mais nos interessam pontualmente são aquelas que nos remetem a resolver a questão do mercado de trabalho, problema que direta ou indiretamente afeta qualquer pesquisa sobre a migração. *“Es en esta dirección que el enfoque de las redes sociales contribuirán para reformular los fenómenos económicos, fundando sobre el microanálisis de los lazos personales un nuevo marco de referencia teórico para el análisis macro del mercado”*. (POLANYI *apud* RAMELLA, 1995, p.43).

Já Giddens centra sua atenção na existência de uma diferenciação básica entre natureza e sociedade: a primeira não é produzida pelo homem, enquanto a segunda sim.

Las convenciones invocadas en la organización de la vida social nunca son hábitos ciegos [...] la conducta de la vida social supone una continua "teorización" y aún el hábito más inveterado, o la vida social más arraigada, supone una atención reflexiva y continua" (GIDDENS, 1997, p.15-16).

Para isto, o autor analisa a sociedade concentrando-se em seus membros: os agentes. Define-os como teóricos sociais práticos que compartilham um saber comum e realizam ações – com sentido e intencionalidade – que podem gerar transformações no social.

Estas observações permitem analisar a migração como um fenômeno de natureza subjetiva, na qual o agente como migrante realiza uma ação que possui significado e intencionalidade, mobilizando para tais fins os recursos relacionais que tem a sua disposição.

Ramella (1995) define os recursos relacionais como relações pessoais que servem para conseguir informação, escolher o destino e inserir-se no mercado de trabalho da sociedade receptora; consideradas estas relações como um fator potente a ter-se em conta no momento de planejar a mobilidade espacial. Porém, o lançamento dos elos por cada identidade individual, além disto, segue uma racionalidade restrita que é pautada apenas esporadicamente por cálculo maximizador, e até tenta alcançar determinados objetivos locais, mas não consegue antecipar inteiramente os movimentos dos demais jogadores (que no caso da rede são realmente muitos) e especialmente o efeito complexo da superposição de suas ações. Como conseqüência, efeitos não previstos surgem com freqüência como resultados e, embora retrospectivamente a racionalidade possa parecer cristalina, onipotente e direcionada a fins, os resultados se devem a uma combinação de efeitos não intencionados e ao acaso, demonstrado por Padgett e Ansell.

Alejandro Giusti e Laura Calvelo (1999) sugerem que este enfoque corre o risco de converter o estudo das migrações em um conjunto de análises de casos

particulares de difícil articulação entre si, ainda que reconheçam nele a existência de desenvolvimentos teóricos orientados a buscar a ordem.

- Os estudos das migrações desde o enfoque da análise de redes sociais

Como superação dos enfoques anteriores se apresenta a perspectiva da análise das redes. Esta tenta compreender a racionalidade dos indivíduos e grupos. As análises estruturalistas pecam por constranger de forma radical os movimentos dos atores a suas posições sistêmicas. As perspectivas radicais da escolha racional, por outro lado, adotam um conceito de racionalidade que pode libertar excessivamente os agentes dos contextos mais amplos que caracterizam especificamente cada situação, tornando-se de difícil aplicação para a análise de processos sociais mais complexos e de longo prazo. A teoria de Redes sociais introduz um novo nível de entendimento denominado por alguns autores de “meso”

La teoría de las redes sociales, como base epistemológica, introduce un nuevo nivel de entendimiento de los fenómenos sociales, denominado por algunos autores como meso, entre la concepción más individualista en la que priman como elementos explicativos las características y circunstancias más adscritas a la persona (nivel micro), y otra concepción más contextual en la que se buscan factores condicionantes en un entorno más o menos vasto en el que esta persona se ubica en uno u otro sentido (nivel macro), se va asentando como perspectiva que, aún no siendo del todo novedosa, va no obstante evolucionando rápidamente gracias en gran parte a su avance paralelo a las herramientas estadísticas e informáticas que permiten su traducción analítica y su aplicabilidad en estudios empíricos. Así, el empuje experimentado en los últimos años por el análisis de redes en las ciencias en general y, más específicamente, en el análisis de redes sociales en aquellas ramas más humanísticas, ha actuado como incentivo del interés que despierta su incorporación a la investigación en facetas multidisciplinares (LUKEN, 2006, p.1)

Contudo a teoria de redes sociais não é auto-suficiente. Como afirma Santos (2005, p.61), a rede social não pode descuidar-se do que foi invocada a interpretar, no seu caso a migração e se apoiando em Sayad considera que:

A migração foi estreitamente e tão só vinculada à questão de desemprego, e o e/imigrante é equiparado à mão de obra. Esse manuseio da migração como problema de desemprego traz ainda um problema de ordem epistêmica: a migração já se adentra como objeto de estudo nas ciências humanas como um problema social, seguindo a lógica do discurso comum. Ao reduzir a migração ao desemprego, as ciências sociais perdem a compreensão da complexidade desse processo, que é sobretudo uma questão política (SANTOS, 2005, p.63-64).

As redes são o “conjunto de ações” que mostram as relações internas entre as diversas condutas da vida cotidiana. No caso da mobilidade espacial, constituem organizações mais ou menos espontâneas dispostas para facilitar a integração dos recém chegados ao contexto de destino.

Os fluxos migratórios se apóiam em importantes e bem organizadas redes de migrantes definidas como um “tejido de relaciones interpersonales en las cuales los individuos estaban inmersos – en tiempos y espacios determinados – y que entretejían en torno a si mismos” (RAMELLA, 1995, p.48). Em outras palavras, considera-se o conjunto de relações – de parentesco ou não – que permitem a cada indivíduo conhecer a possibilidade de estabelecer-se em um novo espaço e contar com a ajuda necessária para fazê-lo. Esta ajuda pode referir-se à obtenção de trabalho no novo lugar ou a obtenção de alojamento no momento de chegada.

A informação, como base para a geração do conhecimento e ação social, e as relações existentes entre os indivíduos, fazem parte do capital existente nas sociedades e, como tal, servem de base para o desenvolvimento social e econômico.

A participação em redes está associada ao capital social estrutural, sendo muito relevante compreender o tipo de rede que se está observando. Por sua vez, o capital social é definido como normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais.

Pierre Bourdieu trata o capital social como a soma dos recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizada em campos sociais. Os recursos são empregados pelas pessoas a partir de uma estratégia de progresso dentro da hierarquia social do campo, prática resultante da interação entre o indivíduo e a estrutura. Cada campo social se caracteriza como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que significa dizer que os campos sociais se estruturam a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que cada agente específico ocupa em seu interior. P. Bourdieu denomina esse *quantum* de “Capital Social” (MARTELETO, 2004, p.41).

Segundo Rivoir (1999, p.8), na Análise de Redes Sociais não interessa centrar a análise nos atributos dos indivíduos, nem na distribuição estatística de

suas características, já que isto os converte em grupos abstratos. Contrariamente, busca-se partir não de categorias formuladas *a priori* e sim detectar por meio de análise empírica as relações reais que existem. Segundo a autora:

Um dos traços mais característicos desta abordagem é que sua unidade de análise são as relações entre os atores, ou seja, estudam-se os sistemas de relações entre indivíduos e elementos na medida em que estejam ligados ou suscetíveis de se ligarem a outros. A análise da rede não deve ser tomada como um fim em si mesmo, senão para mostrar que a forma da rede explica os fenômenos analisados (DEGENNE *apud* RIVOIR, 1999, p.8).

No Brasil, as teorias apoiaram-se principalmente em análises macroeconômicas num primeiro momento, dando ênfase, sobretudo, às determinações econômicas e pouca consideração à dimensão política, social e cultural do processo migratório. Ao priorizar somente a estrutura econômica, o olhar sobre a migração se viu limitado à análise de oferta e procura de emprego, ou na teoria da repulsão e atração de determinadas regiões (SANTOS, 2005). A mesma autora expõe:

A experiência cotidiana dos que saem de um lugar para outro, a variabilidade de suas práticas sociais, as estratégias e os recursos que disponibilizam, os contatos tecidos no trajeto da migração, as relações de sociabilidade entre os migrantes e as articulações internas e externas ao seu grupo apresentavam-se ausentes nas análises macroestruturais (p.52).

Devido ao fato do fenômeno da migração internacional ser recente no Brasil, Santos (2005) afirma que os estudos migratórios neste país têm se apoiado principalmente na abordagem de Massey e Tilly:

Massey (1987) e C. Tilly (1990) enfatizaram em suas análises que a presença e o fortalecimento das redes sociais são tão decisivos quanto a oferta de trabalho no impulso para a migração.[...] Sustenta Massey que a migração é um processo social estruturado e que, uma vez iniciado, torna-se cumulativo, mantido através das idas e vindas dos migrantes entre as comunidades de origem e de destino. Esse movimento é mantido e reforçado por diferentes tipologias de ligações sociais. (SANTOS, 2005, p.53).

Já a análise de Tilly sobre as redes sociais atenta para o seguinte princípio: “o processo migratório é seletivo, pois nem todas as pessoas de um mesmo local de origem migram. A organização social dos migrantes constrange e/ou facilita o movimento das pessoas” (TILLY *apud* SANTOS, 2005, p.54).

Outros autores trazidos por Santos (2005, p.53), como Boyd (1989), Sassen (1988) e Graeme (1997, 1998) vêm a confirmar o anterior ao evidenciarem em seus trabalhos que a migração internacional ocorre ancorada nos laços das redes pessoais de relações. Estas por sua vez favorecem a circulação de informações e de pessoas, aliciando, moderando e facultando o traslado e o alojamento do migrante. Estratégias são acionadas entre os participantes da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais.

Recentemente na Argentina verificou-se que na localidade de Esperanza⁷ as relações pessoais, como canais de informação, se colocam entre os agentes e as estruturas, configurando as redes de contato um passo prévio à migração que necessariamente determinará quem tomará qual trabalho no lugar de destino (BURGOS, 2006).

Assis (2003) chama a atenção para as redes sociais no processo de migração. Superando a tradicional idéia de pensar a migração apenas como fator da quebra dos laços, a autora comprova que esta possibilita novos arranjos familiares e de gênero. Para tanto, segundo a autora, um outro conjunto de fatores de ordem não-econômica parece ter impacto na seletividade da migração.

Surgida no pós-guerra, da revisão dos conceitos estruturais nas pesquisas sociais, a “Análise de Redes” tenta superar a análise vinculada unicamente a organizações formalizadas e abre o interesse pelas interações entre indivíduos pautadas por decisões próprias, em diferentes níveis.

Neste sentido, até o início do ano 1970, se enfocava os vínculos entre entidades e a distribuição dessas em redes. Essa análise explorava apenas a conectividade. Já a partir dos anos 70, inovações técnicas e desenvolvimentos

⁷ A cidade de Esperanza se localiza na região dos pampas a 100 km da cidade de Santa Fé, na República Argentina. A localidade é conhecida por constituir a primeira colônia agrícola do país vizinho.

metodológicos permitiram a realização de análises centradas também nas posições e na estrutura das redes. A abertura desta linha de análise levou à constituição do campo teórico e analítico no qual a análise de redes sociais se encontra neste início do século XXI (MARQUES, 2000). Esta linha de análise parte do estudo de uma série de situações concretas para investigar a interação entre as estruturas presentes e as ações, estratégias, identidades e valores. Segundo esta visão, as redes constroem as ações e as estratégias, mas estas também as constroem e reconstroem continuamente (TILLY, 1990).

É possível reconhecer, pela revisão bibliográfica, trabalhos que abordam o tema da mobilidade espacial da população sob esta perspectiva:

No estudo das correntes migratórias, dois estudos clássicos são os de John Barnes e Elizabeth Bott. Barnes foi o primeiro a utilizar a Análise de Redes explicitamente em seu estudo "*Class and Committees in a Norwegian Island Parish*" (1954). Descreve no estudo o sistema social de uma pequena comunidade norueguesa de pescadores e granjeiros. Em sua análise distinguiu três campos sociais: o sistema territorial, o industrial e um terceiro constituído pelo parentesco, a amizade e outras relações, com vínculos em contínua transformação e sem organização estável nem coordenação global. O autor concluiu que entre a sociedade tradicional e a moderna há diferenças na malha da rede. No primeiro tipo de sociedade a rede é mais densa em razão do maior número de relações entre parentes e amigos, enquanto na segunda os buracos da rede são maiores já que os vínculos de relacionamento não são tão estreitos.

Em seu trabalho "*Family and Social Network*" (1957), Elizabeth Bott estuda a vinculação entre os papéis de marido e mulher e sua variação direta com a vinculação da rede social de familiares. Através de entrevistas extensas e análise das relações existentes, conclui que as redes fechadas surgem quando os membros do matrimônio são da mesma área local e continuam ali vivendo.

Do ponto de vista metodológico, desde os primeiros trabalhos sobre o tema começam a se desenvolver as medições e a análise quantitativa em geral e se consolida a denominação de "Análise de Redes Sociais".

Na América Latina, o trabalho de Larissa Adler Lomnitz representou um divisor de águas na análise das redes sociais. Em “*Como sobreviven los marginados*” (2003) a autora estuda as redes de intercâmbio numa favela no México. Utiliza o conceito de redes sociais tanto como categoria analítica assim como recurso metodológico.

Enfatiza-se até aqui a análise das redes sociais no estudo das migrações, que vem complementar os estudos centrados na análise de variáveis econômicas com a necessidade de investigar a interação entre as estruturas presentes nas relações sociais e suas posições dentro dos campos sociais.

Pode-se concluir que a tentativa de se pensar um caminho teórico-metodológico no estudo das redes migratórias encontra um campo fértil na Análise de Redes Sociais, buscando superar a dicotomia entre o estudo de agentes e estruturas, unificando-os em um movimento conjunto.

1.3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Como orientar uma pesquisa de migração qualificada? Especificamente, a pesquisa sobre migração qualificada de argentinos para Florianópolis foi orientada pelos procedimentos ou técnicas usadas na Análise de Redes Sociais. A análise de Redes Sociais interessa a pesquisadores de vários campos do conhecimento que, na tentativa de compreenderem o seu impacto sobre a vida social, deram origem a diversas metodologias de análise que têm como base as relações entre os indivíduos, em uma estrutura em forma de redes. As redes são sistemas compostos por “nós” e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações) conectados por algum tipo de relação.

Uma possibilidade de integrar a rede na análise geográfica é dada por Marques (2000) em seu estudo sobre políticas urbanas no Rio de Janeiro. O autor mostra, a partir de seu estudo do setor de saneamento no Rio de Janeiro, que essa

metodologia dá sustentação às análises sobre políticas urbanas. Marques expõe que os estudos sobre políticas públicas urbanas e seus impactos na sociedade não obtiveram êxito devido ao esgotamento de um arcabouço teórico que desse sustentação às análises, em grande parte filiadas a trabalhos de inspiração marxista estruturalista. Finalmente aponta que após a crise do formalismo interpretativo, os estudos urbanos passaram a ser mais detalhados e muito mais próximos dos atores sociais. Entretanto as análises acabaram por dar muita ênfase no particular e no micro, o que levou a uma análise reduzida e uma literatura altamente fragmentada e dispersa.

Durante o desenvolvimento de sua pesquisa o autor expõe que são três os usos possíveis da rede no campo das Ciências Sociais. Em primeiro lugar está a utilização de rede como metáfora, estando presente em numerosos estudos que trabalham, às vezes de forma periférica, com a idéia de que entidades, indivíduos ou mesmo idéias estão de alguma forma conectados entre si. Uma segunda maneira de utilizar a rede tem um aspecto normativo, determinando certas configurações de um dado conjunto de entidades de maneira a alcançar certos objetivos. A terceira forma de utilização da rede é a que diz respeito especificamente à análise das redes sociais.

Marques considera a rede não apenas como metáfora da estruturação das entidades na sociedade, mas também como método para a descrição e a análise dos padrões de relação nela existentes. Essa utilização metodológica se baseia na “Sociologia Relacional”. Esta sociologia não pretende ser nova, embora a utilização dos métodos e das técnicas recentes permita focar em um novo patamar analítico as relações sociais, em substituição aos atributos de grupos e indivíduos. Dados de atributo dizem respeito a características ou qualidades de indivíduos ou grupos, enquanto dados relacionais envolvem contatos, vínculos e conexões que relacionam os agentes entre si, e não podem ser reduzidos às propriedades dos agentes individuais.

A força da análise de redes sociais está na possibilidade de construir estudos muito precisos nos aspectos descritivos sem impor uma estrutura *a priori* à realidade e aos atores, criando um tipo muito particular de “individualismo relacional”. Esta análise permite a realização de investigações sofisticadas e diretas de nível intermediário dos padrões de

relação entre indivíduos e grupos, de forma a chegar aos tão decantados micro fundamentos sem a perda da visão da estrutura social. A potencialidade aberta por tal metodologia não substitui de forma alguma a utilização de atributos, o estudo de instituições, a análise de decisões e a investigação do espaço, entre outras dimensões, para o que inúmeras outras perspectivas como o neo-institucionalismo, a escolha racional e a análise espacial e urbana continuam tendo muito a contribuir (MARQUES, 2000, p.36).

Uma outra possibilidade de integrar a rede em estudos geográficos é dada por Santos (2005), que visa compreender o processo migratório ocorrido no sul do estado de Santa Catarina em direção aos Estados Unidos. Sua sugestão é utilizar a rede como um método analítico para melhor apreender as migrações internacionais, destacando não somente as determinações sócio-econômicas, como vinha sendo feito em estudos anteriores, mas também aspectos políticos e culturais.

De acordo com a proposta aqui consignada, nosso objetivo é compreender as trajetórias dos migrantes argentinos, através dos aportes teóricos da Análise de Redes Sociais. Especial cuidado deverá ser tomado com as generalizações fáceis e com a visão ingênua das redes sociais e do capital social, no sentido de que tudo possa ser reduzido à rede ou ao conceito de capital social.

Em primeiro lugar, realizamos uma análise documental do estado da questão acerca da abordagem teórico-metodológica' sobre a temática da mobilidade espacial, a partir da qual foram analisados trabalhos realizados sob o enfoque da análise de rede das migrações em casos concretos.

Utilizamos uma metodologia de tipo qualitativa que consistiu principalmente na aplicação da técnica de entrevistas semi-estruturadas conduzidas de forma a:

- a- determinar os tipos de vínculos;
- b- determinar os momentos de constituição dos vínculos;
- c- compreender a trajetória migratória;
- d- determinar padrões de relação, assim como as posições de cada agente na estrutura do campo;
- e- por último, determinar o padrão espacial da migração de professores argentinos para Florianópolis como os limites da rede.

A população-alvo⁸ desta pesquisa é constituída pelos professores argentinos que lecionam na Universidade Federal de Santa Catarina e que totalizam 26 docentes. Na prática foram realizadas 18 entrevistas, já que três deles não concederam entrevista e com três deles não foi possível estabelecer contato. Existem dois casos especiais, dois professores que não foram entrevistados pelo fato de terem o mesmo itinerário migratório que suas cônjuges, professoras da Universidade Federal de Santa Catarina.

A lista inicial obtida no departamento de recursos humanos da UFSC continha doze professores. Conforme avançou o processo de coleta de dados ao longo das entrevistas sobre as redes pessoais dos docentes universitários, apareceram novos nomes de professores que não figuravam na lista original. Indiretamente foi utilizada a técnica “bola de neve” proposta por Marques (2000). O método tem a particularidade de solicitar ao entrevistado que indique outras pessoas envolvidas na problemática, para serem entrevistadas. Quando o cruzamento destas linhas se repete supõe-se que a “borda” foi alcançada. No decorrer do trabalho de campo, as entrevistas foram orientadas em direção aos novos agentes envolvidos na investigação, a fim de cobrir as áreas atingidas pela rede, sendo ela assim pouco a pouco descortinada.

Segundo Marques (2000) as redes de relações são dinâmicas e seus padrões vão sendo alterados ao longo do tempo pelo estabelecimento de vínculos entre os indivíduos, tanto consciente como inconscientemente. A superposição complexa das ações de pessoas, grupos e organizações, transforma continuamente a rede, alterando seus padrões de relação, a distribuição de suas densidades, assim como as posições de cada entidade na estrutura do campo. Foi possível observar em nossa pesquisa essa dinamicidade apontada.

O conjunto de relações entre os acadêmicos argentinos foi representado graficamente através de **sociogramas**. Estes tipos de gráficos partem de

⁸ Barbeta (2006), em seu livro intitulado *Estatística aplicada às Ciências Sociais*, define a População-alvo como o conjunto de elementos que queremos abranger em nosso estudo. São os elementos para os quais desejamos que as conclusões oriundas da pesquisa sejam válidas.

informações de conectividade entre os nós (quem está conectado a quem), formando duplas (conjuntos de dois nós ligados). Este recurso metodológico mostrou a estruturação dos padrões de suas relações, assim como a interpretação das redes que foram se construindo ao longo das últimas décadas.

Finalmente, estabelecemos uma matriz que relacionou o tempo de chegada ao destino e os tipos de vínculos. O recorte temporal inicia na década de 70 do século XX, quando o fluxo migratório se consolida. Os tipos de vínculo, em princípio, seriam dois: **profissional**, que inclui as relações estritamente de trabalho e as relações pessoais e de amizade que não as familiares; e **familiar**, agrupando todos os vínculos familiares, inclusive os adquiridos. Com a premissa de que as relações humanas são marcadas pela complexidade, a rede recebeu mais de uma qualificação, com a qual se elaboraram novas matrizes.

Até aqui a dinâmica temporal permitiu-nos observar como esse fenômeno se configurou durante as últimas décadas, enquanto a dinâmica espacial mostrou como esse fenômeno foi se espacializando no território; com a particularidade de que o recorte espacial foi se construindo ao longo da pesquisa.

1.3.1 Definição da Escolha Temática Espacial. A Ego História

Na pesquisa de campo, um dos imigrantes falou durante a entrevista que a história migratória só pode ser construída muitos anos após o início do processo de emigração. A pessoa migra, muitas vezes, não sendo consciente do fato de que está migrando, ou acha a migração um fenômeno temporário e reversível. Do mesmo modo, quando comecei a minha pesquisa sobre as migrações, ainda na Argentina, tive a convicção de que o estudo seria temporário no âmbito do trabalho de conclusão do curso de bacharel em Geografia. Atualmente, fazendo uma análise retrospectiva, pesquiso a migração no papel de própria migrante, tendo certeza de que a escolha do tema de pesquisa não foi fortuita. O texto participa, ao menos em parte, de um gênero que os historiadores franceses batizaram de “ego-história”. Trata-se de uma ego-história da migração acadêmica de argentinos para o Brasil, à medida que somos também de nacionalidade argentina e atuantes do meio

acadêmico, mesmo não trabalhando como docente universitário, característica comum a todos os entrevistados.

É possível escrever uma dissertação de maneira objetiva sendo migrantes acadêmicos argentinos no Brasil? Compartilhamos com os nossos entrevistados a experiência de ser migrante. Porém, nos diferenciamos deles porque nosso olhar já tem um conhecimento teórico do tema, e é atravessado pela teoria das migrações, o estado da arte. Criamos categorias para analisar o processo e tentamos, de algum modo, suscitar no leitor uma reflexão sobre temas como construção da trajetória migratória no que se refere aos pensamentos e desejos de errância⁹, e posteriormente na ação vivida, no fato de migrar espacialmente através da construção de suas memórias em retrospectiva.

Boris Fausto, na introdução do seu livro *Negócios e ócios, história da imigração* (1997), explica que a memória familiar, quando se destina à esfera privada não necessita de rigor, de justificação, ela obedece ao impulso de um membro do grupo e tem por objetivo fixar lembranças comuns, em que avulta a presença dos ascendentes.

Para o pequeno círculo a que se dirige, uma narrativa familiar não é uma micro e sim uma macro história. Como demonstram depoimentos recolhidos por Ecléa Bosi em *Memória e sociedade*, na memória dos velhos, o nascimento de um filho, a morte prematura de um parente ou mesmo mudanças de residência de uma rua para outra são mais significativos do que os chamados grandes acontecimentos (FAUSTO, 1997, p.7).

Para o autor, um escrito de ego-história se justifica quando a narrativa se insere de algum modo em um universo coletivo, referindo-se a uma etnia, a uma nação, a uma classe social, etc. No tema que nos convoca aqui, a mudança de país representa uma marca na memória dos professores, e ao perceber lembranças banais, eles se colocam nesse universo comum de professores argentinos na Universidade Federal de Santa Catarina.

⁹ Errante é aquele que deseja não ter residência fixa, que gosta de errar, de andar sem rumo, vagar. O vocábulo errar também significa incorrer em erro, falhar. (HOUAISS, 2004)

Segundo a socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva, em seu artigo “Pastoral dos migrantes. Peregrinos da resistência” (2005), é evidente que a pressuposta neutralidade e/ou objetividade não existem nas pesquisas sociais. Contudo, para a autora a inserção do pesquisador numa determinada realidade social precisa ser orientada pela vigilância epistemológica para que o mesmo não se torne meramente porta-voz dos grupos sociais com os quais está envolvido. Para a pesquisadora trata-se de um verdadeiro desafio, pois as relações criadas no momento da pesquisa não são apenas ditadas pela racionalidade do conhecimento, uma vez que:

Elas são imbuídas de elementos racionais e também emocionais, pois se partilha da idéia de que razão e emoção não são dicotomias, porém faces de uma mesma moeda, na qual a emoção fecunda a razão. Portanto, relações de afeto, amizade, solidariedade são nutrientes para o conhecimento, sem contar que o objeto das ciências sociais não é o estudo de coisas objetivadas, porém seres humanos, dotados de corpo físico e imaterial, aí englobando os sentimentos, os símbolos, as crenças religiosas, as representações, o imaginário, os mitos. Assim sendo, a análise não será a de alguém de fora, mas de dentro¹⁰ da realidade retratada. Outrossim, o sujeito pesquisador deve se movimentar no espaço social, ora entrando, ora saindo do mesmo, a fim de que a diversidade e a complexidade da realidade estudada sejam percebidas (SILVA, 2005, p.26).

Desse modo, o fato de sermos migrantes acadêmicos no Brasil nos faz perceber algumas variáveis que só essa condição nos permite inferi-las.

1.3.2 Sobre o Roteiro de Entrevistas

As perguntas das entrevistas tiveram como base as seguintes fontes:

a) a entrevista estruturada sobre processo migratório, necessidades, recursos e problemas sugerida por García (2002). O autor estruturou as perguntas em sete blocos temáticos, são eles: dados sócio-demográficos e legais, projeto migratório, indicadores de aculturação, percepção de problemas, percepção de rejeição, utilização de recursos e satisfação vital;

¹⁰ Grifo do autor.

b) a entrevista semi-estruturada de apoio social, utilizada por García (2002) com base na *Arizona Social Support Interview Schedule – ASSIS* (BARRERA, 1980). Explora seis categorias de apoio: sentimentos pessoais, ajuda material, conselho, *feedback* positivo, assistência física e participação social. Tal categorização recolhe de maneira exaustiva os tipos de apoio social que tradicionalmente tem se definido na literatura especializada: o Apoio Emocional se descreve pela combinação das áreas de Sentimentos Pessoais e Participação Social, o Apoio Informacional pelas categorias de Conselho e *Feedback* Positivo, e o apoio tangível pela Ajuda Física e Material. Esta entrevista facilita aos sujeitos a discriminação do que se entende por ação de ajuda, quem a provê e qual é a sua natureza. Além disso, obtêm-se quatro indicadores sobre a estrutura e funcionalidade do Sistema de Apoio: tamanho percebido da rede, necessidade de apoio, utilização da rede para obtê-lo e satisfação com o apoio recebido;

c) a entrevista realizada na localidade de Esperanza por Burgos (2005). O questionário estava dividido em cinco blocos: características da moradia e do lar, determinação de lares e grupos familiares, educação, ocupação e migração;

d) o questionário empregado por Fischer em 1977 na Califórnia, utilizado em estudos de comunidade.

Nossa entrevista foi estruturada em 9 blocos (quadro 1). No primeiro e segundo blocos tentamos indagar variáveis atributivas ao ego. Em outras palavras, dados pessoais que expressam características dos entrevistados. Não era necessário saber o nome da pessoa, só que no momento de fazer a entrevista e a título de organização das mesmas se falava o nome do entrevistado; nesse momento alguns deles reagiam automaticamente para manter o anonimato, principalmente entre os migrantes vindos ao Brasil por razões políticas. Continuando com a entrevista pedíamos ao entrevistado para que explicasse sua escolha migratória e sua trajetória histórica de mobilidade. Enfatizou-se o ano de chegada no Brasil, assim como os lugares em que residiram antes de morar em Florianópolis com o fim de construir a trajetória migratória. No quarto bloco, os migrantes expressam a causalidade da migração, as razões pelas quais eles saem do seu lugar de origem e escolhem as diferentes cidades na sua trajetória para morar. As

razões são múltiplas: econômicas, políticas, por dissidência de modelos, por conhecidos profissionais, por bolsa institucional, por relações afetivas. A maioria deles conhecia alguém no Brasil antes de chegar.

Numa segunda parte da entrevista se analisam as variáveis relacionais do ego e a utilização de recursos relacionais facilitadores de movimentos migratórios como também as categorias de apoio (blocos 5 e 6). Segundo García (2002), o Apoio Emocional se descreve pela combinação das áreas de Sentimentos Pessoais e Participação Social, o Apoio Informacional pelas categorias de Conselho e *Feedback* positivo e o Apoio Tangível pela Ajuda Física e Material (GARCIA, 2002). Esta sessão facilita aos sujeitos a discriminação do que se entende por ação de ajuda, quem a realiza e qual é a sua natureza. Além disso, obtêm-se quatro indicadores sobre a estrutura e funcionalidade do Sistema de Apoio: tamanho percebido da rede, necessidade de apoio, utilização da rede para obter o apoio e satisfação com o apoio recebido. No sétimo bloco buscamos obter dados que caracterizem a corrente migratória, quantas pessoas migraram antes e depois do entrevistado e a situação do informante no fluxo migratório. No penúltimo bloco foram obtidos dados sobre os alteri (as pessoas nomeadas conectadas com o migrante), o tipo de relação, a freqüência da relação e o canal de comunicação. Os geradores de nomes tendem a identificar neste caso a rede de apoio como também a rede migratória. Para finalizar, no último bloco procuramos informações sobre a possibilidade de reversão do fluxo imigratório de acadêmicos para o Brasil.

Bloco	Conteúdo
1	Variáveis atributivas do ego: dados pessoais
2	Dados legais
3	Histórico de mobilidade do ego
4	Causas da migração
5	Variáveis relacionais do ego: utilização de recursos
6	Categorias de apoio
7	Características da cadeia migratória
8	Gerador de nomes
9	Reversibilidade

QUADRO 1 – Estrutura da Entrevista.
 Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos.

1.3.3 Sobre o Trabalho de Campo

Nosso campo possui dois níveis de análise: o nível contextual com dados dos nós da rede em sua totalidade (constatação de nós e quantidade de imigrantes acadêmicos argentinos nas universidades brasileiras); e o nível micro sociológico que contém entrevistas em profundidade a imigrantes sobre o seu itinerário migratório, posição na rede, etc. (constatação de relações), novos dados para pesquisar nós não migrantes (patronal, intermediários, instituições).

Em um primeiro momento, as entrevistas seriam feitas em português para facilitar a escrita da dissertação, mas com o decorrer do trabalho percebemos que o idioma espanhol era mais adequado, já que o primeiro idioma do imigrante faz com que ele se expresse mais abertamente. Por isso optamos por apresentar as entrevistas no idioma em que o depoente se sentiu mais à vontade.

Na procura de conhecer as trajetórias migratórias dos entrevistados acabamos contando nossa própria história, numa troca permanente de experiências entre entrevistador e entrevistado. Nas entrevistas buscamos procurar informação sobre o recorrente na história contada pelos próprios imigrantes acadêmicos da

UFSC. Com o fim de manter o anonimato criamos nomes fictícios, porém foram respeitados o gênero e o idioma do nome dos entrevistados.

CAPÍTULO 2: REDES E TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS.

Este capítulo busca desenvolver reflexões a partir da natureza das informações, dando especial ênfase nos dados relacionais e nas matrizes geradas a partir deles. Logo após, apresentamos a técnica do sociograma e as sócio-matrizes como principais componentes técnicas da Análise de Redes Sociais. Em seguida, apresentamos a abordagem referente à metodologia das Redes aplicada a uma investigação: trajetórias migratórias dos professores argentinos em Florianópolis. É construída a rede dos professores de nacionalidade argentina que atuam na Universidade Federal de Santa Catarina e são estabelecidas algumas considerações parciais que demonstram a importância dos chamados laços fracos no processo migratório e no casamento entre o micro e o macro – social.

Na segunda parte do capítulo analisamos os fatores que motivam a migração e que se associam com a possível trajetória realizada pelos profissionais argentinos.

2.1 O RELACIONAL É REAL

É imprescindível pensar a migração em termos de relações, já que o fenômeno não pode ser explicado apenas por fatores estruturais. São as relações que permitem a união entre o macro e o micro - social.

Nas palavras de Bourdieu (2006, p.27), a noção de campo funciona para verificar que o objeto de estudo em questão não está isolado de um conjunto de relações do qual retira o essencial das suas propriedades. É por meio da noção de campo que se luta, por todos os meios, contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista ou, para dizer como Cassirer, substancialista: é preciso pensar relacionalmente. O autor continua expressando o seguinte:

Com efeito, poder-se-ia dizer, deformando a expressão de Hegel: o real é relacional. Ora é mais fácil pensar em termos de realidades que podem por assim dizer, ser vistas claramente, grupos, indivíduos, que pensar em termos de relações. É mais fácil, por exemplo pensar a diferenciação social como forma de grupos definidos como populações, através da noção de classe, ou mesmo de antagonismos entre esses grupos, que pensá-lo como forma de um espaço de relações (BOURDIEU, 2006, p.28).

Desse modo, é mais fácil pensar a migração como uma resposta a fatores macro-estruturais ou em termos estatísticos de grupo que entender a migração como um espaço de relações. Na análise de redes enfatiza-se as relações, isso permite a realização de investigações de nível intermediário dos padrões de relação entre indivíduos e grupos, de forma a chegar aos tão decantados micro fundamentos sem a perda da visão da estrutura social (MARQUES, 2000, p.36). Para aplicar a análise de redes sociais à migração qualificada se faz necessário explicar conceitos específicos deste referencial teórico.

Para Robert Hanneman (2000), em sua *“Introducción a los métodos de análise de redes sociales”*, os dados podem ser de dois tipos: atributivos e relacionais; cada um deles dá origem a um tipo de matriz, quer dizer, a um tipo de arranjo de elementos matemáticos dispostos num quadro retangular de m linhas e n colunas.

A sociologia tradicional parte de dados atributivos de fatos sociais ou de pessoas. Esses dados sociológicos tradicionais se apresentam em uma matriz retangular onde se inscrevem as medições. Nas linhas se situam os casos ou observações (pessoas, organizações, países, etc.) e nas colunas, as variáveis selecionadas (idade, tipo de organização, população, etc), como apresentado no quadro 2 (HANNEMAN, 2000, p.5).

Informante	Idade	Gênero	Ocupação
Laura	32	Mulher	Secretária Administrativa
Tomás	20	Homem	Estudante
Augusto	45	Homem	Funcionário Público
Silvia	37	Mulher	Advogada
Cecília	26	Mulher	Docente

QUADRO 2: Matriz com dados sociológicos convencionais.

Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos. Os dados servem de recurso explicativo, não são reais.

Diferentemente das análises tradicionais que explicam, por exemplo, a conduta em função da classe social e da profissão, a Análise de Redes Sociais ou análise reticular incorpora as relações e não só os atributos dos elementos. Além disso, esta perspectiva teórica e metodológica se distingue de outras pela natureza dos dados utilizados: os dados relacionais.

A perspectiva reticular em sociologia tem suas origens na problemática da sociometria, que se desenvolveu a partir do trabalho de Moreno “*Who Shall Survive*” (1934). A análise de redes sociais é um campo de estudo amplo que vem ganhando grande desenvolvimento entre os cientistas sociais, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, e recentemente passou a ser contemplada por pesquisadores brasileiros.

A análise de redes está associada à teoria de grafos (representações gráficas). Quando os sociólogos tomaram esta forma de representação (grafos) dos matemáticos deram o nome a seus gráficos de sociogramas. Os sociogramas são representações formais de dados relacionais e são elementos essenciais do método sociométrico. Consistem em representar graficamente as relações interpessoais em um grupo de indivíduos mediante um conjunto de pontos (os indivíduos), conectados por uma ou várias linhas (as relações inter – individuais). Uma outra forma de representação das relações de afinidade além do sociograma é a denominada sócio-matriz ou matriz de adjacência. São matrizes quadradas cujas filas e colunas representam os indivíduos do grupo e os valores que se encontram nas interseções das filas e colunas, as relações entre os diferentes pares de indivíduos (quadro 3).

Los datos de la red (en su forma mas pura), constituyen una matriz cuadrada de mediciones. Las filas de la matriz son los casos, sujetos y observaciones-allí la diferencia clave con los datos convencionales. En cada celda de la matriz se describe una relación entre los actores (HANNEMAN, 2000, p.5).

Assim, neste exemplo básico, marca-se com 1 (um) a presença da relação de amizade e com 0 (zero) a sua ausência.

	Laura	Tomás	Augusto	Silvia	Cecília
Laura	-	1	0	0	1
Tomás	1	-	1	0	0
Augusto	0	1	-	1	1
Silvia	0	0	1	-	0
Cecília	1	0	1	0	-

QUADRO 3: Matriz de adjacência.

Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos. Os dados servem de recurso explicativo, não são reais.

A matriz atributiva (quadro 2) privilegia as características dos indivíduos, enquanto a matriz de adjacência (quadro 3), as relações que mantém ditos indivíduos entre eles.

No estudo que nos compete, os dados coletados são tanto de caráter relacional como de caráter atributivo, contudo, nesta pesquisa parte-se dos dados relacionais para inferir dados atributivos, seguindo a perspectiva teórico-metodológica mencionada anteriormente. Tem-se como base os laços ou relações que mantêm os indivíduos entre si, na qual se infere ou se explica alguma característica do processo migratório.

Neste ponto é bom esclarecer que as relações devem ser definidas antecipadamente, precisando definir a relação que se pretende observar. Os números por si só, nas palavras de Bauer (2003, p.24), não têm nenhuma representatividade, ou seja, a interpretação desses dados só poderá ser feita por pesquisadores que tenham uma boa leitura teórica e domínio de todos os processos e teorias envolvidos no problema de pesquisa.

No caso do processo migratório, a relação mais significativa como ponto de partida seria a migração propriamente dita. Porém, com a particularidade de ser uma relação não dirigida, ou seja, não simétrica para a pessoa que favoreceu a migração, mas destinada a outros potenciais migrantes. Por exemplo, Juan traz Marina (relação dirigida), Marina traz Lara. Marina conduz sua relação para uma terceira pessoa e não novamente para Juan.

Em segundo lugar, observamos a relação de “apoio” dado pelos “nativos” para os recém chegados ou de migrantes da mesma nacionalidade que tenham chegado anteriormente ao lugar de destino. Esta relação pode ser tanto simétrica como não-simétrica.

Definidas as relações e os nós (os migrantes), pode-se pensar na construção de um sociograma. É a partir do sociograma que se desenvolve uma nova aproximação ao estudo das estruturas sociais. Ele por si só gera um conjunto de perguntas e muitas vezes uma problemática própria. Em outras palavras, a partir dos arranjos dos nós por meio de relações, pode-se inferir atributos. O sociograma gera questões, não as responde. Serve como motivador de novas questões, dando luz no processo de sistematização ou de visualização dos dados relacionais.

O sociograma apresenta limitações quando, por exemplo, o conjunto de indivíduos é grande ou quando não se limita *a priori* o número de indivíduos selecionados para cada um deles. Isto faz com que a representação seja confusa devido à grande quantidade de linhas que se entrecruzam. Uma possível solução foi a standardização; minimizar o número de linhas que se cruzam foi a primeira proposta, como também representar os pontos que apresentam indivíduos sócio-metricamente próximos.

Em redes de milhares de objetos, atualmente, faz-se uso de programas de visualização de redes sociais como o *Ucinet 6* ou *Egonet*, que têm como função a criação de sociogramas possuidores de uma infinidade de nós e relações. Com a finalidade de entender as trajetórias migratórias dos professores argentinos para Florianópolis, optamos pela utilização do programa *Ucinet 6*.¹¹

No uso do programa de visualização *Ucinet 6*, primeiro deve-se criar a matriz de adjacência. Fazendo seu uso, constrói-se a visualização ou sociograma (figura 1) que segue no exemplo abaixo:

¹¹ Disponível em: <http://www.analytictech.com/ucinet6/ucinet.htm>. Aceso em: 25 abr. de 2009.

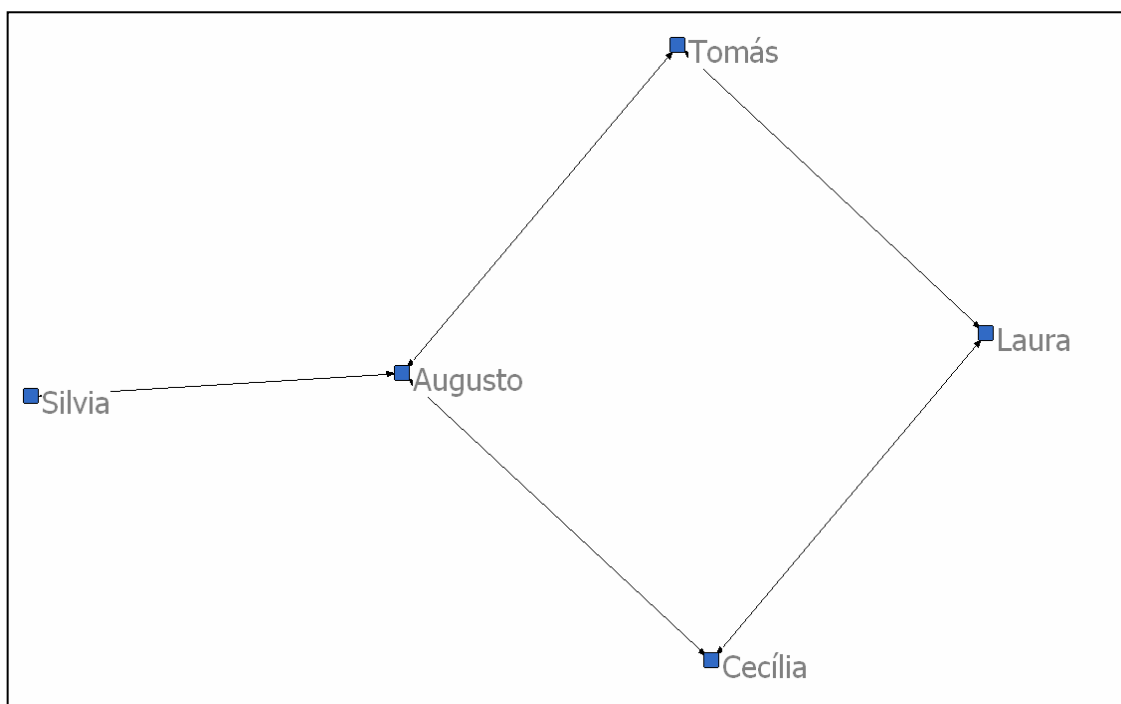


FIGURA 1: Sociograma.
 Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos.

A análise de redes sociais se ocupa do estudo das relações entre uma série definida de elementos. Esses elementos podem ser pessoas, grupos, organizações, países ou mesmo acontecimentos. É importante ressaltar esta questão, pois muitas vezes tem-se a idéia limitada de que as redes sociais só incluem pessoas. A rede de apoio, por exemplo, tem como base as relações de ajuda que se estabelecem entre os indivíduos, instituições e organizações, cujos vínculos estruturam diferentes situações sociais e influenciam o fluxo de bens materiais, idéias, informação e poder.

En ocasiones se habla de redes migratorias para hacer referencia a la idea más lineal de cadena migratoria, entendida como el conjunto de eslabones que, con un orden definido, han ido efectuando el desplazamiento migratorio y generalmente allanando el terreno en el que se acomodan los que les suceden. Además, en este sentido, se les otorga gran parte del protagonismo de la evolución de los flujos migratorios, arguyendo su fuerte influencia en la decisión de emigrar así como, más claramente todavía, en la elección del destino (algunos trabajos de Gurak y Caces, Portes, Massey, Boyd o Maya Jariego, entre otros, discuten esta cuestión) (LUKEN, 2006,p.1).

2.2. REDE MIGRATÓRIA DE PROFESSORES ARGENTINOS PARA FLORIANÓPOLIS.

Nesta pesquisa de migração, os dados foram gerados a partir de entrevistas individuais aos migrantes. Portanto, valorizamos como fonte de pesquisa a voz do próprio migrante. A análise de dados seguiu procedimentos formais, de acordo com as dimensões do processo de pesquisa proposto por Bauer (2003, p.19). Porém, foi útil incorporar instrumentos de informática na análise dos dados, através dos quais visualizamos dados relacionais e inferimos dados atributivos.

Na rede migratória dos argentinos em Florianópolis, os nós estão representados pelos migrantes entrevistados, bem como por instituições oficiais (Estado, fundações, órgãos de pesquisa, consulado, universidades, organismos internacionais, empresas privadas, etc.). De fato, a própria migração pode ser caracterizada inicialmente como uma relação, à medida que alguns professores entrevistados nesta pesquisa favoreceram a migração de outros professores universitários, como se pode observar na figura seguinte:

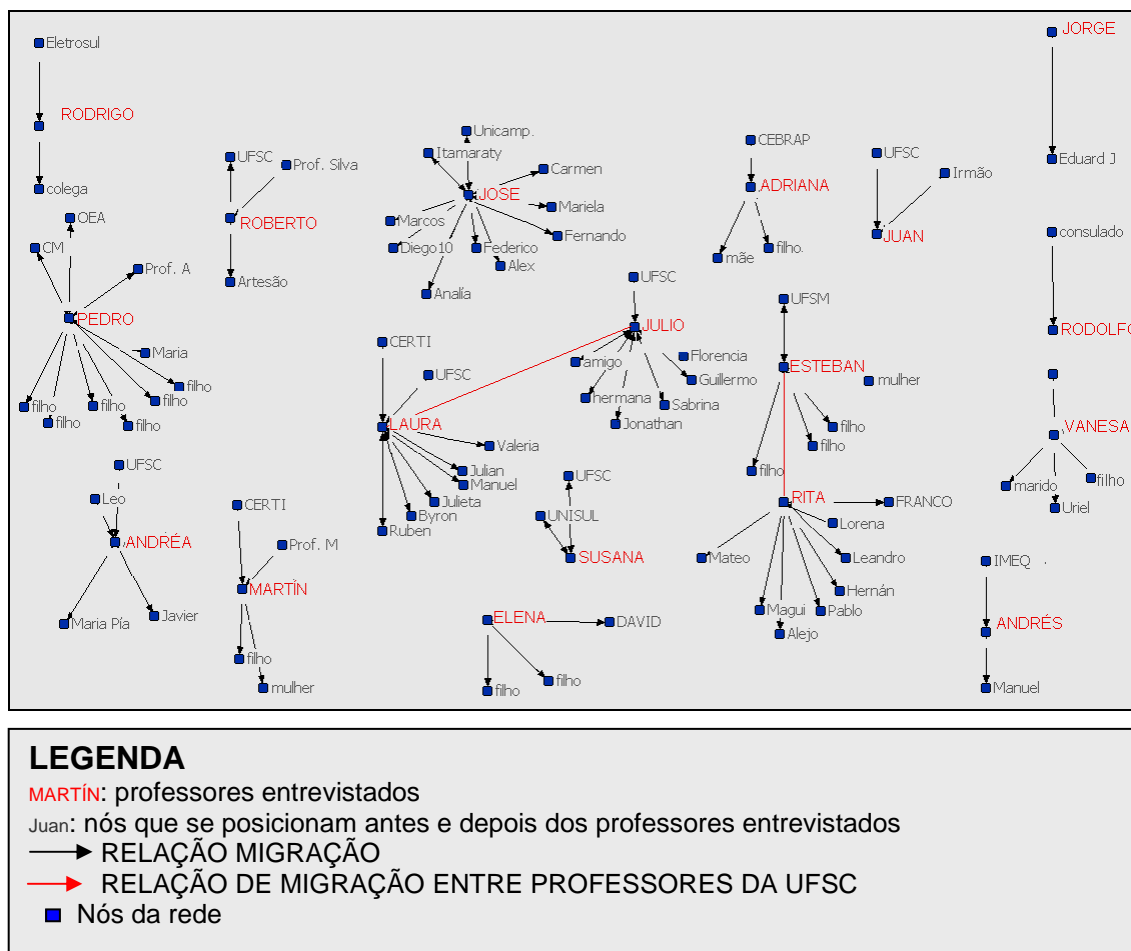


FIGURA 2: Redes de imigrantes acadêmicos argentinos na cidade de Florianópolis.
 Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em entrevistas realizadas entre novembro e dezembro de 2007.

A partir da disposição dos nós por meio de relações nesta figura, podemos inferir que a rede de professores argentinos da UFSC está fragmentada, não constituindo uma única rede, mas um conjunto de pequenas redes. Apenas em duas sub-redes intervêm mais de um professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Entre os dezoito professores entrevistados não existe uma sucessão linear. Em princípio, parece que cada um chega de maneira isolada, e só em duas ocasiões, como a de Esteban – que favoreceu a migração de Rita – e a de Julio – que favoreceu diretamente a migração de Laura, observa-se relação direta. Se incluíssemos dentro de nossa análise os professores argentinos que não concederam entrevistas, as possibilidades de encontrar relações diretas de migração poderiam aumentar.

A partir desse arranjo, podemos inferir que não alcançamos os contornos da rede. Provavelmente, o limite poderia ser alcançado por meio de entrevistas a serem

realizadas com professores de universidades que possuem significativa presença de docentes argentinos em relação ao total de professores de nacionalidade argentina residentes no Brasil, como é o caso da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade de Brasília (UnB). No entanto, nesta pesquisa não dispomos desses dados relacionais¹².

Na figura 3, damos especial atenção à posição dos nós conforme a disposição anterior ou posterior à vinda do professor ao Brasil. Na análise de redes, os vínculos ou relações que cada professor dirige a outros se denominam alters.

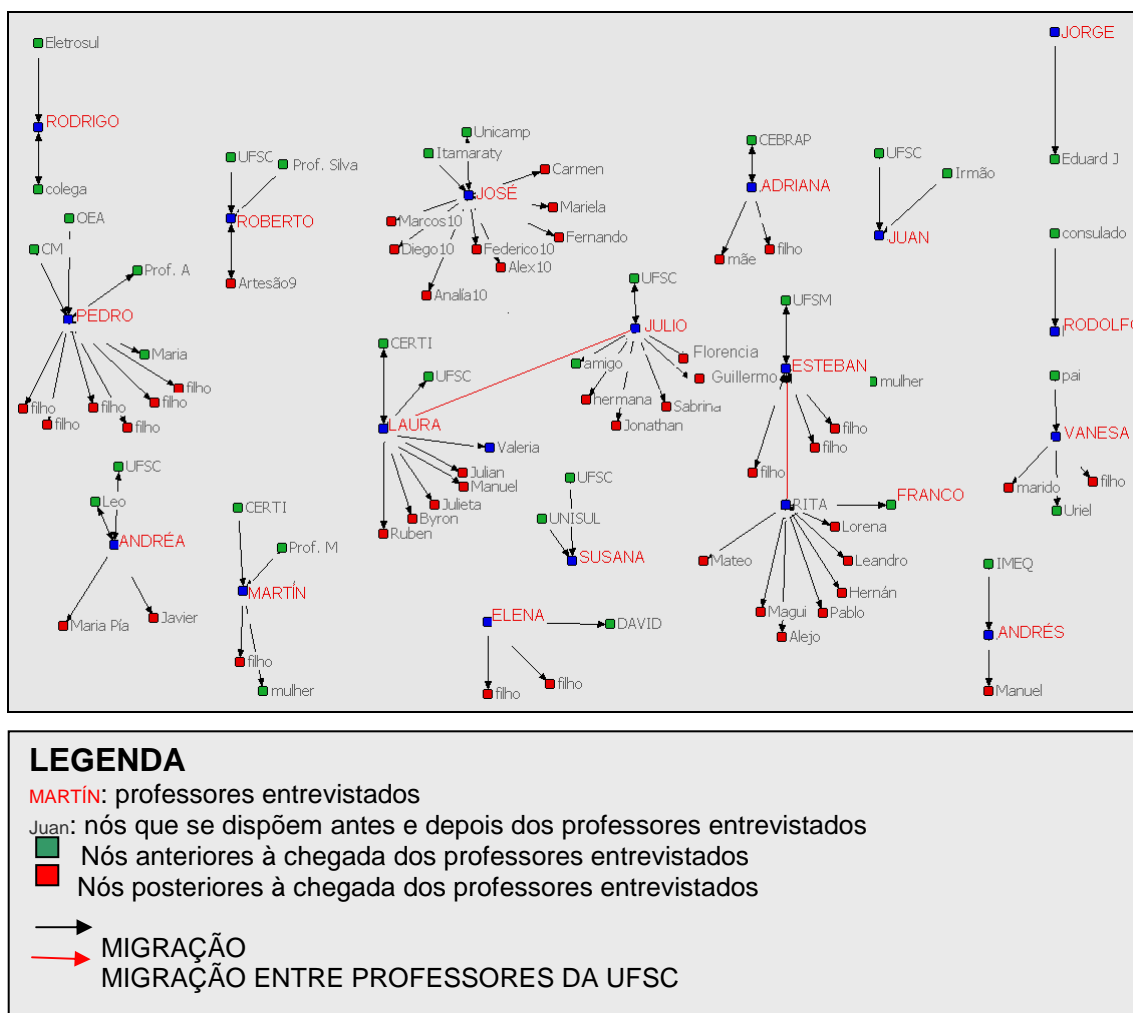


FIGURA 3: Rede de imigrantes argentinos em Florianópolis: Categorização dos nós segundo a disposição no fluxo migratório.
 Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em entrevistas realizadas entre novembro e dezembro de 2007.

¹² Desenvolveremos melhor esta idéia em páginas posteriores

Os nós que antecedem e chegam simultaneamente com os professores entrevistados somam 32, enquanto os nós formados entre os migrantes que chegam após a vinda dos professores somam 47, o que nos permite inferir que o fluxo de professores argentinos tem tendência a crescer e os alters a se multiplicar.

Na quarta figura, classificamos os nós que antecedem e sucedem a migração de acordo com o tipo de relação existente com o professor entrevistado. Distinguimos as relações em familiar e profissional. Entendemos que a relação que une os nós antecessores à vinda dos professores entrevistados está representada em maior número por colegas de trabalho e instituições, enquanto as relações que unem o professor entrevistado aos nós que sucedem a migração são de tipo profissional, mas também familiar. Em geral, as relações familiares que sucedem a imigração são formadas aqui no Brasil pelo nascimento de filhos ou já vêm constituídas da Argentina. Podemos afirmar que a rede dos migrantes qualificados está mais articulada por colegas de trabalho, conhecidos ou amigos, que por familiares.

No processo migratório, encontramos também a relação de apoio. Segundo Martinez García (2002), existem três maneiras diferentes de apoio ao migrante que são chamadas de: “apoio emocional”, que se caracteriza pela combinação das áreas de Sentimentos Pessoais e Participação Social; “apoio informativo”, formado pelas categorias de Conselho e Feedback positivo; e “apoio tangível”, reconhecido pela ajuda física e material. A partir desses indicadores, analisamos a ação de ajuda, quem a realiza e qual é a sua natureza.

Os professores recebem auxílio informativo de coordenadores brasileiros de pós-graduação ou de colegas que fazem pós-graduação em terceiros países. Os entrevistados tiveram a oportunidade de conhecer brasileiros no exterior que fizeram pontes para a migração deles ao Brasil e ofereceram o apoio inicial informativo e emocional. Somente três entrevistados receberam apoio de familiares na migração ao Brasil.

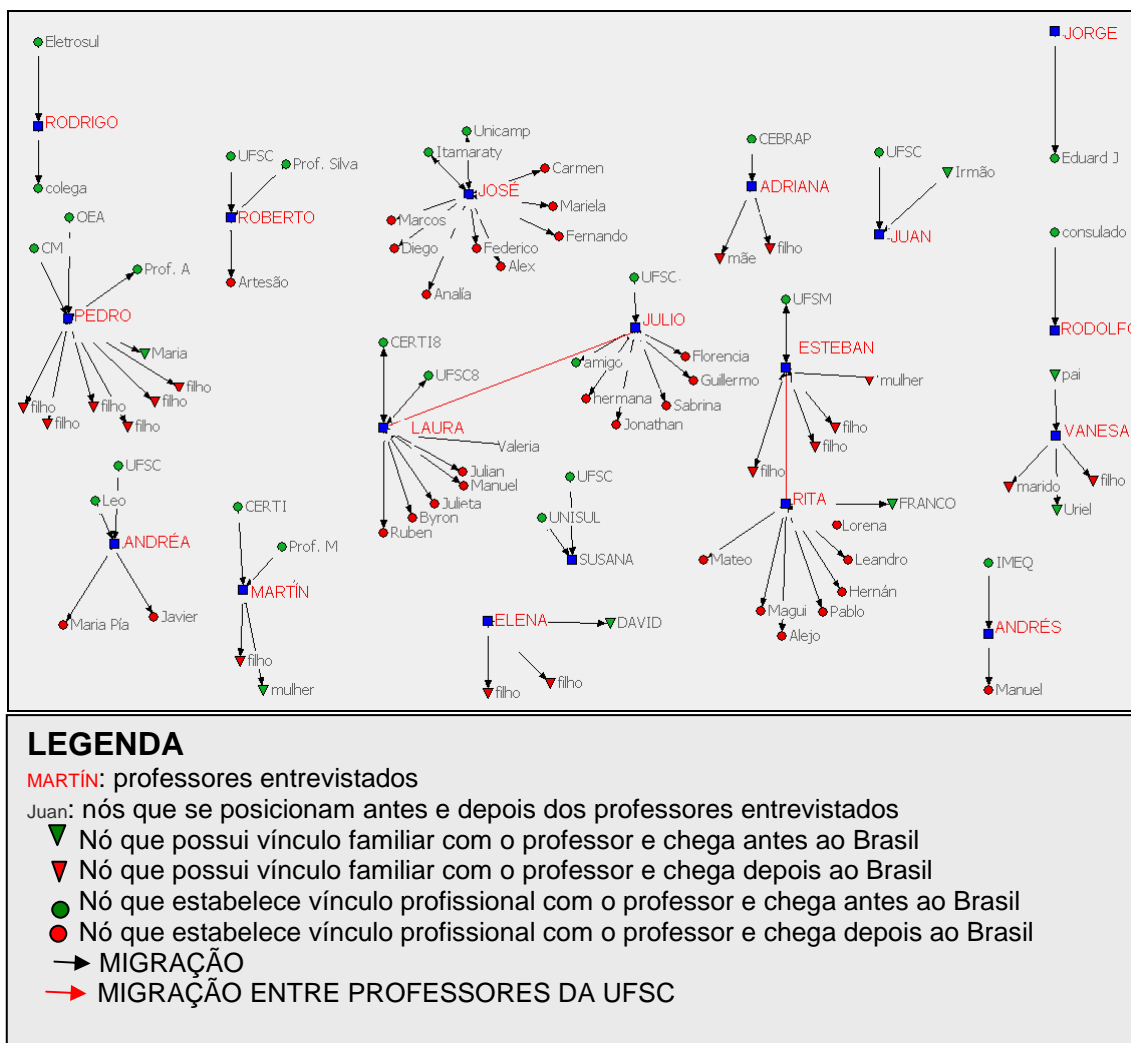


FIGURA 4: Rede de imigrantes argentinos em Florianópolis: categorização dos nós segundo tipo de vínculo com o professor entrevistado.

Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em entrevistas realizadas entre novembro e dezembro de 2007.

O apoio material tem origem institucional e se materializa através de salários pagos por universidades a professores visitantes, substitutos e concursados; e por meio de bolsas de estudo em geral, outorgadas por universidades públicas e por instituições como a Fundação Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras – CERTI –, o Consulado do Brasil na Argentina, o Ministério de Relações Exteriores, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP –, entre outras.

Como vimos, a relação ou laço de apoio que se estabelece entre os professores da UFSC e os sucessores e antecessores na cadeia migratória é *fraca*. Torna-se imprescindível trazer nessa hora os aportes de Granovetter (1973), que enfatizam o poder de união dos laços fracos.

Em um estudo feito por Granovetter com base em amostra aleatória de pessoas residentes em um subúrbio de Boston, o autor perguntou aos entrevistados que encontraram um novo emprego, com que freqüência viam os contatos pessoais que disponibilizaram a informação necessária para a obtenção do novo trabalho. Isso foi usado como medida de vínculo.

Uma idéia *a priori* nas pesquisas sobre migração não qualificada, é que aqueles com quem se têm vínculos fortes estão mais motivados para ajudar na aquisição de informações sobre um novo trabalho no lugar de destino. Contrários a essa grande motivação, estão os argumentos estruturais que o autor tem trabalhado e que postulam: “*aquellos con quienes estamos débilmente vinculados son más propensos a moverse en círculos distintos al propio y, por tanto, tendrán acceso a una información diferente a la que nosotros recibimos*”. (GRANOVETTER, 1973, p.11). Os resultados da pesquisa demonstraram que na maioria dos casos o trabalho era obtido por contatos ocasionais (55,6 %).

Esses contatos correspondem a uma freqüência de mais de duas vezes por ano e menos de duas vezes por semana, e faz parte do que se denomina Rede extensa. O autor utiliza mais duas categorias para a freqüência do contato: com assiduidade = ao menos duas vezes por semana (rede afetiva) e raramente = uma vez por ano ou menos. Daqueles que buscam um trabalho através de contatos, 16,7% afirmaram que viam seus contatos com assiduidade, 55,6% ocasionalmente e 27,8% raramente. Os resultados sugerem que prevalece a estrutura sobre a motivação. Em muitos casos, o contato era alguém incluído apenas marginalmente.

Segundo Granovetter a maioria dos modelos sistêmicos trata de laços fortes, delimitando assim a sua aplicação a grupos pequenos e bem definidos. Ao perceber tal carência, o autor propõe uma discussão em torno dos laços fracos e sobre como eles trazem as relações entre os grupos e ajudam a analisar os segmentos da estrutura social que não podem ser definidos em termos de grupos primários (GRANOVETTER, 1973, p.1). Este autor percebe uma falha fundamental da atual teoria sociológica que não relaciona de forma convincente as interações de um nível micro com os modelos de nível macro.

Los grandes estudios estadísticos, al igual que los cualitativos, ofrecen una buena muestra de investigación acerca de fenómenos macro como la movilidad social, la organización de la comunidad y la estructura política. A nivel micro, y cada vez más, un gran banco de datos y teorías ofrece útiles y brillantes ideas sobre lo que sucede o acontece dentro de los confines de un grupo pequeño. Pero el modo de interaccionar los grupos pequeños hasta formar un modelo a gran escala nos despista, nos aleja en muchos casos” (GRANOVETTER, 1973, p. 1)

Os acadêmicos se caracterizam por uma alta sociabilidade com colegas de trabalho em encontros, simpósios e palestras. Nas palavras de Granovetter:

Particularmente en las especialidades profesionales y técnicas que están mejor definidas y limitadas en su tamaño, esta movilidad elabora estructuras de vínculos débiles con puente entre los grupos más coherentes que constituyen redes operativas en localizaciones particulares. Así, la información y las ideas se mueven más fácilmente por medio de la especialidad, dándole algún "sentido de comunidad", que tiene lugar en las reuniones y convenciones. El mantenimiento de los vínculos débiles puede ser muy bien lo más importante de dichas reuniones (1973, p.12).

Na migração acadêmica são muito importantes os laços profissionais na continuidade do fluxo migratório. Contrariamente, os laços fortes (parentesco) não agem como possibilitadores da corrente migratória, da continuidade do fluxo, já que as famílias dos professores vivem na Argentina. Granovetter, (1973, p.12) afirma que: *“desde una perspectiva macroscópica, la mayor ventaja es el importante papel que juegan los vínculos débiles en la cohesión social efectiva”*. Em sua teoria, o autor faz a distinção entre laços fortes e laços fracos agindo como pontes num sistema social, e afirma que:

Un vínculo fuerte puede ser un puente, por tanto, *sólo si* ninguna de sus partes tiene *otros* vínculos fuertes, poco probable en un sistema social de cualquier tamaño (pero pequeño en un pequeño grupo). Los vínculos débiles no sufren tanta restricción, aunque ciertamente no son automáticamente puentes. Lo que es importante, más bien, es que todos los puentes son vínculos débiles. [...].Intuitivamente hablando, esto significa que cualquier cosa que sea difundida puede llegar a un gran número de personas y atravesar una gran distancia social (como la distancia del recorrido) cuando se experimentan vínculos débiles antes que fuertes (p. 5-6).

Na rede migratória de acadêmicos argentinos para Florianópolis, a maioria dos vínculos são ocasionais e poderiam representar pontes. Num exemplo mais

concreto, o autor mencionado (p. 6) compara as pontes num sistema social às pontes num sistema de rodovias, no sentido de que uma ponte local teria mais significado como uma conexão entre duas partes quando é a única alternativa para muita gente. Da mesma forma, num sistema social um laço que comunica mais pessoas teria mais significado; seguindo a mesma lógica só os vínculos frágeis, que conectam mais pessoas que os fortes, podem representar pontes locais. Nesse sentido, pode-se deduzir que no processo migratório os professores são induzidos a migrar por outros acadêmicos e as relações entre eles são frágeis, muitas vezes pontes locais. Isso faz com que a amplitude de rede seja extensa em termos espaciais, diferentemente da rede migratória não qualificada e reduzida espacial e socialmente a vínculos fortes (BURGOS, 2006, p.47). Isso fundamenta a escolha da teoria de Granovetter para a migração qualificada no sentido da aplicabilidade de seu modelo.

Al contrario que muchos modelos de sistemas interpersonales, el presentado aquí no está pensado primero para la aplicación a grupos pequeños y cara a cara, o para grupos reducidos en puestos institucionales u organizativos. Más bien está ideado para unir entre sí a tales niveles de pequeña escala con otros más grandes y complicados. Es por esto por lo que aquí se ha puesto el énfasis más en los vínculos débiles que en los fuertes. Los primeros son preferibles para unir a miembros de *diferentes* grupos pequeños, frente a los fuertes que tienden a estar concentrados en grupos particulares (GRANOVETTER, 1973, p.15).

Na migração de acadêmicos argentinos para o Brasil é preciso distinguir como os laços fracos unem partes dessa rede, o que nos permite inferir que se realizássemos entrevistas com todos os professores atuantes em universidades do Brasil, os laços fracos ligariam pequenos grupos de acadêmicos localizados em diferentes universidades brasileiras. Para completar essa informação e ver onde poderiam estar localizados esses subgrupos optamos por analisar a representatividade dos professores argentinos nas instituições de ensino superior no Brasil. Os dados sobre o número de professores que trabalham nas instituições de ensino superior foram obtidos através de cartas enviadas aos departamentos de recursos humanos das Universidades Brasileiras. O levantamento de dados abrange o conjunto das:

- universidades, faculdades e centros tecnológicos e de educação superior nacionais;

- universidades, faculdades e centros tecnológicos e de educação superiores estaduais e distritais;
- universidades privadas católicas, como as PUC's;
- universidades públicas municipais e privadas do estado de Santa Catarina.¹³

Foram enviadas cartas para 194 instituições. Recebemos retorno de 87, o que representa 44,84% de respostas. Com base nas informações enviadas, existem 203 professores argentinos atuando nas universidades brasileiras que, relativamente, representam 0,36 % do total de professores (quadro 5).

Em nível regional, os professores se reúnem em maior número no Sul (88), no Sudeste (77)¹⁴ e no Centro-Oeste (25) do país. Em nível estadual, se concentram em Santa Catarina (46)¹⁵, São Paulo (38), Rio Grande do Sul (31), Minas Gerais (25) e no Distrito Federal (19).

Ao observarmos os valores de frequência dentro de cada universidade, vemos que existe agrupamento pontual em umas poucas instituições. Aqui, pelo antes exposto, os laços fracos poderiam servir de união entre esses grupos. Em termos absolutos, a universidade que conta com mais professores de origem argentina é a Universidade Federal de Santa Catarina (26), seguida pela Universidade Estadual de Campinas (25), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (21), Universidade de Brasília (19) e, finalmente, pela Universidade Federal de Minas Gerais, com 17 professores. Somando as frequências de professores nas universidades nomeadas (108), o resultado representa a metade do número total de

¹³ Faculdade (Escola superior) - estabelecimento isolado ou unidade de um conjunto universitário. Universidade - Instituição de ensino superior que compreende um conjunto de faculdades ou escolas para a especialização profissional e científica, e tem por função precípua garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa (HOUAISS, 2004).

¹⁴ É importante esclarecer que os dados da USP não foram enviados, o que pode ter alterado significativamente o mapa da concentração dos professores no Brasil. Provavelmente, a região Sudeste assumiria a primeira colocação no número total de professores argentinos, visto que a USP possui atualmente oitenta e quatro professores visitantes dessa nacionalidade, que formam o maior grupo de professores dessa categoria presentes na instituição (Disponível em: <www.usp.br>. Acesso em: 17 nov. 2008).

¹⁵ Temos consciência de que o dado relativo à Santa Catarina está um pouco superdimensionado, em razão da inclusão, no levantamento de dados, do conjunto de universidades públicas municipais e privadas do estado.

professores argentinos efetivos em universidades brasileiras. Em uma primeira análise, os dados se agrupam nas universidades Federais, a exceção é representada pela Universidade Estadual de Campinas, do que se pode concluir que a rede estaria ancorada nas Universidades Federais e, em menor medida, em Universidades Estaduais e particulares.

Para corroborar o antes dito, somamos o número de professores, por tipo de instituição, e obtivemos os seguintes valores:

Instituição de ensino superior	Número de professores argentinos
Universidades Federais	117
Universidades Estaduais	54
Faculdades Federais	0
Faculdades Estaduais	0
Centros Tecnológicos Federais	0
Universidades Particulares	23

QUADRO 4 – Brasil: professores universitários argentinos por tipo de instituição de ensino superior.

Fonte: organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em dados enviados pelas universidades brasileiras entre junho e agosto de 2007.

Dessa forma, o maior efetivo de professores encontra-se nas Universidades Federais (117), enquanto o restante (77) se distribui pelas universidades estaduais e privadas.

Em termos relativos, destacam-se a **Universidade Federal do ABC (UFABC)** com 2,7% dos professores de origem argentina; a **Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)**, com 1,64%; a **Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)** com 1,5%; a **Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG)** com 1,47%; a **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** com 1,32%; e finalmente a **Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)** com 1,20%.

Pela análise exposta até aqui, acreditamos que os grupos de professores das diferentes Universidades Federais, Estaduais e Particulares poderiam estar relacionados por laços fracos, constituindo uma rede de dimensões sociais e espaciais maiores que o espaço florianopolitano, servindo então como ponto de partida para vislumbrar a rede de acadêmicos argentinos no Brasil. Outro dado que nos permite cogitar a idéia de união entre os subgrupos¹⁶ das diferentes universidades, é que 44% dos professores argentinos que residem atualmente em Florianópolis, moraram por mais de um ano em cidades universitárias e trabalharam em suas respectivas instituições. Dois locais foram recorrentes em suas trajetórias: Campinas e São Paulo.

Nadia: então lá em 1975 quando você chegou você se lembra como que foi o apoio? Quando você chega à UNICAMP quem estava lá? Quem você conhecia?

Andrés: eram professores argentinos, que estavam há 10 anos mais o menos morando aqui no Brasil, eu fui muito bem acolhido por eles.

N: você morou onde? tem argentinos amigos aqui?

A: aqui não. Em Campinas eu tenho vamos dizer meus amigos eram argentinos principalmente, nem todos. Aqui argentinos não conheço eu sei que têm alguns na engenharia. (Andrés)

Adriana: yo me relacione mucho mas con argentinos aquí que en Sao Paulo o en Campinas, Esteban vino a mi casa en Itaguaçu, tocan la puerta y viene Esteban con un bebe que ahora es casado, ahí nos hicimos íntimos amigos hasta hoy que somos íntimos.(...)En general no hay unión entre los argentinos, hay algunos si que los estoy uniendo, a través de Esteban conocí a otros argentinos, me hice muy amiga de Elena a través de ellos conocí a otros.

Nadia: todos profesores?

A: en Campinas también tenía una red de argentinos que era C. L. que era un filósofo con la mujer (Adriana)

Rita: a nivel personal Campinas fue muy feo, porque la ciudad era muy fea y al principio, nosotros tuvimos unas turmas medio feas también [...] después al tiempo llegan dos amigos que son nuestros amigos hasta hoy que viven en Santa Maria y bueno ahí mas o menos.

Nadia: ellos hicieron el doctorado con ustedes?

R: no, llegaron un poquito más tarde y entonces hicieron el doctorado un poquito después pero bueno el mismo doctorado.

N: ustedes hicieron como puente

R: no, llegaron por otra vía. Abel que vive en Santa Maria en este momento es profesor y J. M. que también es profesor allá. Son dos personas excelentísimas, nuestros amigos hasta hoy y bueno con ellos afectivamente se dio esa contención necesaria. Sino hubiese sido mas duro, son dos personas adorables. (...) y un matrimonio argentino pero tirando ellos nos

¹⁶ Esses subgrupos que formam partes da grande rede de acadêmicos argentinos atuantes no Brasil incluem pessoas de diferentes nacionalidades, como brasileiros e outros latino-americanos.

costo un poquito establecer vínculos inmediatamente con los brasileiros en Campinas aunque después nos empezamos a “enturmar” después fue muy lindo porque nos hicimos muchos amigos cuando nos estábamos volviendo había muy buena onda al final, allá en Campinas pero yo era la única que tenía un hijo y entonces complicaba las relaciones que mis compañeros eran todos solteros o diferente. (Rita)

Granovetter (1973, p.17) ajuda a pensar a inter-relação dos possíveis subgrupos quando afirma que é através de sistemas (interpessoais), que a interação em pequena escala se converte em grandes modelos – ou em grandes redes como abordado nesta pesquisa. As redes, por sua vez, poderiam se (re)converter em pequenos grupos. Por outro lado, os indivíduos com muitos vínculos fracos estão mais bem relacionados, já que alguns desses vínculos são pontes locais. Dessa forma, conseguimos estabelecer uma ponte entre interações de nível micro com os modelos de nível macro.

Para concluir, inferimos que as pesquisas de migração favorecem, em geral, os laços fortes como possibilitadores da migração (redes de parentesco). Porém, a migração qualificada segue outra lógica. As relações pessoais fracas, como canais de informação, estabelecem-se entre os agentes (migrantes) e as estruturas (rede) no processo migratório de professores universitários para o Brasil, e os laços fracos poderiam atuar como ponte entre os diferentes grupos de acadêmicos das universidades do Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil.

Na construção de um caminho teórico-metodológico nas pesquisas sociais e, dentro delas, na ciência geográfica, é imprescindível pensar relacionalmente pelo fato de saber-se que o real é relacional. A mobilidade espacial de professores argentinos é real e, por conseguinte, relacional. Da mesma forma, o conceito de rede traz implícito o relacional. É essa noção de rede que norteou nossa pesquisa e comandou todas as opções práticas.

2.3 TRAJETÓRIAS

O estudo da trajetória migratória constitui um enfoque longitudinal que possibilita a compreensão do modo pelo qual as pessoas conjugam diferentes práticas residenciais no transcurso das etapas de seu ciclo de vida.¹⁷ De certo modo, quando se pensa em trajetória, a idéia parece reduzir-se ao caminho diacrônico de uma pessoa, sem considerar que as trajetórias ou os caminhos dos imigrantes cruzam-se entre si possibilitando a formação de redes. Na resenha ao livro de Doreen Massey, *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, Santos (2008) ressalta que a autora parte do pressuposto de que o espaço é um encontro de múltiplas trajetórias cujo arranjo não se conforma à representação de uma superfície plana e pontual, diferenciando as categorias de espaço e mapa.

Pensar na rede migratória é pensar nesse espaço sincrônico onde as trajetórias individuais se atravessam como produto de relações sociais. “O espaço é produto de relações sociais – relações essas que se formam coetaneamente e cujo emalramento é tecido por uma miríade de distintos tempos e lugares” (SANTOS, 2008, p.1). Espaço e tempo se constituem conjuntamente, o mundo é temporal e espacial.

O tempo-espaço que a autora laboriosamente edifica constitui-se de múltiplas trajetórias que se encontram no *aqui agora*. Se o tempo como processo está aberto ao imprevisto, assim também pode ser pensada a conjunção tempo-espaço: ‘Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea dos outros (SANTOS, 2008, p.2).

Esta parte abordará primeiro os fatores que determinaram as trajetórias individuais, e como esses fatores desenham diferentes tipos de trajetórias espaciais; sabendo-se, *a priori*, da coexistência contemporânea das dimensões temporais, culturais e espaciais e seu entrecruzamento no campo migratório.

¹⁷Giusti, A; Calvelo L. Em búsqueda de una medición de la reversibilidad” em Migraciones y procesos de integracion regional. Ed Copiar. 1999 (tradução nossa).

A migração de intelectuais na Argentina teve início na década de 1960, com a ditadura de Juan Carlos Onganía, (1966-1970). A partir daí até 1983, a combinação de ditaduras militares com políticas universitárias, culturais, científicas repressivas e a forte crise política, adquiriram um caráter quase crônico que levou a um êxodo de cientistas sem precedentes. Seis dos dezoito docentes entrevistados asseguram ter vindo ao Brasil por motivos políticos. Na época da chegada dos imigrantes ao Brasil, desenvolvia-se na Argentina o período da chamada “reorganização nacional” (1976-1983). Período que se diferenciou das etapas anteriores da ditadura argentina pelo abandono total da legalidade no combate à guerrilha, que de uma operação repressiva, converteu-se numa “guerra de extermínio”.

Eu morei e trabalhei na Argentina até o ano 1978. Fui sempre professor universitário. Na época, pela crise econômica argentina, que depois se transformou em problema político; saí e vim para o Brasil como professor visitante [...] Quando eu estava no Brasil, com licença sem vencimentos, fui demitido, na Argentina, como muitos outros professores. Os militares tinham introduzido a possibilidade de demitir uma pessoa sem justa causa, apenas tinha uma razão formal que era “por razones de servicio”. Era uma forma de demitir pessoas que, politicamente, não eram convenientes. Como na maioria dos que trabalham em Ciências Sociais, Filosofia e demais. No departamento de filosofia, onde eu trabalhava, ficou apenas um professor (Esteban).

Salí de Bariloche [...] un poco antes de la dictadura era secretario de un centro de estudiantes de ingeniería y estaba fichado.[...] No era subversivo, no era montonero pero tenía una actividad política. Entonces, el instituto donde trabajaba en Bariloche era de la empresa [...] IMBAP investigación aplicada y en la cual la Marina tenía cierto poder.. [...] después de trabajar un tiempo descubrieron que estaba en una lista. Entonces, simplemente me dijeron, por lo menos fueron honestos. A mí me gustaba mucho el trabajo que estaba haciendo allá en Bariloche [...] me quedé bastante mal [...] porque tenía muchos proyectos andando, mucha gente trabajando conmigo. [...] Prácticamente, tres años después, me vine para Brasil, quería irme para cualquier lugar. Me quedé con un poco de miedo [...] tuve muchos amigos desaparecidos en la época que ni habías nacido (Andrés).

Alguns imigrantes políticos crêem que a razão da migração de outros compatriotas coincide com a própria. Segundo Molina (2005, p.93), há uma tendência a que as pessoas se vejam mais centrais do que realmente o são. O senso comum da sociedade receptora muitas vezes compartilha desta visão, limitando o motivo da migração argentina de acadêmicos para o Brasil à questão política.

Migré en 1979. La causa debe ser común, me cesantearon de la Universidad Nacional del Litoral. Durante un tiempo fui secretario académico de la Universidad y fue en esa época [...] donde empezó. Cambiaron el

ministro de educación, pasó a ser un ministro de educación de extrema derecha [...] Echaron 53 profesores de la noche a la mañana entre 1974 y 1975 por razones ideológicas [...] Todos los que trabajaron le dijimos al rector [...] que nos íbamos y el agarró y echó fuera a la directora y nos repuso, pero la consecuencia fue que en el año 1976 vino el golpe militar. Metieron preso al rector y yo aparecí como el que [...] había defendido a los profesores, había dicho que no se podía echar así de la noche a la mañana, que era una locura. Según algunos yo era la cabeza del Marxismo en la Universidad, entonces me echaron (Pedro).

A questão não é tão simples, já que com a volta da democracia, em 1983, o êxodo diminuiu e um número significativo de exilados de formação avançada voltou para Argentina. Porém, questões econômicas novamente contribuíram para a saída de professores em direção ao Brasil, entre elas o problema do Plano Austral¹⁸ e a crise de 2001¹⁹. Alguns professores cursam pós-graduação em países europeus e

¹⁸O Plano Austral foi um plano econômico implantado na Argentina durante o governo de Raúl Alfonsín. Com o plano, o austral se converteu na moeda legal argentina em 14 de junho de 1985 na tentativa de conter uma inflação que crescia assustadoramente, em substituição ao peso argentino vigente anteriormente. Em princípio, o plano pareceu ter êxito para conter a escalada inflacionária, mas em 1986 iniciou um processo de desvalorização diante o dólar que nunca se reverteu. A nova moeda circulou por apenas 7 anos, sendo substituída pelo Peso "convertível" em 1992 (LUMERMAN, 1998).

¹⁹Diante das crescentes críticas ao governo de Carlos Menem acerca da corrupção e da incapacidade de combater o desemprego, ocorreu o surgimento de uma força política estabelecida a partir de um acordo entre a União Cívica Radical e o FREPASO, uma confederação formada pelos partidos Frente Grande, Socialista Popular, Socialista Democrático, Intransigente e Democrata Cristão. Em 1997 constituiu-se a "Aliança para o Trabalho, a Justiça e a Educação", mais conhecida como "Alianza". De suas frentes saiu a chapa Fernando de la Rúa - Chacho Álvarez, vencedora da eleição presidencial realizada em 24 de outubro de 1999 à frente do candidato justicialista Eduardo Duhalde. A campanha havia se baseado no combate ao desemprego, na purificação da corrompida estrutura política Argentina e na garantia da manutenção da Lei de Convertibilidade do primeiro mandato de Menem. Em 10 de dezembro, De la Rúa assumiu o poder. Desde o discurso de posse Fernando de la Rúa anunciou a necessidade de uma série de aumento de impostos e ajuste da estrutura estatal de considerável magnitude. Nesse momento, a situação econômica e social era muito delicada: desemprego que superava os 15% e que subia implacavelmente, insegurança nas ruas, desconfiança de parte do mercado financeiro internacional e uma gigantesca dívida externa eram alguns dos principais temas urgentes na agenda do governo. Em meados de dezembro iniciaram-se alguns protestos de classes populares em algumas cidades das províncias, levados adiante pelos denominados "piqueteros". Vários comércios em zonas empobrecidas do interior do país sofreram saques por parte de setores da população desempregados e indigentes. A partir de 19 de dezembro de 2001 iniciaram-se as manifestações populares conhecidas como panelaço, que terminaram com a renúncia do presidente De la Rúa. Durante o dia, em diferentes pontos do país, com epicentro em Buenos Aires, graves distúrbios e revoltas sociais ocorreram. Houve conflitos com a polícia, sendo os mais violentos os que ocorreram nas imediações da Casa Rosada, na capital. Diante dessa situação, o presidente decidiu decretar estado de sítio, que suspende as garantias constitucionais dos cidadãos. O anúncio foi realizado em cadeia nacional pelo próprio presidente. Espontaneamente milhares de argentinos foram às ruas batendo panelas, decepcionados com as recentes medidas civis e econômicas. Pacificamente, a população manifestou seu descontentamento durante toda a noite, enquanto a polícia tentava mantê-la distante da Casa Rosada utilizando-se de gás lacrimogêneo. No dia 20 de dezembro novos conflitos ocorreram entre a polícia e os manifestantes, reunidos na Plaza de Mayo, em frente à Casa de Governo, e em outros pontos do país. Mais pessoas morreram durante esse choque - calcula-se que 30 pessoas tenham morrido em diversos conflitos. Às

ao retornarem à Argentina não conseguem uma inserção satisfatória: “Não consegui me inserir laboralmente²⁰, nem academicamente” (Julio).

Nadia: Com respeito às causas, por que você saiu de lá?

Rodrigo: Basicamente, foram econômicas. Em 1987 [...] teve o problema do Plano Austral, eu cheguei à Argentina da Holanda e não consegui praticamente nada. Continuei com o mesmo trabalho na universidade. Eu tinha trabalhado em ACINDAR²¹, não consegui voltar. Foram basicamente razões econômicas, não teve outras motivações. (Rodrigo).

As condições de trabalho aqui são bem melhores que na Argentina. Comparativamente, você está num ponto que não é central no Brasil, não é Rio nem São Paulo, mas tem uma universidade boa, reconhecimento e salários bons [...] Florianópolis é cara agora, quando cheguei não era assim. Dez anos atrás eu tive um aumento de 30 % no salário real. As condições de viver são bem melhores que se eu tivesse na Argentina (Rodolfo).

Nadia: Você conhece algum colega que tenha migrado para algum lugar do mundo?

Rodrigo: Têm muitos. Tem essa fuga, mas não é uma questão de maldade do professor. Quando cheguei a Argentina, da Holanda, não tinha praticamente como me sustentar. [...] Fiz mestrado na Holanda e tinha o compromisso com a Phillips de voltar para a Argentina.. Na época, ano 86 estava o milagre brasileiro. Lembro que o Estadão de São Paulo tinha um caderno de empregos de dois centímetros. Depois é que começou a piorar.

Nadia: Como são as condições de trabalho aqui e lá?

Rodrigo: A diferença que eu senti é que aqui são muito mais profissionais, não é tão amador quanto na Argentina. Você começa com um emprego na Argentina e tem que falar com o dono da empresa, aqui é mais objetivo, tem entrevista como qualquer outro empregado. Existe uma diferença enorme em capacidade industrial, aqui são 200 milhões de pessoas contra 40 milhões na Argentina. O volume de recursos e dinheiro que se move no Brasil é cinco vezes maior do que na Argentina.[...]. Aqui a diferença com as universidades é que somos professores profissionais. Isso tem vantagens e desvantagens. Na Argentina eu era engenheiro e professor, de tarde ou de noite era professor e de dia estava em outro trabalho. Era melhor porque a pessoa tinha mais experiência. A gente saía um pouco mais preparado. Porém, aqui a gente vê que nas universidades uns 95% são doutores, se faz pesquisa. Na Argentina contrariamente, na Universidad Nacional de Rosario (UNR) ou na Universidad de Buenos Aires (UBA) os doutores não chegam a 5% ou 10%. A gente foi forçado a fazer doutorado e a diferença de salário é de duas vezes (Rodrigo).

Argentina es un país envejecido joven, eso es lo más grave. La parte negativa como los celos y la envidia es terriblemente grande allá, acá es

4 da tarde o presidente pronunciou um discurso pela televisão convocando a "unidade nacional" e oferecendo ao Partido Justicialista co-governar o país. Diante da negativa judicialista, Fernando de la Rúa renunciou. Os piqueteiros (em castelhano *piqueteros*) são ativistas mais ou menos organizados, que pertencem ao movimento social iniciado por trabalhadores desempregados na Argentina ao longo da [década de 1990], pouco antes da crise econômica provocada pela política econômica de câmbio fixo, dando início a uma grande recessão que levaria à queda do governo de Fernando de la Rúa.(SOLANAS, 2003)

²⁰ O entrevistado se refere a sua não inserção no mercado de trabalho argentino.

²¹ Atualmente ACINDAR é a maior siderúrgica de aços longos da Argentina. (Disponível em: <http://www.acindar.com.ar/inst_1_Historia.asp>. Acesso em: 25 out. 2008).

más suave, allá vos sos profesor y tenés cinco tipos que están intentando serrucharte el piso. Si tenés éxito en vez de apoyarte te miran con odio, acá existe eso también pero el nivel es mucho más bajo, la vida es más tranquila, no está esa lucha estratificada. De mi facultad de ingeniería química echaron al 50% en el período de la dictadura.

Nadia: ¿Y esa gente se fue a donde?

Pedro: A muchos lugares, a Venezuela, a Europa y otros se quedaron en la Argentina. Muchos volvieron con la democracia y están allá con un "bico". Usan la investigación como una cosita más para su vida, allá [en argentina] no se dedican full time. [Trabajando en investigación] te morís de hambre. Los posgrados están desorganizados, a pesar de eso hubo profesores muy buenos. Si el argentino sería bien organizado sería una locura (Pedro).

Julio: Na época que me formei fiquei as duas semanas procurando empresas. Recorri mais de 30 empresas em Buenos Aires, multinacionais e nacionais. Não tinha nada. Mandeí cartas para Itália, Espanha, Brasil. (86 a 90 cartas). Recebia por correspondência as respostas e foi nesse momento que procurei o Consulado. Os profissionais estão em todas as partes do mundo, tenho colegas morando na Alemanha, 4 ou 5 nos Estados Unidos.

Nadia: A famosa fuga de cérebros

Julio: A fuga de argentinos formados (Julio).

Os salários são muito ruins. Eu lembro que, há três anos, eu tive na Argentina porque queria resgatar a minha memória dos anos que eu trabalhei com eles, para ver se eu conseguia fazer valer isso aqui, para a minha aposentadoria. Eu fui muito prejudicado: aqui, pela mudança das leis de aposentadoria eu estaria me aposentando, aliás, já teria me aposentado em setembro desse ano, pela lei que eu ingressei. Mas depois, houve mudanças constitucionais, por Fernando Henrique primeiro e Lula depois, mandaram o negócio a 35 anos. Aí eu descobri que existe um acordo entre Brasil e Argentina para aposentadoria, então eu queria recuperar a informação daqueles três anos que eu trabalhei com eles, dois anos e meio. Aí fui lá e me encontrei um cartaz; era uma eleição para os sindicatos de professores, e nesse cartaz havia uma certa chapa que propunha então "nenhum docente abaixo da linha de pobreza", e colocava então a tabela salarial dos professores, desde o titular até o assistente de segunda, e isso dava um triângulo: o titular é o cara que mais ganhava, e mostrava como evoluía o salário, até atingir a saturação. E a saturação era assim uma coisa de 1800 pesos, quer dizer, em dois anos o cara chegava aos 1800 pesos e daí para frente não podia ir mais além daquilo. Um professor titular aqui, nessa época, ganhava 6000 reais, que devia representar uns 8000 pesos, quer dizer, umas 4 vezes mais (Roberto).

Com respeito aos motivos de ordem econômica, a migração de acadêmicos argentinos para o Brasil responde mais a uma escolha realizada por indivíduos mobilizados por estratégias de superação social, que a uma migração de desesperados em procura de emprego. Muitos professores estavam empregados, só que comparativamente com o Brasil as condições laborais eram inferiores. Contudo é específica, em nossa pesquisa, a multiplicidade de fatores que causam a migração. Na análise migratória devemos considerar fatores macro-sociais e fatores micro-sociais, nunca isoladamente. A capacidade de colocar em conjunto tanto variáveis estruturais como pessoais enriquece enormemente a compreensão do

fenômeno migratório. Apesar da tendência em privilegiar os primeiros em detrimento dos segundos – os argentinos acadêmicos vieram para o Brasil por questões políticas ou econômicas – aparecem outras razões subjetivas que devem ser levadas em conta na análise das migrações como, por exemplo, a paixão pelo mar, questões sentimentais ou divergência de protótipos sociais:

Llegué en el año 86 en Brasil porque corro olas y me gusta, es un deporte que practico, vine aquí y me gustó. Vine de vacaciones para correr olas [...], vi posibilidades de trabajo y busqué trabajo [...]. Mi pasión por el mar, para mí es lo más importante, marca mi vida, el mar que yo conocí en Uruguay. Como mi mamá es uruguaya íbamos mucho para Uruguay, ahí conocí el mar. Tuve un arraigo muy fuerte con el mar, el núcleo más importante de mi migración fue esa más que política. (Juan)

A primeira causa foi por uma questão do “coração”. Eu comecei a namorar na Argentina um cordobés, que quando o conheci, ele já pensava vir ao Brasil para fazer mestrado. Foi no ano 1999, A gente namorou, ele passou no mestrado. Ele veio e eu vim também no verão de 1999, 2000 [...] Mas outra vez o coração fez com que eu ficasse aqui, porque já conheci um brasileiro (Andréa).

Um caso particular a ser tratado é o de um dos professores que expressa como razões de sua mobilidade a dissidência ao modelo social da sociedade Argentina e o acerto de contas com sua família. Esta última declaração merece especial tratamento por sua propriedade explicativa. O escritor francês Michel Maffesoli em seu livro *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas* (2001) lança a hipótese de que o desejo de errância contemporâneo tende a ressurgir como substituição, ou contra, o compromisso de residência que prevaleceu durante toda a modernidade. Sustenta que diante de uma sociedade se afirmando perfeita e plena, expressa-se a necessidade do vazio, da perda, da despesa, de tudo que não se contabiliza e foge à fantasia da cifra. Concorda com Michel Foucault sobre como as massas foram domesticadas, assentadas no trabalho e destinadas à residência, provocando uma espécie de bloqueio da circulação social e oferecendo proteção em troca da submissão. Maffesoli descobre que desta domesticação resulta a passagem do nomadismo para o sedentarismo:

Numerosas são as monografias, etnográficas em particular, que mostram que a transição das comunidades para as comunas, mais tarde destas para as entidades administrativas maiores, até se chegar ao estado nação, é acompanhada pelo nascimento de um poder tanto mais abstrato quanto mais afastado esteja. O nomadismo é totalmente antitético em relação à forma do estado moderna. [...] Fixar significa a possibilidade de dominar (MAFFESOLI, 2001, p.24).

A regulamentação da circulação por meio de leis migratórias e outros instrumentos, a boa gestão das disfunções ou dos acidentes que ela não deixa de induzir, permanecem há muito tempo na preocupação essencial do poder. “O que se move escapa, por definição, à câmera sofisticada do pan-óptico” (MAFFESOLI, 2001, p.25). Pode-se mesmo dizer que é próprio do político, na sua preocupação de gestão e de produtividade, desconfiar daquilo que é errante, daquilo que escapa ao olhar. Basta ler a legislação brasileira, especificamente o atual estatuto do Estrangeiro (Lei 6815/80), para perceber o caráter restritivo e rígido da legislação concernente à migração, elaborada durante o desenvolvimento da ditadura no Brasil, que caracteriza o migrante dentro da ideologia da segurança Nacional.

Para Maffesoli, foi característica da modernidade a intenção de ordenar, codificar e identificar o mundo (2001, p.23). Um de nossos entrevistados mostra o seu repúdio ao tipo de modelo de sociedade argentina intolerante ao diferente e sedenta de ordem nas décadas de 1950 e 1960. Caracteriza a geração dessa época como discretamente nacionalista, profundamente liberal, nojentamente conservadora e expressa seu desejo de abolição dessa sociedade bucólica em aparência: “nada é harmonioso e simples, sempre há uma relação de tensão; toda tradição é sempre uma relação de extradição²², de força e violência jogada contra o sujeito” (José). No princípio o entrevistado menciona sua dissidência a esse tipo de sociedade que provoca a sua migração, sua vontade de fugir desse controle, dessa homogeneidade dominada. Porém, na medida em que desenvolve sua fala, surgem outros fatores determinantes da sua migração. Outra dimensão deste tema pode ser observada na fala de alguns professores que expressam um sentimento de “prazer pelo corpo” no Brasil, como uma espécie de distensão em suas vidas cotidianas, em suas obrigações. Um afrouxamento da vida excessivamente escrupulosa e rígida própria de uma sociedade com forte presença de costumes de origem européia, sociedades com forte coerção e sanção social.

²²Aqui, Tradição é entendida como referência à herança cultural passada oralmente através das gerações ou conjunto de valores morais, espirituais, etc. transmitidos de geração em geração e que gera extradição, ou seja, obriga quem se considerar diferente, migrar para outro lugar (HOUAISS, 2004).

Laura: [...] vine a hacer la maestría [...] como vos, a vos te esta empezando a gustar quedarte pero eso se va construyendo. No es que vos pensaste te estas yendo y no vas a volver nunca mas. Para mi primero que era un lugar que yo deseaba ir. [...] Lo [...] fui "construindo" como un lugar que me gustaba Brasil. Después de esa vez cuando vine por mi viaje a Europa, al año siguiente vine con una amiga nos quedamos quince días entre Ipanema e Copacabana y fue la primera vez que me sentí yo misma entonces es como que hay toda una historia, había una cosa con Brasil que era muy fuerte.

Nadia: Y uno construye un poco después eso, es lo que otro entrevistado me decía.

Laura: Pero entonces ahí esta, hay todo un sentimiento lo que yo pensé que iba a sentir en Inglaterra [...] lo sentí en Brasil. [...] me gustaron cosas de Inglaterra cuando fui a Gran Bretaña, [...]pero la cosa del sol, esas cosas del brasileiro viste como que esa espontaneidad esa cosa del cuerpo, [...] sensualidad, [...] la estética [...] ¿La cosa de los colores, entendés?, esa cosa. Yo me acuerdo de las mallas que me compre, [...] me parecía que todo me quedaba bien y en Argentina me parecía que todo me quedaba mal. Los lugares que fuimos, todo me parecía bárbaro. (Laura)

Nadia: Quando migramos resignificamos a Argentina, qual a crítica que o senhor tem para oferecer?

Esteban: "Revalorizamos" uma série de coisas tanto no sentido de encontrar limitações ou aspectos críticos, quanto de valorizar o que antes não valorizávamos na Argentina. Uma coisa que foi muito importante por causa de meu temperamento: os argentinos eram, ou continuam sendo mais formais do que no Brasil. Isso se notava até na roupa, eu nunca fui ministrar aulas na Argentina de roupa esporte, ia de gravata e casaco. Eu me lembro que saí para dar aulas pela primeira vez em Santa Maria. Eu estava trajado de uma forma que a minha mulher define como "uniforme dos argentinos", que era calça cinza, casaco azul e uma gravata bem austera. Aí eu saí assim e a vizinha perguntou para minha mulher: 'seu marido é da polícia?' porque imaginou que esse uniforme não podia ser de outra coisa. Depois comecei a perceber que era uma forma de vestir menos rígida. Em minha cidade natal os motoristas de ônibus eram obrigados a usar gravata. Imagina, um calor espantoso no verão... [...]. Então eu comecei a apreciar o que significava isso em termos de que não necessariamente formalidade significa mais seriedade e respeito e vice-versa. (Esteban)

De certo modo, pode-se observar o desejo de migrar como compensação necessária a uma vida regrada por instituições estáveis de confins rigidamente demarcados em seu país de origem. Numa necessidade de equilíbrio entre nomadismo-sedentarismo, Maffesoli faz uma comparação entre o tropismo exercido pelo sul e a civilização anglo-saxônia:

Basta observar, a esse respeito o tropismo exercido pelo sul sobre a puritana e industriosa civilização anglo-saxônica para se dar conta de que valores trazendo à cena o ludismo, o prazer do corpo, o gosto do sol, o sentido a um só tempo trágico e frívolo da existência, são uma forma de compensação necessária a uma vida regrada por instituições estáveis de contornos bem definidos (2001, p.79-80).

A sociedade argentina possui uma história e uma forma social e culturalmente determinadas e associadas com o europeísmo (RIBEIRO, 2002). O europeísmo

remete a uma complexidade de fatores históricos, sociológicos, econômicos, políticos, culturais e demográficos que faz com que a Europa seja o grande e subjacente referencial distintivo da “argentinidade”, espelho construído mais pelos latino-americanos sobre os argentinos, do que pelos próprios argentinos.

No fundo, no espelho Argentina/Brasil terminam reproduzindo-se imagens estruturadas pelo encontro Europa/trópicos, só que desta vez distorcidas, pois que, obviamente, a Argentina não está na Europa. Brasileiros e argentinos estão irremediavelmente presos a um jogo especular entre si (RIBEIRO, 2002, p.261).

Em relação à domesticação da época moderna, para Maffesoli a Idade Média construiu-se essencialmente sobre a mistura, o movimento, o dinamismo lúdico e efervescente. Existia ali, uma tendência especial de se movimentar a fim de ultrapassar aquilo que os estados sociais tinham de coercivo e petrificado. Os historiadores localizam um nomadismo incessante perpassando todas as camadas sociais. A epopéia das cruzadas, por exemplo, para além das motivações religiosas indica uma inegável sede de outro lugar. E sabe-se que, se foram magros os sucessos militares, o contato com outras civilizações fascinou uma parte completa da nobreza europeia. Existia no imaginário social essa mania pela locomoção. A busca do Graal²³ não era apenas aristocrática e encontra a sua expressão em camadas muito diversas da população. Exemplos disso encontramos no *tour de France*, nas viagens iniciáticas dos jovens burgueses como nas andanças dos comerciantes. A tendência geral mostrada por esses exemplos é que o nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: o desejo da evasão. Nas palavras de Maffesoli:

É uma espécie de “pulsão migratória”²⁴ incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros e isso é para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade. A confrontação com o exterior, com o estranho e o estrangeiro é exatamente o que permite ao indivíduo medieval viver essa pluralidade estrutural que cada um tem adormecida dentro de si (2001, p.51).

²³Na literatura medieval, a procura do Graal representava a tentativa por parte do cavaleiro de alcançar a perfeição.

²⁴Grifo do autor. O termo pulsão abarca todas as tendências instintivas ou surgidas à conseqüência de necessidades vitais, existe com freqüência a idéia de um objetivo (DORSCH, 1976).

Na condição sociocultural do capitalismo contemporâneo, também denominado pós-industrial ou financeiro, os fluxos se reiniciam como resposta a essa domesticação da era moderna.

O certo é que a circulação recomeça. Desordenada até mesmo em turbilhão, ela não deixa nada nem ninguém indene. Quebra os grillhões e os limites estabelecidos e quaisquer que sejam seus domínios: político, ideológico, profissional, as barreiras desmoronam. Nada pode represar seu fluxo. O movimento ou a efervescência está em todas as cabeças (MAFFESOLI, 2001, p.27).

Se por um lado atua como vigia e controle, a rede mundial de telecomunicações, por outro, apresenta um mundo cheio de opções de viver, repleta de diferentes culturas que chegam às pessoas pela tela de seus computadores portáteis. Que tipo de migrantes gera o mundo de hoje? Quais os principais motivos da migração na fala dos migrantes? E os motivos inconscientes? A mobilidade humana acompanha esse paradigma do aqui e agora onde o lema é o movimento com uma tendência ao aumento em seu dinamismo.

Se tomarmos como indicador a média dos anos transcorridos entre o primeiro e o segundo deslocamento inseridos na trajetória, ou seja, a média de tempo que os imigrantes permanecem em cada local de residência de seu roteiro, é possível observar que a mobilidade espacial se faz cada vez mais freqüente no tempo. O resultado obtido a partir do tempo de permanência entre o 1º e 2º lugar e o 2º e 3º lugar, se reduz a mais da metade: de 10 para 4 anos, respectivamente (quadro 6). No grupo pesquisado, o fluxo se intensifica.

Entrevistados	Quantidade de anos entre o 1º e 2º lugar	Quantidade de anos entre o 2º e o 3º lugar*
A.Roberto	26	5
B.Laura	20	1
C.Elena	32	4
D.Juan	5	-
E.Pedro	2	1
F.Andréa	1	1
G.Susana	12	-
H.Andrés	2	5
I.José	1	1
J.Rita	4	3
K.Vanesa	12	9
L.Julio	9	3
M.Rodrigo	2	21
N.Esteban	30	-
O. Adriana	4	1
P.Rodolfo	10	10
Q.Martín	5	5
R.Jorge	4	4
Total	181	74
Média	10,05 anos	4,1 anos

* A ausência de dados se deve ao não deslocamento do professor entre o 2º e o 3º lugar.

QUADRO 6: Número de anos transcorridos no primeiro e segundo lugar de estância dos professores argentinos.

Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em informações obtidas nas entrevistas, 2007.

Ao dividir-se o grupo de pesquisa segundo as razões expressas de imigração, o grupo de imigrantes que chegou ao Brasil como consequência do exílio político permaneceu no primeiro ponto de sua trajetória de 25 a 32 anos por razões de tranquilidade política e econômica em relação aos demais vizinhos latino-americanos. No depoimento de um deles:

No Chile estava Pinochet; Peru, Paraguai e Bolívia não eram países que ofereciam muitas oportunidades de emprego. O Uruguai encontrava-se em situação de crise política, muito semelhante à Argentina. Restava então o Brasil, país de enormes dimensões que nos anos de “milagre econômico” [...] transmitia a imagem de um país economicamente estável, com maiores oportunidades de trabalho (Esteban).

Há casos no grupo estudado em que os migrantes chegaram formados com o grau de doutor, estendendo sua permanência no Brasil por mais de 20 anos; tais trajetórias têm menos escalas. Eles se inseriram como professores da Universidade Federal de Santa Catarina. Mesmo assim, deslocam-se espacialmente com o fim de

efetuar pós-doutoramento tanto em países europeus como em outros países da América Latina.

O grupo restante, que expressa o exílio econômico e razões pessoais como o principal motivo de sua estadia no Brasil, permaneceu entre 5 e 10 anos em cada destino de suas trajetórias, ou seja, em cada nó das séries migratórias.

No primeiro deslocamento o migrante oferece resistência porque de fato a sua saída é geralmente pela insatisfação – pessoal ou social – com algum aspecto da sociedade de origem. Esse aspecto pode ser ideológico, econômico, social, entre outros.

Diante do exposto, cabe indagar o porquê do aumento do dinamismo nos migrantes acadêmicos. No caso dos professores universitários, entra em jogo a variável da mobilidade espacial como ascensão na carreira acadêmica e a necessidade de especialização, principalmente em países estrangeiros como legitimação do conhecimento. Em outras palavras, o tipo de sociedade informacional na qual estamos imersos exige uma bagagem cultural cada vez maior, o que gera mobilidade espacial como quesito indispensável aos professores universitários.

Não necessariamente opondo-se as idéias de Maffesoli, Bologna (2004) apresenta outra leitura sobre as causas do aumento do fluxo migratório contemporâneo. Num estudo onde analisa a migração boliviana para a Argentina, o autor argentino explica o fenômeno como uma resposta da continuidade da corrente migratória que, com o tempo, apresenta tendência a ampliar seu dinamismo.

Los que arribaron en la década del cuarenta, se tomaron un promedio de más de diez años para ubicarse en un segundo lugar en el que permanecieran más de un año; mientras que para el mismo tipo de desplazamiento, los llegados en la última década requirieron dos años y medio. De esta manera se aíslan los efectos que podrían haberse explicado por factores individuales y aparece así como sostenible la hipótesis según la cual las características de la corriente migratoria -a nivel agregado- cambian a lo largo del tiempo en dirección a un incremento en su dinamismo (2004, p.11).

Portanto, Bologna atribui o incremento migratório a uma mudança na característica da corrente migratória. Pensando-se em uma seqüência migratória,

chega ao Brasil o primeiro migrante qualificado, depois dele chega um segundo que esteve em contato com aquele primeiro²⁵. Este segundo traz outros dois que por sua vez trazem mais pessoas, e assim sucessivamente. Este autor convida-nos a olhar para o incremento da mobilidade espacial de migrantes não qualificados como resposta a construção de redes, enquanto Maffesoli chama a atenção para o nomadismo como um fenômeno que responde a questões sociais e subjetivas, variável que, em princípio, parece esclarecer melhor o tema que nos interessa. O autor francês relaciona a pulsão da errância com a impermanência das coisas numa sociedade caracterizada pelos laços fracos e fugazes, sociedade que poderia se distinguir como do “aqui” e “agora” ou sociedade líquida na interpretação de Bauman.

Assim como para o melhor ou para o pior, o tribalismo pós-moderno dá ênfase à explosão das sociedades homogêneas. Também é tempo de levar a sério a intensificação da pulsão da errância que, em todos os domínios, existe. Numa espécie de materialismo místico, lembra a impermanência de qualquer coisa. O que não deixa de fazer de todo mundo o viajante sempre em busca da outra parte, ou o explorador maravilhado desses mundos antigos que convém, sempre e ainda uma vez, inventar. Por que estar inquieto ou em desequilíbrio não é, afinal de contas, o próprio de todo ela vital (MAFFESOLI, 2001, p.17).

Para esse escritor, é tempo de levar a sério a pulsão da errância na sociedade atual tendente à liquidez das relações e à impermanência das coisas e dos objetos.

Até aqui foram apresentados os motivos que denominamos conscientes, entendendo por consciência a qualidade da mente que abrange qualificações tais como subjetividade, autoconsciência, sentiência, sapiência, e a capacidade de perceber a relação entre si e um ambiente, tanto nas consciências individuais como coletiva dos migrantes. Nas próximas páginas serão desenvolvidos os motivos que denominaremos de inconscientes. Os professores têm racionalidade de sua ação, de seu deslocamento ou dos motivos da migração no começo da mobilidade espacial, porém não têm como racionalizar ou controlar a continuidade desse

²⁵ Fenômeno que observamos na construção da rede de professores argentinos em Florianópolis e mencionado na página 57 deste trabalho.

movimiento. Sayad, citado no artigo de Rezende, acrescenta e caracteriza o processo migratório como aleatório, dinâmico e incomensurável:

Esse movimento, ao mesmo tempo em que é o projeto e o processo (uma experiência) concreto, “calculado” e intencionado pelo indivíduo, é também completamente aleatório, imprevisto, dinâmico e incomensurável. Portanto, ao final, não é possível dizer que o imigrante, por mais racional que ele seja, emigrou um dia porque pesou na balança os prós e contras. Não apenas por isto, pois ele emigrou porque sentiu um desejo incontável e subterrâneo de se confrontar consigo e com a coletividade a qual pertence, de descobrir a si mesmo da maneira mais contundente possível, porque nessa via não há retorno (SAYAD *apud* REZENDE, 2005, p.174).

No discurso dos entrevistados surgem termos ou expressões como “descobrimo”, “acordar”, “minha vida foi acontecendo”, “nunca existiu uma idéia de migrar ao Brasil, emigrei ao Brasil porque fui ficando (Jorge), “a mobilidade é necessidade, é algo inevitável, te leva a um determinado lugar” (Martin) e que denotam essa aleatoriedade e esse desejo incontável assim como o confrontar-se consigo mesmos.

Creo que esas experiencias son por ahí más fuertes [...], eso fue toda una construcción que en mi vida se fue dando [...] no fue solamente la condición del trabajo yo creo que había otros elementos [...] que me fueron haciendo brasilera [...] o fueron descubriendo la brasilera que había dentro, uno se siente más brasilero que los mismos brasileiros (Laura).

La migración es necesidad, es algo inevitable, te lleva a un determinado lugar [...] yo creo que lo nuestro es más inmigración, nosotros decidimos venir para Brasil. Observá una cosa: la Migración es un acto de necesidad la inmigración es una expresión de la libertad de moverse. ¿Cuando se adquiere esa libertad de moverse? cuando vos sabés que tenés condiciones de sustentarte o no abandonás algo porque está, yo salí de argentina porque allá estaba una bosta, creo que todavía esta porque se siguen matando por los puntos en la cartera como sucedió ayer. Qué ridículo. [...] el problema de no casamiento de no haber una concordancia entre lo que yo esperaba de la vida y lo que pasó en mi vida. ¿Podía haberme quedado? Podía, hubiera continuado en la universidad de Comahue, hasta que las cosas estén mejor, hubiera “pulado”. Tuve la oportunidad de ir a Buenos Aires de nuevo, se me ofreció ser el jefe de la tecnología mecánica del IMPI, no lo hice porque me iba a costar mucho dinero vivir en Buenos Aires y mi sueldo era igual de malo en un lugar como en el otro, entonces preferí quedarme donde estaba que no estaba tan mal. Entonces, ahora ¿Por qué estoy aquí? porque hay alguien que le gusta trabajar conmigo, porque tengo un conjunto de personas que no me conocían y cuando me conocieron decidieron quedarse trabajando conmigo acá. Yo creo que eso es una expresión de libertad, es decir, crear en mi y en mi contexto un conjunto de capacidades y potencialidades que me permiten – si mi inmigración para Florianópolis no “da certo” – arrancar para la Bahía o para España y trabajar allá, hay muchos argentinos también.[...]. [Hablando de la causalidad de la migración] Yo creo que hay algo que te prepara para la capacidad de migrar, la capacidad de migrar es una expresión de la libertad de la persona (Martín).

Eu tenho uma visão do migrar como voltar a nascer; no sentido de que a gente vai pensando, na medida em que o tempo passa, que a gente vai ficando um pouquinho mais “burro”, a gente não é tão rápido, fica difícil entender uma coisa nova e, no entanto [é] colocado frente a uma situação extrema. Eu por exemplo, agora vou sair para provar a minha teoria, [para isso] teria que migrar para Tailândia, lugar onde você não consegue ler nada, você não sabe de quem estão falando. [...] Percebe depois de um tempo que você começa a entender, que daqui a pouco [...] consegue fazer compras e de repente passou um ano e [...] consegue expressar sentimentos então finalmente você nasceu não sabia nada e de repente agora você sabe (Roberto).

“Entonces, ahora ¿Porque estoy aquí?” (Martín). É difícil para os migrantes perceberem-se verdadeiramente como parte de um fenômeno maior que os inclui: o nomadismo. Esse fenômeno é encarado como uma oportunidade de crescimento pessoal, uma vez que estar inquieto ou em desequilíbrio é próprio de todo elo vital. A mudança é própria da vida. Alguns migrantes não a percebem: “Diria que eu acordei três ou quatro vezes perguntando o que eu estou fazendo aqui e em momentos de muitas saudades” (Susana). Outros têm a visão do migrar como voltar a nascer ou relacionam a trajetória à origem.

Nadia: para começar você pode falar sobre as trajetórias migratórias, sobre o histórico dessa mobilidade. Como foi essa trajetória? Quando ela começou?

José: você me faz uma pergunta metafísica que é a pergunta da origem, não? Onde você começa a se mexer. Eu diria que começo a me mexer a partir do momento que eu nasci. (José)

Dessa maneira, muitos dos migrantes, consciente ou inconscientemente, escolheram por uma vida diferente e nova. Muitos deles reconhecem a sua mobilidade como desejo de crescimento espiritual e ontológico²⁶.

²⁶Ontología es lo que Aristóteles llamó de Filosofía primera y luego se llamó metafísica. Parece tener dos temas de estudio. Uno es como Aristóteles lo llamó < el ser como ser> o <el ente en cuanto ente>. En este caso se toma el ser en toda su generalidad, independientemente de que clase de <ser> se trate, puede ser finito o infinito, material o no material, etc. El otro tema de estudio es <el ser> o <el ente> por antonomasia, es decir, aquel ser o ente principal del cual dependen o al cual están subordinados los demás entes. Clásicamente, este último ser es Dios, o el objeto de la Teología.[...] Para Heidegger hay una ontología fundamental que es precisamente la metafísica de la existencia. La misión de la ontología sería en este caso el descubrimiento de la constitución del ser de la existencia (MORA, 1979, p.2424-2425).

Como conseqüência, a efervescência social aparece em qualquer nova estruturação na passagem de um tipo de sociedade a outra. Na sociedade atual, o amor da aventura testemunha a força de uma cultura, sobretudo quando essa cultura se enraíza no imaginário, não se satisfazendo com uma institucionalização cheia de suscetibilidades e um tanto letárgica.

Um corpo social, qualquer que seja guarda a memória de sua errância original. É preciso que descubra os meios de avivá-la. Assim procedendo, *redinamiza* a força de seu ser-conjunto e lhe assegura, a longo prazo, um poder específico (MAFESSOLI, 2001, p.53).

Sobre a tendência simplista de reduzir o comércio à sua dimensão estritamente utilitária, Maffesoli se apóia nas considerações de Fernand Braudel, autor que aponta para a relação entre errância e o fluxo de trocas, e insiste sobre o fato de que essa ligação é o elemento básico de qualquer sociedade, esses fluxos estão prontos para aparecer e balançar as certezas estabelecidas e os diversos conformismos do pensamento. “Por saber escapar da esclerose da instituição (o fluxo) pode ser eminentemente construtor” (Mafessoli, 2001, p.59). Assim, a liberdade do errante não é a do indivíduo, econômico de si e econômico do mundo, mas exatamente a da pessoa que busca de um modo místico “a experiência do ser”. Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa sempre da ajuda do outro; o outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande outro da natureza, ou de tal ou qual divindade. O dinamismo e a espontaneidade do nomadismo estão justamente em desprezar fronteiras (nacionais, civilizacionais, ideológicas, religiosas) e viver concretamente alguma coisa de universal.

Esse nomadismo esclarece o autor, não pertence ao conjunto da população. Mas, quando vivido por alguns, alimenta o imaginário coletivo global. O autor traz o caso de Portugal como uma sociedade portadora dessa pulsão migratória. Explica a famosa “saudade” como esse amor pelo longínquo. Na expressão do autor: “É a nostalgia simultânea de um país aventureiro e de um futuro que achará sua plena expressão na concretização das potencialidades legadas por um tal passado.” Por que trazer este exemplo? Porque a colônia brasileira, conquistada por Portugal,

carrega a arte de se misturar como condição associada à pulsão²⁷ da migração do português. A cultura, em seu momento fundador, é plural e efervescente e não saberia, por si própria, acomodar-se a uma situação de petrificação, sob o risco de murchar-se. A nostalgia do outro lugar engendra a errância que, por sua vez, favorece um ato fundador.

2.3.1. A Trajetória é Cultural

Existe a idéia de que somos hoje um legado dos tempos ancestrais. É a nostalgia simultânea de um país aventureiro e de um futuro que achará sua plena expressão na concretização das potencialidades legadas por tal passado. É na errância que os professores argentinos materializarão as potencialidades herdadas por seus avós imigrantes através da convivência na sua infância com os seus avós e os seus padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades desse grupo de migrantes que correspondem com o período das migrações transoceânicas de europeus a finais do século XIX e começo de século XX. Em certo sentido revelam uma espécie de cultura migratória ativa. Nas palavras de Calvino:

[...] o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar na cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos [...] (CALVINO *apud* REZENDE, 2005, p.172).

É no Brasil onde se desvenda esse passado que os imigrantes não recordavam existir.

Talvez o que seja importante a dizer é que eu nasci em 1949, na Argentina. Filho de pais argentinos, mas os meus avós eram todos de nacionalidade diferentes. Uma única argentina, um inglês, uma espanhola e um italiano. Então a questão da migração no meu caso, e de muitos argentinos, é uma coisa que está sempre presente; o meu avô falava italiano e eu aprendi com ele... Enfim tive muitas coisas como essas. Volta-se do pai para os avós, meu avô veio da Espanha. Eu acho que a gente tem no sangue um pouco disso, eu estou aqui e parece que estou lá... Nosso pessoal já migrou, tem essa história de ser estrangeiro na própria terra (Roberto).

²⁷O termo Pulsão foi explicado na página 76 deste trabalho.

Rezende (2005) analisa os sistemas de migração internacional e propõe uma análise estrutural dos mecanismos intermediários que atuam na mobilidade espacial. No último capítulo discute um aspecto essencial na sua tese, que é uma espécie de “ontologia do deslocamento”, refletindo desde a natureza constitutiva dos movimentos migratórios até seu questionamento político. Na nossa pesquisa muitos dos migrantes repetem a história de seus avós num reencontro com esse passado que não lembravam existir. Em alguns casos de perseguições, podemos fazer analogia entre as perseguições nazistas do começo da década de 30 do século XX e as perseguições ideológicas durante o período da ditadura militar na Argentina, desconsiderando-se as particularidades político-temporais de cada movimento. Trata-se de outro tempo e outro espaço, mas ainda assim de perseguição. Isso vem confirmar a idéia de que o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, proposta apresentada anteriormente por Calvino.

Mis cuatro abuelos escaparon del zar, de Rusia antes de la revolución, ponele 1904, había persecuciones terribles a los judíos en esa época, todos migraron y se conocieron, se casaron en Argentina, entonces mis padres eran la primera generación argentina, pero un argentino diferente. El argentino judío es un argentino que trata de asimilarse a la sociedad a pesar del antisemitismo, porque el antisemitismo es muy fuerte en Argentina, mucho más fuerte que aquí [...] A la madre de mi mamá le conseguí hacer una entrevista donde ella me contó toda la historia tratando de recuperar todo el pasado de ellos como mi pasado. Ellos eran inmigrantes que habían tratado de olvidarse su inmigración y adaptarse a Argentina. ‘Estamos acá, vamos a vivir el presente’, entonces esa entrevista que hice a mi abuela fue fantástica porque después mi abuela entró con proceso de alzheimer... Y eso me dió un *twist* en mi vida, en términos de entender lo que significa la inmigración y yo sentirme parte de un pueblo errante repitiendo la historia de mis abuelos escapándose de la violencia... (Adriana).

Segundo Maffesoli, o nomadismo de Israel permitiu-lhe manter-se como entidade sólida. O exílio foi, portanto, um fator de coesão e favoreceu o sentido de perdurar: “da mesma forma o ideal do *homo viator*, do homem em viagem está na base da mensagem do evangelho. O próprio Cristo dá o exemplo através do mito da ascensão, que canoniza o desejo de outro lugar” (2001, p.30-31).

No segundo capítulo de seu livro, Maffesoli desenvolve o histórico do nomadismo e cita Georg Simmel, que ressalta o papel do estrangeiro nas interações sociais como intermediários, com a exterioridade e, através dela, com as diversas

formas de alteridade. O estrangeiro é uma espécie de barqueiro que atravessa as pessoas de uma margem para a outra. Ressalta que o ser social é fluidez e circulação em perpétuo acontecer. Estrangeiro é sinônimo de comércio, que por sua vez é sinônimo de 'judentum', como adverte Marx em seu ensaio sobre a questão judaica.

Um outro caso de reencontro com o passado é o de um emigrante brasileiro, avô de um dos entrevistados e que foi morar na Argentina. Quando a imigrante chega ao Brasil sente cheiro de fumo, o mesmo cheiro de fumo que ela associava diretamente com a figura de seu avô. Já no Brasil, ela descobre que o seu avô era brasileiro. É interessante ressaltar, neste caso particular, o que o cheiro de fumo pode causar na migração, na integração de um migrante com seu lugar de destino. É um fator que não se pode menosprezar num estudo destas características.

A certidão de óbito dele mostra ser brasileiro, naturalizado argentino. Eu falo uma coisa que é da minha história individual. Eu estando na Argentina, não sabia. O pai da minha mãe é brasileiro, nasceu em São Paulo, eu procurei as certidões [...] foi no momento que eu queria tramitar a naturalização [...] tenho aí uma parte da minha história, porque através de tudo isso eu tentei localizar os pais de meu avô. Eles eram da Espanha, ficaram dois anos nos cafezais em São Paulo, se vê que alguma coisa aconteceu. Não queriam trabalhar como escravos, enfim, foram para a Argentina, em Córdoba. Ele lá abriu um comércio muito grande. Duas coisas importantes me aconteceram quando cheguei a Florianópolis, a primeira vez que conheci Florianópolis na década dos 80, foi o cheiro de tabaco, um cheiro que era [...] hiperfamiliar, da casa de meu avô, uma coisa que me impactou, depois passavam os anos e descobri que meu avó nasceu no Brasil. (Susana).

Alguns dos imigrantes exilados políticos, tanto quanto seus avós escapados dos czares, tentam esquecer sua migração e se adaptar ao novo espaço repudiando os sentimentos associados ao medo, à angústia e à morte trazidos do país de origem. Esse sentimento pode ser observado nas palavras de dois dos entrevistados: "Siempre cuando voy a Argentina tengo una sensación de extrañeza, me siento extraña, es un sentimiento que no lo consigo definir, es una mezcla de nostalgia de la familiaridad con distanciamiento" (Adriana); "[...] en toda esa época se ha creado mucho odio y los que fuimos echados afuera nos mataron para la Argentina, prácticamente a vos te matan. Uno se tiene que considerar muerto para Argentina [...]" (Pedro).

Outros migrantes desejam repetir a história numa contra-migração para a Europa, na busca de seus antepassados. Essa memória marcada na infância provoca uma nova mobilidade, desperta desejo de voltar e se reencontrar com a origem.

Tenho a tripla nacionalidade. Sou argentino, brasileiro e Italiano e tenho, francamente, intenção de assim que me aposentar, ir morar um ano na Itália, pelo menos [...] porque esse negócio de voltar onde foi o lugar de meus avós [...] eu mantenho contato com parte da família então [...] me daria muito prazer poder voltar para a Itália [...] eu tenho facilidade porque está no sangue [...] (Roberto).

Este fenômeno é caracterizado por um dos entrevistados como “Édipo migratório”, volta-se da geração dos pais para a dos avós. O complexo de Édipo caracteriza-se por sentimentos contraditórios de amor e hostilidade. Metaforicamente, este conceito é visto como amor à mãe e ódio ao pai. Com respeito a este tema um dos professores expressa o seguinte:

É uma regra quase universal. Normalmente quem migra nesta etapa na América Latina (...) realiza uma sorte de « Édipo migratório » impugna os valores do pai para resgatar os dos avós. Eu conheço vários amigos onde a história se repete [...]. Costuma ser a primeira geração na América Latina [...] de profissionais que deixam de se ocupar do comércio ou da agricultura, de tarefas manuais, para serem professores universitários. Então, [...] essa geração de nossos pais foi discretamente nacionalista, profundamente liberal, eram os que nós achávamos de nojentamente conservadores e precisavam ser revogados. Sintomaticamente, nos reatamos com uma relação anterior que normalmente é a geração que migra, com uma ou com duas atrás, em meu caso foi meu avô que era galego, ou seja, que na verdade eu estou falando a língua de meu avó, estou falando português [...] e não a de meu pai (José).

Nesta pesquisa não se daria uma relação pai e mãe, senão pais e avós, evidenciada numa rejeição pelos valores da geração do pai e uma religação com a geração dos avós migrantes. A identificação com estes últimos é reforçada no trecho apresentado abaixo:

Mis abuelos maternos vinieron de España y fueron a radicarse en el Chaco. Después, consiguieron una tierra en Córdoba y finalmente volvieron para Buenos Aires. No conocí a mi abuelo, me dicen que me parezco a él y el viejo, por lo que yo sé, debía ser una persona extremadamente interesante. Mi viejo ya es hijo de italianos, no de españoles la madre de él es bien italiana pero el padre de él ya era hijo de italianos argentinos, mis viejos vivieron en

*la boca*²⁸ que es un lugar que realmente es caracterizado por la presencia masiva de inmigrantes (Martín).

Por meio das histórias apresentadas pelos depoentes, percebemos que muitas são as motivações que os trouxeram ao Brasil, e segundo um deles, não prevalece um fator de motivação migratória sobre o outro.

É complexo o processo de migração. Ele compõe-se de tantas coisas: de um romance familiar, de uma história política, de opções ou indecisões pessoais. Quero dizer que tudo incide, não diria que uma maior que a outra. Todas agem em conjunto, são tantas quantas você tiver condição de reconhecer. Essa resposta só se arma a posteriori, só quando você se pergunta por que eu estou aqui? O que que eu vim fazer aqui? (José).

A partir dos apontamentos apresentados na segunda parte deste capítulo, podemos concluir que o predominante é a multiplicidade de fatores que provocam o fenômeno migratório: são de índole política, econômica, por dissidência de modelos, por relações amorosas, por significância do mar, pulsão migratória, Édipo migratório, redefinição da personalidade, entre outros. Como já se havia discutido na construção do objeto, os fatores macro-estruturais afetam tanto quanto os fatores micro-estruturais na imigração acadêmica.

A mobilidade espacial foi condicionada estrutural e conjunturalmente por questões econômicas e políticas. Entretanto, teve a participação de elementos subjetivos, importantes para que muitas e muitos migrassem e outras e outros ficassem. Se a explicação central para a mudança é posta nas condições materiais imediatas, também não é menos cabível que outras questões, *paralelas*, coloquem-se como importantes na definição da migração.

[...] A migração estudada, a partir do cruzamento de condicionantes estruturais, conjunturais e subjetivos, relativiza a proeminência de um fator sobre outro, sendo necessário, especialmente, ouvir quem migra e quem fica como possibilidade de ser *ler* o movimento em sua complexidade (GOETTERT, 2007, p.10-11).

²⁸ O bairro de “La Boca” é conhecido na Argentina como um bairro estritamente de imigrantes.

2.3.2 Trajetória Espacial

Devido à migração, o espaço de vida dos professores foi se ampliando com o decorrer do tempo.²⁹ Por isso, neste apartado percebemos a necessidade de pesquisar o conjunto de deslocamentos e as mudanças de residência onde o professor permanece por um período de tempo igual ou superior a um ano. Espacialmente, o conjunto de lugares a partir dos quais se operam os deslocamentos mudou. Mesmo que lugares da Argentina continuem formando parte da residência base como locais de visita a familiares, na maioria dos casos Florianópolis aparece como a residência principal de onde partem todos os deslocamentos temporários. Em outras palavras, os fluxos reversíveis dos professores fazem referência a uma residência-base principal situada em Florianópolis, a partir da qual os deslocamentos têm alta probabilidade de retorno. Conforme o que foi dito anteriormente, caracterizamos o fluxo de professores argentinos como irreversíveis, já que estabelecem uma mudança de residência definitiva para o Brasil e sem referência à residência anterior (na Argentina), a qual já não intervém no sistema de reprodução familiar e socioeconômica do grupo emigrado. Esse espaço de migração e os tipos de trajetórias espaciais inseridas nele, parecem ter relação com os diferentes motivos de imigração para o Brasil. Os tipos de trajetórias encontradas são os seguintes:

- **Trajetória direta:** quando o migrante se desloca da Argentina diretamente para o Brasil. A residência base se restringe a somente dois locais: Argentina – Brasil. Este tipo de trajetória é seguida por Laura, Elena, Andréa, Susana, Esteban e Rodolfo.
- **Trajetória acadêmica de resguardo:** quando o migrante parte da Argentina e reside num terceiro país por um período igual ou superior a um ano antes de chegar ao Brasil. A residência base se amplia para três locais: Argentina – outro país – Brasil. Seguem este curso Roberto, José e Juan.

²⁹ Já trabalhamos o conceito de “espaço de vida” na introdução deste trabalho, e o mesmo delimita a porção onde cada indivíduo realiza todas as suas atividades.

- **Trajetória acadêmica com retorno ao Brasil:** quando o migrante parte da Argentina e chega ao Brasil, desloca-se novamente para um terceiro país e volta finalmente ao Brasil. A estada é igual ou maior a um ano em cada lugar. A residência base se estende para quatro locais: Argentina – Brasil – outro país – Brasil e é seguida por Andrés, Adriana, Julio, Vanesa e Jorge.
- **Trajetória acadêmica com retorno à Argentina:** o migrante sai da Argentina, permanece no Brasil mais de um ano, retorna para Argentina e finalmente volta ao Brasil. Justamente o que diferencia esse tipo de trajetória das anteriores é que se protagoniza um retorno à Argentina. Segundo as características expostas anteriormente, a residência base estaria composta por: Argentina – Brasil – Argentina – Brasil e é desenhada por Pedro, Rita, Rodrigo e Martín.

Trajetórias / Décadas	1970	1980	1990	2000
Trajetória direta	Esteban Elena	Rodolfo Laura	Susana	Andréa
Trajetória acadêmica de resguardo	Roberto José	Juan		
Trajetória acadêmica com retorno ao Brasil	Adriana Vanesa Jorge	Andrés Julio		
Trajetória acadêmica com retorno à Argentina	Pedro	Rita Rodrigo	Martín	

QUADRO 7: Tipos de trajetória em relação à década de chegada.

Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em pesquisa de campo, 2007.

Segundo o quadro 7, a trajetória direta acontece durante todo o fluxo migratório de acadêmicos para o Brasil (1970 – 2000). Esse tipo de trajetória é desenhado por motivos políticos e econômicos, conscientes e inconscientes. Os migrantes políticos que pertencem a essa categoria saem da Argentina para o Brasil rapidamente e de maneira compulsória, muitos deles trazendo somente a roupa que vestiam no momento. Os imigrantes que chegam ao Brasil na década de 1970 não efetuam retorno por razões como medo e perseguição ideológica. “Era un clima de terror. El departamento de economía que era el de mi marido no había quedado

nadie bueno, y vos no tenés una dimensión del riesgo, del peligro, yo estaba en una paranoia total (...) no le hablé más a mi mamá por que tenía miedo” (Adriana).

[...]Mi migración fue forzada a tal punto que en los dos primeros años que estábamos la idea era no hacer contacto con ningún argentino [...] porque [...] estaba esa intervención en Paraguay, Uruguay y Argentina. Yo tenía pánico, por ejemplo, en Argentina. Para volver a visitar a mi familia lo pensé 10 años. En ese primer año, nosotros vivimos en una casa que era de la empresa, ellos nos dieron muebles y demás. Una chica que vivía ahí (en la casa de la empresa) cuando se enteró que venía una prima ella quería saber sobre Argentina y yo entré en pánico porque mi mamá me vino a visitar y yo no quería que mi mamá hablase, que no diga nada, era una cosa terrible (Elena).

Os professores que deixam Argentina por motivos econômicos se inserem de maneira estável na universidade, como professores efetivos, o que faz com que a estada no Brasil se estenda de dez a trinta anos e não exista vontade de retorno.

A **trajetória direta** se produz em todas as décadas, enquanto a **trajetória acadêmica de resguardo** só acontece nas décadas de 1970 e 1980, justamente pelo fato de estar intimamente ligada ao desenvolvimento da ditadura militar. Esse tipo de trajetória resulta numa espécie de amparo para migrantes argentinos que se encontravam num terceiro país durante o começo da ditadura militar na Argentina. Alguns desses migrantes optaram por estender seu tempo de estadia no terceiro país ou migraram para o Brasil com o propósito de observar a situação da ditadura de perto. Nas palavras de Roberto: “a minha intenção (...) era chegar perto de Argentina para ver, subindo no ‘Morro da Cruz’, como estavam as coisas por lá, era o tempo que falavam do ‘falcon verde’³⁰ e a gente tinha medo (...)”. Colegas de trabalho brasileiros em terceiros países atuam como estímulo da migração para o Brasil.

Na categoria de **trajetória acadêmica com retorno ao Brasil** vemos professores que chegaram ao Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Essa trajetória inclui professores que antes ou depois de chegar ao Brasil realizam deslocamentos

³⁰ Foi o veículo utilizado para o seqüestro e a morte pelos agentes da repressão militar durante os anos da ditadura, o Ford Falcon verde se transformou num símbolo do terror. (Disponível em: <<http://www.terra.com.ar/especiales/golpe/simbolos.html>>. Acesso em: 23 jan. 2009).

por vários países com o propósito de se aperfeiçoar através de pós-doutoramento, principalmente em países do primeiro mundo. Nas décadas de 1990 e 2000 não existem professores que sigam essa trajetória, ainda que a tendência seja que cada vez mais professores se desloquem a terceiros países para aperfeiçoamento. Acreditamos que o motivo da falta de professores chegados nas décadas de 1990 e 2000 é o fato de suas carreiras acadêmicas serem mais incipientes que as dos professores chegados nas décadas de 1970 e 1980, que eram mais velhos e já possuíam carreira acadêmica avançada. Por outro lado, essa trajetória é desenhada por professores que têm constituído suas famílias no Brasil e que não cogitaram as possibilidades de retorno à Argentina, pois seus parentes diretos faleceram e os laços fortes já não existem no país de origem, e sim no de destino.

Com a volta do governo democrático na Argentina, alguns professores que chegam ao Brasil na década de 1980 retornam ao país de origem. Porém, a falta de emprego faz com que regressem novamente ao Brasil por não conseguirem se inserir no mercado de trabalho, sob um panorama de deficiência do Estado no repasse de verbas à academia. Das dezoito trajetórias reconhecidas nas entrevistas, duas protagonizam uma **Trajectoria acadêmica com retorno à Argentina**: Um professor que chega na década de 1990 ao Brasil retorna para Argentina no final da mesma década por sentir uma espécie de compromisso com o país onde nasceu e por laços de parentesco fortes existentes no país de origem. Devido à crise que se desenvolveu em 2001 na República Argentina, o retorno não foi bem sucedido.

Terminamos el doctorado, quisimos buscar trabajo y no conseguimos en Argentina [...] Mandamos nueve cartas a nueve universidades argentinas que decía: 'Somos un matrimonio doctores en filosofía y tal', con el currículum. Mandamos para Salta, la Patagonia y dos para Brasil [...]; mandamos para acá y mandamos para Santa María... ninguna de las nueve cartas, nunca nos respondieron y en las dos de Brasil nos ofrecieron trabajo como profesores visitantes. (Rita)

En 1999 terminado el doctorado y la graduación de mi esposa [...] volvimos para allá para Neuquén porque yo tenía un compromiso con mi universidad, quería hacer honor y realmente tengo un recuerdo muy malo de la época menemista. La posibilidad del fin del menemismo es algo que me motivó positivamente para volver a Argentina sin embargo, me defraudó bastante lo que sucedió después. En el año 1999 estructuré un grupo de trabajo en la Universidad a través de comercio e industria de la región de Neuquén. En Zapala conseguí formar un grupito que más o menos funcionaba, teníamos producción académica, teníamos contrato para poder viajar, habíamos conseguido una ecuación razonable entre lo que era traer dinero y actuar

como industria y después producir académicamente, pero bueno el 2001 fue patético... (Martín)

Ao retornar finalmente para o Brasil, esses professores acabaram por se incorporar à mobilidade de profissionais qualificados, o que implica realizar doutoramento e pós-doutoramento em países do primeiro mundo, para depois retornarem ao Brasil.

Nesse sentido devemos considerar os aportes de Goettert (2007), para quem positivities podem passar a ser representadas como negatividades e estas como potencialidades. Nesse caso, a migração forçada fez com que os professores se incluíssem dentro da academia, o que lhes permitiu gozar de condições laborais melhores que as de seu país de origem, constituindo uma migração de êxito, nas palavras de uma professora:

-Después de vos, bueno porque vos llegás por algo forzado, una migración que no habías cogitado, pensado, esto fue una cosa forzada. Sin embargo, nunca me sentí mal por eso, pienso que fue una suerte porque yo conseguí hacer una vida académica significativa que en Argentina no hubiera tenido posibilidad. Yo pienso que fue bueno haber salido de allá. Siempre quise ser investigadora y aquí los sueldos eran buenos ahora bajaron un poco de la gente que yo conozco [en Argentina] poquísima [...] hizo una vida académica. (Adriana)

A informação obtida pelas histórias individuais permite avançar na compreensão das relações que se estabelecem entre a trajetória e a variável distância. A distância da família determina em alguns casos a trajetória dos migrantes. Nas palavras de uma das entrevistadas: “*eu tive a possibilidade de morar em Manaus, mas não quis morar lá pela distância. Agora Florianópolis – Córdoba está aí, um pulinho e estou aí. A distância influencia muito na decisão*”. (Susana)

Cuando yo vivía en EEUU y el Caribe yo me sentía muy lejos, por eso me vine más cerca. Acá, como bien sabés, tomás un ómnibus y estás allá. Allá en el Caribe eran 800 dólares ida y vuelta, era medio complicado [...] Mis padres estaban en una edad avanzada digamos, entonces acá tenía vínculos, mi familia, que veía de vez en cuando. (Juan)

A esposa de meu irmão é gaúcha, de Porto Alegre. Os dois estavam na França, em Paris, meu irmão fazendo um pós-doutorado, minha cunhada fazendo o doutorado. Ela queria voltar para perto da família. (Vanessa)

De certa forma, os diferentes motivos de imigração para o Brasil desenharam as trajetórias dos professores universitários argentinos, o que também nos permite inferir que:

- as trajetórias de resguardo e direta coincidem com os professores que chegam ao Brasil por motivos políticos;
- a trajetória acadêmica com retorno à Argentina coincide com os professores que saem da Argentina por motivos econômicos.
- a trajetória acadêmica com retorno ao Brasil é continuada por professores que migraram ao Brasil por razões políticas e econômicas e que se incluem dentro do nomadismo acadêmico.

Por tudo o que analisamos até aqui, cabe a indagação: quando começa, verdadeiramente, a trajetória migratória dos professores argentinos que atuam na Universidade Federal de Santa Catarina hoje? Quando os migrantes chegam à rodoviária ou ao aeroporto de Congonhas? Nas perseguições nazistas aos judeus, na época dos czares da Rússia? Nas migrações transoceânicas do começo do século XX? Chama especialmente nossa atenção a observação de um dos professores: “Na migração a gente viaja antes de viajar [...]. Então quando começou a minha migração? Provavelmente [...] com dez anos quando há alguma história que não guardei, que essa amiga de minha mãe conta para ela” (José).

Certamente, remonto ao passado e há duas cenas que são como que as protocenas [...] disso tudo, muitos anos depois, sem eu saber eu constato que o caderno de escola primária que eu tinha, o caderno êxito tinha uma ilustração, um cartão postal na capa que era o monumento às bandeiras de Brecheret que eu ignorava absolutamente. A imagem do caderno passou a ser uma imagem dos sete ou oito anos que eu morei em São Paulo, na Vila Mariana e tinha que ir à USP; ou seja, que passávamos pela Brigadeiro e eu via aquela imagem que era a de meu caderno escolar. Eu tinha 10 anos mais ou menos, e me lembro que nessa idade [...] fui visitar uma amiga de meu pai que nos recebeu com muita pompa, muita formalidade, como se fazia naquela época. Me lembro de uma conversa que a minha mãe teve com a dona de casa que elogiou uma peça, uma escultura e a dona disse: ‘ah, essa peça é de Titibum³¹, meu irmão que é escultor e mora em Florianópolis’. Com o correr dos anos eu vim me tornar amigo da sobrinha dessa senhora uma excelente crítica literária [...] que um dia me confessou a história do tio Titibum. Era uma família tradicional de fazendeiros do sul da província de Buenos Aires e o tal tio Titibum tinha tido um caso com o padre da igreja do Pirovano e obviamente, ante o escândalo, a família

³¹ Titibum é o nome dado pelo entrevistado a esta certa pessoa para não revelar a sua identidade.

hipertradicionalista, católica [...] manda o artista Titibum rapidamente ao Brasil. Ele acabou aqui, e viveu longos anos em Florianópolis. Ou seja, de alguma maneira eu estava voltando a repetir o gesto inconsciente, de alguém dissidente, com relação às estruturas familiares, as convenções religiosas, os faz de conta, os semblantes, etc. Então quando começou a minha migração? Provavelmente [...] já com dez anos quando há alguma história que não guardei que essa amiga de minha mãe conta para ela (José).

Eu vou te dizer uma coisa já para falar dessas casualidades e às vezes não são tão casualidades [...]. Quando eu tinha entre os 8 e 18 anos [...] fui sócio de um clube náutico, eu gostava muito de velejar, e nessa condição eu conheci um cara que era dono de um barco daqueles que fazem turismo. [...] "Victoria", se chamava o barco. Ele saía do porto e ia até a Bristol³² e passava por um barco grego partido que estava ali na saída do porto que era um ponto turístico, agora dinamitaram todo e não está mais, né? Ele tinha um marinheiro que se chamava Henrique. A gente era muito amigo. Eu era amigo também do sobrinho desse cara, então nós passávamos dias no barco, íamos até a Bristol e voltávamos, ajudávamos as pessoas e velejávamos. À noite o barco ficava no porto. A gente fazia comidas um 'guiso de arroz com mariscos', qualquer coisa, jogávamos cartas e ficávamos até altas horas da noite naquele barco. Dormíamos nele. Esses dois caras – Roberto e Henrique – [...] gostavam de velejar. Antes desse barco teve outro que se chamava 'Marta'. Eles tinham vindo no Brasil no 'Marta'. A primeira vez que eu ouvi o nome Florianópolis foi quando eu tinha 14 anos e eles diziam: 'Florianópolis, ay que loucura!'. A gente foi, parou ali umas mulatas, dizia Henrique. Nem tinha mulatas aqui, mas ele encontrava. Ele contava umas histórias da viagem à Florianópolis que sempre me maravilharam, eu só voltei a ouvir falar de Florianópolis quando Amilton Silveira me disse: 'Estou voltando para Florianópolis, a minha cidade. Se você quiser eu levo os teus papéis'. Eu já tinha Florianópolis em algum lugar. Então desde meus 12 ou 14 anos eu vinha pensando em Florianópolis, e não foi assim tanta coincidência (Roberto.)

Duas coisas importantes me aconteceram quando cheguei à Florianópolis [...] na década dos 80 e foi o cheiro a tabaco. Um cheiro que era [...] hiperfamiliar da casa de meu avô, uma coisa que me impactou. Depois passaram os anos e estou aqui. Soube, meu avô nasceu no Brasil. (Susana)

O deslocamento migratório parece começar antes do deslocamento físico, desenhando um tipo de trajetória que não está atrelada ao espaço físico, mas que constitui um modo de trajetória particular, que poderíamos denominar de imaginária, pois parece ser uma resposta ao deslocamento através de representações, imagens do novo lugar, inclusive de pinturas inconscientes que os migrantes significaram de maneira especial, a ponto de guiar a sua trajetória migratória e a sua vida.

³²Praia famosa na cidade de Mar del Plata (Argentina).

CAPÍTULO 3: IDENTIDADE E FENÓMENO MIGRATÓRIO

O advento do eixo Brasil – Argentina, com a criação do Mercado Comum do Sul³³, representou a gênese do moderno processo de integração. Amado Luis Cervo, professor titular de História das relações internacionais da Universidade de Brasília, em seu artigo: *Intelectuais argentinos e brasileiros, olhares cruzados* (2002), reconhece que o processo permitiu a construção do bloco do Cone Sul, porém não a superação da tradicional rivalidade argentino-brasileira que foi intermitente durante os dois últimos séculos.

Essa rivalidade pode ser constatada na pesquisa de Lopez e Vasconcellos (2005), denominada *Trajetórias na cidade: experiências de migrantes argentinos na cidade de Balneário Camboriú, SC*, onde reafirmam a idéia anterior e postulam que o fato de ser argentino no Brasil adquire uma estimacão diferente: “O lugar de migrante, surge ao se atravessar à fronteira, neste momento o fato de ser da Argentina assume um valor diferente” (p.18). Em Florianópolis essa discussão não parece diferente, já que no desenvolvimento da pesquisa apareceram falas como: “essa coisa com o argentino” ou “[...] aqui tem um problema, se você em Florianópolis fala com sotaque e é argentino, não tem soluçãõ. E quando tu és argentino ‘estás frito’”.³⁴ Os florianopolitanos aqui estão acostumados que as pessoas com sotaque [espanhol] são da Argentina” (Roberto). Outro dos entrevistados reflete sobre a mesma questãõ:

A minha mãe [que mora na Argentina] fala vocês tal coisa, vocês danaram o jogo, me consideram o brasileiro da família. Muitas vezes passam notícia do Brasil e tu vês que não é assim, essa rivalidade. A gente consegue ver a coisa um pouco dos dois lados. Vê os exageros. Todos os dias pego o Jornal, tenho televisão e internet em casa, a gente não pode dizer que não percebe a rivalidade (Rodrigo)

Acá no me identifican como brasileira, porque todavía tengo “sotaque” [...] estoy naturalizada brasileira hace años, yo me siento brasileira pero la gente no me deja sentir brasileira, y me preguntan: “vos de donde sos?” (...)

³³ A partir do Tratado de Assunçãõ, firmado na cidade homônima em 1991.

³⁴ “Estás frito” é uma expressãõ usada na Argentina e quer dizer que ser Argentino em Florianópolis, representa algo inconveniente.

en Europa nadie te pregunta de donde sos, no sos, no hay discriminación (Adriana).

Esses raciocínios e percepções, registrados durante o trabalho de campo com os professores, nos motivaram a pesquisar a relação, o espelho criado através dos anos por argentinos e brasileiros, variável importante na apropriação do novo espaço por parte dos professores argentinos.

Neste capítulo pretendemos dar visibilidade à relação entre o fenômeno migratório e a identidade. A construção histórica de imagens entre argentinos e brasileiros e o pertencimento ao Estado-nação argentino situam-se entre o núcleo interior do imigrante e o novo lugar, entendendo-se a identidade como categoria de recepção. Os imigrantes se autodefinem no novo espaço em virtude da migração, da multiplicidade de camadas culturais, mas também por terem nascido no país vizinho.

3.1 IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE

Para começar seria importante dizer qual definição de identidade adotamos como ponto de apoio para o desenvolvimento deste capítulo. Hall, em seu livro *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*, expõe as concepções de identidade do:

- a) sujeito do Iluminismo;
- b) sujeito sociológico;
- c) sujeito pós-moderno.³⁵

Hall define o sujeito do iluminismo como um indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consiste num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve ao longo da existência. No segundo caso, o sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que seu núcleo interior não é autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação

³⁵ Os conceitos estão desenvolvidos entre as páginas 10 e 13 do livro anteriormente mencionado.

com “outras pessoas importantes para ele”, que mediam os valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo em que habita. Finalmente, para o autor, a identidade do sujeito pós-moderno, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso:

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1998, p.13).

Nesta seção nossa escrita conversa com as noções de identidade do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno, pois nosso foco aponta para a análise de redes sociais, onde a alteridade adquire uma relevância explicativa especial. A Alteridade (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro.

Tal perspectiva nos ajuda a entender que a diferença é o elemento que constitui a vida social, à medida que se efetiva na dinâmica dos laços sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito. Tanto a identidade quanto as sociedades são relacionais e se baseiam, para existir, nos laços que se estabelecem com o outro, como podemos observar claramente num depoimento onde um professor caracteriza a cidadania (ou a nacionalidade) como categoria de recepção atribuída pelo outro de acordo com a sua adesão ou dissidência. Nas palavras dele:

Se eu digo [no Brasil] que está tudo bem, [respondem] ‘ahh como se nota que você entende a lógica’. Se, pelo contrario, eu apresento uma dissidência, [respondem] ‘como se nota que você não é brasileiro’. Se estou na Argentina e faço alguma crítica, [replicam] ‘ahh como se nota que você não mora mais aqui’ ou ‘parece mentira que você tenha nascido aqui’ e vice-versa; então a questão da cidadania é sempre como o outro te vê, né? E não como você se posiciona, [...] é uma categoria de recepção e não de produção (José).

Ao fazer parte de fenômenos como a imigração, adquire-se a experiência da alteridade e a elaboração da mesma. Essa experiência poderia levar aos migrantes a perceberem aquilo que não teriam conseguido imaginar, dada a sua dificuldade em fixar a atenção no que lhe é habitual, familiar, cotidiano, e que consideram

‘evidente’. Aos poucos, parecem notar que o menor dos seus comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’: Começam, então, a se surpreender com aquilo que diz respeito a eles mesmos. Segundo Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. Em outras palavras a idéia de ter uma identidade não vai ocorrer as pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p.17).

O auto-conhecimento cultural e a redefinição da identidade do migrante poderiam estar condicionados pelo conhecimento dos outros costumes. Nesse contexto, tanto os costumes argentinos quanto o brasileiros são representações culturais possíveis entre tantas outras.

Dois importantes pesquisadores da identidade, Tomás Tadeu da Silva (2005, p.28) e Stuart Hall (2005, p.108), enfatizam sua fluidez e alertam sobre a necessidade de vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas, como os processos de globalização e de migração, que têm se tornado um fenômeno global no mundo atual. Falando especificamente da mobilidade espacial, Lopez e Vasconcellos (2005), afirmam:

As mobilidades migratórias explicitam que a identidade não é uma experiência monolítica do tipo eu nasci assim, e vou ser sempre assim. As posições sujeito são interpelações da cultura no sentido de recrutar indivíduos ou grupos sociais a ocuparem determinadas posições, a se identificarem com determinados discursos, tomando-os como verdades, sujeitando-se a determinadas significações que os tornam o que são²³ (BERNARDES *apud* LOPEZ; VASCONCELLOS, 2005, p.20).

Como já sabido, o processo de imigração poderia gerar interferências no que eles sabem a respeito deles mesmos, além de uma reconstrução da identidade do imigrante. Nosso objetivo é somente estabelecer a existência da relação entre estes fenômenos e a apresentação de variáveis que podem interferir no processo de

apropriação do novo espaço e no modo de verem a si próprios, que na nossa pesquisa estão representados pela construção histórica de imagens entre Brasil-Argentina; o estereótipo de imigrante argentino estritamente ligado ao de turista argentino; o pertencimento a um Estado-nação; e, finalmente, a experiência diáspora. Será que o imaginário coletivo criado por argentinos e brasileiros, desde a conquista pelos países ibéricos, ajudariam na compreensão do fenômeno da auto-percepção dos professores argentinos em Florianópolis?

3.2. HISTÓRICO DAS RELAÇÕES ARGENTINO – BRASILEIRAS: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE IMAGENS ENTRE OS DOIS PAÍSES.

A pesquisadora argentina Maria Cristina Montenegro, em seu artigo *De la teoría geopolítica de fronteras vivas a una política migratoria para la integración, el caso argentino – brasileño* (1999), relata a evolução de um conflito estrutural. Afirma que a trajetória da relação entre os países é anterior à conformação dos estados nações e relata uma descrição histórica sobre os elementos culturais que condicionaram a estruturação do imaginário coletivo, por parte dos povos em estudo: “Estos elementos culturales serán los generadores de una determinada visión sobre la realidad a cerca de lo que ‘somos como país’ y de lo que el otro es en relación com nosotros” (MONTENEGRO, 1999, p 108-109). Expõe ainda que a necessidade de terras pelas potências colonialistas foi a causa da expansão europeia. O Comércio Internacional começou a crescer e atingiu seu auge no século XVI, no momento em que os canais de abastecimentos do longínquo oriente foram interrompidos pelas invasões dos turcos. A busca de rotas alternativas foi o desafio dos países europeus, como Espanha e Portugal. Neste ponto, a autora salienta o fato de que, desde o início, os objetivos de Espanha e Portugal foram diferentes. O primeiro pretendia buscar uma rota além do Atlântico, incentivado pela expansão da Coroa, enquanto Portugal queria assegurar o contorno africano como o caminho alternativo às Índias.

À época do “descobrimento” do Brasil estava em vigência o Tratado de Tordesilhas. Nesse momento, o objetivo de expansão para o sul da coroa portuguesa eram os pampas, fato contemporâneo às “Misiones” guaraníicas dos

espanhóis. Esses atraíram o interesse dos bandeirantes paulistas na guerra espanhola-portuguesa de 1640, quando a nação lusitana pretendia se tornar independente da coroa espanhola. Ao se produzir a independência de Portugal (1668) incentiva-se a fundação de populações na margem esquerda do Rio da Prata; em 1680 cria-se a estratégica Colônia de Sacramento e o centro de contrabando regional. Nas palavras da autora:

La fortaleza del Brasil portugués se acrecenta cuando luego de la invasión napoleónica de 1808, la familia real se traslada a Rio y se lo declara reino em 1815. Este hecho va a marcar la diferencia en el paso del período colonial al independentista por parte de ambos estados ya que en el caso brasileño la cuestión será menos traumática respecto del cambio de reino de Portugal al del império brasileño y a la República mientras que en el caso de Argentina, luego de los fracasos por establecer una corona europea de ruptura de su status colonial, se hizo en forma violenta marcando un largo período de guerra por la independencia (MONTENEGRO, 1999, p.111).

A grande extensão da coroa espanhola resultou em espaços regionais fragmentados pela distância. Contrariamente, no espaço lusitano, observava-se nesse momento histórico a tendência inversa, tendo em vista que seu esforço objetivou a unificação do Brasil com sua Metrópole.

Mais tarde essa força do Brasil se prolongou em intentos de influência sobre o Uruguai quando se invade, em 1816, a região mesopotâmia argentina e se produz a ocupação transitória de Concepción del Uruguay³⁶.

O pesquisador brasileiro Amado Cervo (2002) concorda com Montenegro no fato de que os estados em formação, na época da independência, também buscavam o controle sobre o espaço adjacente e sobre sociedades embrionárias, neste caso as nascentes nações do novo mundo na América.

Quando as potências coloniais, Portugal e Espanha, retiraram-se de cena, emergiram os agentes locais, os estados em formação à época da independência que também buscavam o controle sobre o espaço adjacente e sobre as sociedades embrionárias. Para dois estadistas protagônicos da formação dos estados nacionais, José Bonifácio de Andrade e Silva no Brasil e Bernardino Rivadavia na Argentina, os dois países deveriam

³⁶Concepción del Uruguay é uma cidade que atualmente se situa no Estado de Entre Ríos, Argentina. Por coincidência, também é a cidade onde eu nasci.

encontrar soluções negociadas para suas diferenças de concepções acerca do espaço a ser controlado pelos estados independentes. Assim não sucedeu, contudo Brasil e Argentina foram à guerra entre 1825 e 1828 com a finalidade de furtar um ao outro o controle sobre o Uruguai, que acabou acedendo a sua independência (CERVO, 2002, p.101-102).

Para Montenegro, o descrito anteriormente – de maneira muito resumida – poderia ter configurado o pensamento geopolítico entre os dois países. A percepção argentina acerca do que considerou como uma ameaça potencial do Brasil sobre a fronteira motivou um confronto estrutural ao longo da história das relações bilaterais. Nas palavras da autora: “generó [...] la visión que de una realidad tienen aquellos que de ella forman parte y que alimentan las percepciones que van archivando en la memoria colectiva de un pueblo” (MONTENEGRO, 1999, p.112). No caso argentino-brasileiro, foi a elaboração do pensamento geopolítico que alimentou a desconfiança do expansionismo brasileiro na Argentina. Isso marcou fortemente à elite dirigente e esta linha de pensamento teve difusores antigos e contemporâneos. Um dos precursores desta idéia foi Juan Bautista Alberdi *apud* María Cristina Montenegro (1999), que em sua obra *Reflexiones*, sustenta a necessidade de estar alerta frente às pretensões do Brasil sobre território argentino.

Mais contemporaneamente, apareceu um grupo de estudiosos em matéria de geopolítica; tinham como órgão difusor, a revista *Estratégia*, onde já se advertia o perigo da idéia expansionista brasileira. Com o tempo esta linha extrema de pensamento torna-se uma linha mais neutra com a intervenção do embaixador Oscar Camillon³⁷.

Para Montenegro, o Brasil, por sua vez, estrutura seu pensamento estratégico a partir da obra de Mario Travassos, que sistematiza as bases da óptica brasileira a partir da sua obra *Proyección Continental del Brasil* (1933)³⁸. Esta obra, segundo a autora, serve para delinear a percepção brasileira sobre a sua posição, na região e

³⁷ Embaixador argentino no Brasil (1976-1981) durante a ditadura militar. Ex-Ministro das Relações Exteriores e Culto (1981) e Secretário Geral Adjunto da Organização das Nações Unidas.

³⁸ Disponível em: <<http://ollantaprensa.pe.tripod.com/geopolitica45.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

no subcontinente. Essa linha de pensamento continua com Golbery do Couto e Silva em *Conjuntura Política Nacional e Geopolítica do Brasil* (1980), que assinala as políticas e as estratégias para colocar o Brasil no cenário mundial, através de um processo de fortalecimento do poder nacional em sintonia com a aspiração de gravitação regional de uma potência. A identidade é marcada por símbolos, pelo social, pelo gênero, entre outros.

Provavelmente, as relações históricas entre Argentina e Brasil, apresentadas sinteticamente neste aparte, podem ter influenciado na construção de imagens entre os dois países. Esse olhar sobre o que são como país e do que é o outro em relação a eles, propiciou a construção de uma identidade favorecida e condicionada pelo pertencimento ao Estado-nação em cada um dos países. No próximo item, analisaremos alguns indicadores intervenientes que poderiam influir na construção da identidade por pertencimento a um Estado-nação e sua aparente redefinição nos tempos atuais.

3.3 O PERTENCIMENTO A UM ESTADO-NAÇÃO NA DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE.

Uma comunidade nacional constitui um discurso, um dispositivo que coloca o sujeito em certos lugares nos quais ele se identifica e cria um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto as ações dos sujeitos quanto a concepção que tem deles próprios. Isto constitui (na modernidade com mais força) uma das principais fontes de identificação cultural. Sobre isso, Hall aponta:

No mundo moderno as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não são impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fosse parte de nossa natureza essencial (1998, p.47).

Hall explica que as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais as pessoas podem se identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação,

memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas. O autor nestas horas se remete aos argumentos de Benedict Anderson (1983), para quem a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” e as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são idealizadas.

Por outro lado, Bauman (2005) postula que a identidade nacional fortalecida pelo conceito de estado nação não foi naturalmente concebida na experiência humana, tal como as distinções entre forasteiros e locais, que para Woodward (2005) são produtos de sistemas culturais de classificação cujo objetivo é a criação de ordem.

A idéia de identidade, e particularmente a idéia de identidade nacional, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato de vida” auto-evidente. Essa idéia foi forçada a entrar e na *Lebenwelt*³⁹ de homens e mulheres modernos - e chegou como uma ficção. [...] A ficção da “natividade do nascimento” desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo nascente estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos [...] a identidade nacional nunca foi como as outras identidades não reconhecia competidores, muito menos opositores, a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre nós e eles. [...] Ser indivíduo do estado era a única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade e nos passaportes (BAUMAN, 2005, p 26- 28).

Hall (1998) explica extensamente como é contada a narrativa da cultura nacional. Para isso, seleciona cinco elementos principais: a narrativa da nação contada em histórias; a ênfase nas origens, continuidade e a tradição; a invenção da tradição; o mito fundacional; e, finalmente, a idéia de um povo puro. O autor explica que a identidade nacional é simbolicamente baseada na idéia de um povo ou folk puro, original. Porém, na realidade do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo primordial que persiste ou que exercita o poder. Isto faz com que o autor questione se as identidades nacionais construídas pelas culturas nacionais são realmente unificadas:

³⁹O mundo da vida.

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (HALL, 1998, p.59).

Segundo o autor, essa idéia está sujeita a dúvida por várias razões: por um lado, uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural; por outro, a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. Hall (1998) expõe que em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural (p.62). O autor quer derrubar a idéia da nação como uma identidade cultural unificada. As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres de jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Além disso, nos tempos atuais, parece estar se consolidando o fato de o Estado não ter mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. Essa nova fase transnacional do sistema tem seu centro cultural em todo lugar e em lugar nenhum, e o surgimento das formações supranacionais, tais como a União Européia, é testemunha de uma erosão progressiva da soberania nacional (HALL, 2003).

Sobre esse aspecto, Bauman (2005), migrante da Polônia para a Grã-Bretanha, relata em seu livro sua própria história de vida: certo dia, o autor foi chamado pela Universidade Charles, de Praga, para receber o título de doutor *Honoris Causa*. Durante a cerimônia, pediram que ele escolhesse entre os hinos da Grã-Bretanha e da Polônia, seu país natal. A decisão não foi fácil para o autor:

A Grã-Bretanha foi o país que escolhi e pelo qual fui escolhido por meio de uma oferta para lecionar, já que eu não poderia permanecer na Polónia país em que nasci, pois tinham me tirado o direito de ensinar. Mas lá, na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado. Não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho. Depois disso naturalizei-me britânico, mas uma vez recém-chegado será possível abandonar essa

condição algum dia? Eu não tinha a intenção de que me confundissem com um inglês. Meus alunos e colegas jamais tiveram dúvida de que eu era um estrangeiro, mais exatamente um polonês. Esse tácito “acordo de cavalheiros” impediu que nossa relação viesse a se exacerbar, pelo contrário, fez com que fosse uma relação honesta, tranqüila e no geral, transparente e amigável. Então, talvez devessem tocar o hino polonês? Mas isso também significaria um ato de fingimento: trinta e tantos anos antes da cerimônia de Praga eu tinha sido privado de minha cidadania polonesa. Minha exclusão foi oficial, promovida e confirmada pelo poder habilitado a separar quem está “dentro” de quem está “fora”, quem faz parte de quem não faz- e assim eu não tinha mais direito ao Hino Nacional Polonês (BAUMAN, 2005, p.15-16).

Na cerimônia foi tocado o hino europeu, entidade que abraçava os dois pontos de referência alternativos da identidade do autor, mas, ao mesmo tempo, tirava do foco uma identidade definida em termos de nacionalidade.

Até agora se questionou a idéia de que as identidades nacionais já foram alguma vez tão unificadas ou homogêneas quanto fazem crer as representações que se fazem delas; e se tentou tirar do foco uma identidade definida em termos de nacionalidade. Entretanto, no espaço florianopolitano, as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes mais particularistas de identificação cultural. No processo de reconstrução da identidade dos professores argentinos no novo espaço, o Brasil, foi primordial a presença de uma outra identidade, justamente para se distinguir daquilo que ela não é: a própria identidade brasileira. Neste ponto coincidimos com Woodward (2005), para quem a identidade é relacional e sua existência depende de algo fora dela: uma outra identidade. A autora apresenta a relação entre Sérvios e Croatas: “A identidade Sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um Sérvio é ser um não Croata. A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2005, p.9).

Mesmo que segundo Hall, haja a tendência à desintegração das identidades nacionais, em Florianópolis, observamos que pertencer à comunidade simbólica argentina recebe uma proeminência particular, interferindo de maneira significativa na apropriação do novo lugar. Uma nação é uma comunidade simbólica, e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ *apud* HALL, 1998, p.49). Em Florianópolis, códigos culturais nativos, como costumes argentinos, idioma espanhol e crenças, parecem ser reproduzidos

pelos imigrantes, mas também reforçados (e, às vezes, até impostos) por integrantes da comunidade receptora.

Em Florianópolis, para o imaginário coletivo, ter nascido na Argentina toma uma conotação diferente. O conceito de Estado-nação é reforçado pela geopolítica entre os dois países, como foi analisado anteriormente, tanto quanto por diferentes canais de comunicação, a partir da chegada do turismo em massa de argentinos ao estado de Santa Catarina. Isso pode estar interferindo, de alguma maneira, na forma como os professores argentinos percebem a si próprios no novo espaço tópico que será desenvolvido no aparte seguinte.

3.4 O ESTEREÓTIPO DE IMIGRANTE ARGENTINO ESTRITAMENTE LIGADO AO DE TURISTA ARGENTINO

Stuart Hall (1998), no capítulo quarto de seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, expõe a influência da globalização sobre as identidades culturais e identifica três possíveis conseqüências:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
As identidades nacionais e outras “identidades locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.
As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – [culturalmente] híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 1998, p.69).

Verdadeiramente as identidades nacionais dos imigrantes e dos nativos estão se desintegrando no espaço florianopolitano? Ou novas identidades híbridas estão emergindo? Como os entrevistados vêem a si próprios? Como argentinos fora do país de origem ou como brasileiros? Os professores se definem menos por terem nascido na Argentina do que pelo tempo de estadia em Florianópolis. Vejamos uma narrativa que aponta para este fato:

- *Nadia: Fazendo a referência ao Estado-nação você se considera argentino ou brasileiro?*
- *Jorge: Nunca fiz questão da nacionalidade. Considero-me brasileiro, eu morei mais tempo aqui. Tenho o jazigo em Itacorubi para deixar meus ossos aí. Tenho meus amigos. Vou a Buenos Aires, gosto. Mas numa semana já quero voltar [...] O lugar de nascimento em última instância é um*

acidente biológico, um problema de probabilidades, porque nasci aqui e não nasci em Kenia para buscar diamantes [...] ter nascido na Argentina é uma probabilidade (Jorge).

Para ele, o nascimento num determinado país é uma questão de aleatoriedade: seu nascimento foi na Argentina, mas poderia ter sido em qualquer outro país. A partir de uma perspectiva não essencialista,⁴⁰ percebemos que a identidade não está determinada para sempre, é uma categoria viva⁴¹, um indicador que se adapta às mudanças do cotidiano, à mobilidade espacial.

Dessa forma, o imigrante atravessa fronteiras nacionais e se conecta com novas comunidades culturais, fazendo com que a nacionalidade não seja o único fator definidor de suas identidades, a ponto de um deles se considerar brasileiro, mesmo tendo nascido (de maneira aleatória) na Argentina. É impossível pensar a identidade fora da relação, não podemos pensar em uma e outra (argentina e brasileira) como lugares assim tão marcados e tão definidos.⁴² Neste sentido, no capítulo quarto do livro *Sobre o Poder Simbólico* (2006), Pierre Bourdieu afirma que a etimologia da palavra região (régio) tal como a descreve Emile Benveniste, conduz ao princípio da di-visão, ato mágico, quer dizer, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por decreto uma descontinuidade decisória na continuidade natural (p.113-114). Pelo antes exposto, entender a identidade só em termos de nacionalidade poderia ser insuficiente para identidades marcadas pela diferença.

⁴⁰Bauman, em seu livro *Identidade*, expressa uma oposição entre as perspectivas essencialistas e não essencialistas. A perspectiva essencialista afirma que a identidade não se altera ao longo do tempo, contrariamente, a perspectiva não essencialista estuda como aquilo que significa ser ou pertencer a um país – no evento que estamos estudando – muda com o tempo.

⁴¹ Rafael Buti, (2008), em comunicação pessoal, aclara que ao chamar a identidade como “viva” se deve estar ciente que ela é uma categoria analítica. Tomamos cuidado para não dar como existente no mundo que analisamos as categorias que utilizamos para analisá-lo. As pessoas são atravessadas por inúmeros modos de ser, inúmeros afetos, inúmeras identificações, mas nem por isso elas (nativamente) falam em termos de identidade. Nem por isso há “identidade” no mundo delas. Nós inferimos deste modo. Dizemos que tudo isto são “identidades”, para de algum modo explicar a complexidade inesgotável da vida humana.

⁴² O ser humano é muito mais do que dois, do que três, do que quatro. De certa forma, o próprio argentino já é de partida algo para-além de ser argentino, pode ser gaúcho, italiano, sardo, turco, guaraní, boquense (torcedor do time boca juniors), ou professor. Enfim, estas duas referências a partir do Estado-Nação existem sim, mas reduzir a complexidade a elas é simplificar muito a questão, é reduzir a dois ou três a criatividade humana. (BUTI, 2008, comunicação pessoal)

Porém, na maioria dos casos, a identificação dos imigrantes por parte da comunidade receptora continua sendo influenciada pelo pertencimento à Argentina. Essa identidade se desenvolve concomitantemente com o papel desempenhado pelo “turista argentino em Florianópolis”; a comunidade local associa como inseparável as categorias de imigrante argentino e turista argentino. Os depoimentos a seguir testemunham o fato de o imigrante argentino ser visto (e definido) pela sociedade receptora como turista argentino:

*-Lo que pasa es que hay un problema, **yo siempre soy turista**. Sobre todo cuando el turismo se intensificó, los argentinos comenzaron a llegar en masa. Entonces yo llegaba y les decía: ‘me da tal cosa?’ y ya te respondían en español.*

- ¿Y eso fue negativo o positivo?

*- Negativo y sigue siendo a veces ya no les "doy pelota"⁴³ cuando me dicen algo al respecto yo les digo: ‘**soy mas brasilera que vos** porque yo hace 30 años que estoy y vos naciste acá’ (Elena)*

***Vos acá sos el inmigrante, cuando me dijeron gringa la primera vez Nadia!** Mis alumnos, yo escuché: ‘Por que la señora es gringa’ yo dije ‘¿Yo gringo?’ porque para mi gringo son los yankees, los americanos, ¡Me agarró un ataque! [...] En Estados Unidos todo el mundo es de cualquier lado es una sociedad cosmopolita entonces es una cosa fantástica, me encanta eso. Vos no sos diferente porque sos inmigrante, entonces yo pienso así, ese sería mi ideal, vivir en Estados Unidos porque vos no sos diferente de los otros, sos igual, cada uno con su historia, cada uno queriendo saber de otro, acá vos sos el exótico, en última instancia, pero para los brasileños, más en relación a los argentinos, con esa cosa con el argentino. [...] Me indigna cuando me tratan de argentina, **yo soy más brasileña que argentina**. (Adriana)*

Turistas de diferentes países, assim como os argentinos, são bombardeados com imagens de um Brasil do carnaval, praia, falta de controle social, sensualidade e florestas, que alimentam a expectativa de encontrar esse Brasil do estereótipo. Através dos depoimentos é possível perceber que alguns imigrantes chegaram ao país com a mesma idéia de encontrar esse Brasil. Porém, no momento em que eles passam a viver aqui, a relação que antes era intermediada pela mídia ou pelo imaginário, muda. Experiência que, na condição de turistas, não é possível captar.

Elena: [...] Cuando estaba en la frontera yo me acuerdo que una tía mía me regalo dos medallitas que habían traído. En lo más íntimo para mi Brasil era una selva. Yo creo que me traje hasta la leche en polvo.

Nadia: ¿Por qué esa idea de Brasil como la selva y el miedo?

⁴³ Expressão usada na Argentina para expressar que a pessoa não dá importância aos comentários dos outros. Neste caso, as falas dos nativos sobre a nacionalidade do entrevistado.

Elena: las representaciones, el imaginario. Yo pensaba que era una selva (Elena)

Nadia: Qual é a imagem que você teve do Brasil?

Rodrigo: Mudou muito. A gente tem a idéia que no Brasil é tudo festa, que o carnaval é alegria, mas o choque quando a gente chega aqui é grande. As pessoas são muito profissionais. Um argentino amigo chegou aqui e voltou todo apavorado para a Argentina, ele disse: 'Isso é como nos Estados Unidos, um pouco menor. Os caras trabalham como loucos'. Trabalham muito aqui. Isso foi uma novidade. Na Eletrosul trabalham das 8h às 20h. As pessoas que trabalham na construção estão todos com capacete, caçador de quadro, luvas... Estão com cinto de segurança e todos estão com o cinto[!]. Na Argentina mesmo obrigatório, não usam, acho que é outro sentido do respeito. Aqui a lista é pelo nome, ninguém perde autoridade pelo vestir (Rodrigo).

A gente fica muito fixo no estereótipo. Claro, no começo quando eu cheguei, talvez eles me achassem arrogante e eu os achava burros. Não era falado. Era a sensação. Me chamavam para explicar porque eu só tirava nota boa, 9, 10, na escola. Quando me chamavam era para explicar alguma coisa, eu ia, mas não gostava [...] Eu comecei a me afastar, se uma pessoa me convidava para algum aniversário não ia porque ficava sozinha. Mas isso quando era adolescente, logo depois de chegar no Brasil. A idéia estereotipada do argentino é chato, você sente isso, você começa a falar e o teu sotaque te entrega. No meu caso, não tanto, porque o pessoal fica na dúvida, meu sotaque é muito misturado, se eu não falasse que sou argentina, poderia inventar que eu sou italiana, turca, tudo o que for eles aceitariam porque o sotaque não é o típico do argentino (Vanessa).

A imagem criada do argentino, a partir da chegada em massa de turistas em Florianópolis na década de 60 e 70, quando não cria um obstáculo para a imigração, faz com que o imigrante carregue esse estereótipo no dia-a-dia. A pesquisadora brasileira Lilian Schmeil, em seu trabalho “*Alquila-se” una Isla*, apresenta um estudo sobre as relações entre brasileiros e argentinos dentro de um reduto turístico exclusivamente argentino: a praia de Canasvieiras. Desde o princípio, percebe-se pela autora, que a relação entre ambos não é das melhores. Ela explica a relação da seguinte maneira:

A relação entre estes dois povos de características específicas é influenciada pelas imagens que ambos fazem um do outro. Estas imagens construídas historicamente possuem elementos positivos e negativos, estereotipados, superestimados e reforçados, durante o processo de divulgação do Brasil, pela mídia em geral, pela indústria do turismo e seus aparatos de divulgação tais como: folder, vídeos, cartões postais, pacotes, etc. A indústria da comunicação toma então certas peculiaridades da vida brasileira, como também de outras regiões do mundo e as divulga de forma caricatural, espetacular e muitas vezes até mentirosa. O Brasil é maquiado com a aura de pitoresco, do natural e do primitivo, sugerindo pouca rigidez, certa liberdade, muita sensualidade e ausência de controle social. A partir disso o argentino, ao vir para Canasvieiras, cria uma série de expectativas em relação ao país e aos brasileiros. Ele, como a maior parte dos turistas, está em busca de um sonho, de uma fantasia de viagem, de algo que seja

diferente de seu cotidiano normal corriqueiro. Assim, podemos dizer que o argentino procura, no brasileiro e no Brasil, elementos não somente diferentes de seu próprio povo e de seu universo social e natural, até opostos (SCHMEIL, 2002, p.76).

A autora conclui seu estudo afirmando que, enquanto existir falta de clareza sobre os benefícios do turismo na cidade e falta de infra-estrutura para receber os visitantes, os culpados de todos os inconvenientes serão os turistas. De maneira engenhosa, esta problemática nomeia o artigo de Schmeil de *“Alquila-se” uma Isla*, grafia errada em português e em espanhol proposta pela autora, pelo fato de que na linguagem coloquial brasileira, a palavra alugar possui duplo sentido, significando além de locação, incomodar, atrapalhar. Esta disputa entre nativos e turistas pelo espaço urbano e pelos serviços em alta temporada, incitou à construção de um imaginário coletivo negativo do turista argentino, e conseqüentemente do argentino que decide morar de maneira estável na ilha.

O turismo, na alta temporada, tem se expressado de uma forma visivelmente desorganizada, ou não planejada; o que transforma a vida da população local num verdadeiro caos. A infra-estrutura existente não é adequada para o atendimento da população que na cidade desembarca. Este é mais uma outra série de fatos discutidos anteriormente, faz do anfitrião alguém descontente e frustrado com a atividade turística. Mas, enquanto a população atribuir somente aos turistas os problemas causados pelo turismo na cidade, a iniciativa privada continuará enchendo cada vez mais seus cofres e o poder público poderá ficar tranqüilo vendo o ‘circo pegar fogo’. Enquanto os habitantes da cidade não possuírem clareza de que deveríamos ter mais benefícios que prejuízos com o turismo na cidade, os maiores atacados serão os turistas, mais diretamente os ‘gringos’ como pejorativamente são conhecidos os turistas argentinos em Florianópolis (SCHMEIL, 2002, p.90).

Enquanto a situação perdurar, os imigrantes argentinos, assim como os turistas do país vizinho, carregarão o peso de ser a causa dos principais problemas da cidade, como os engarrafamentos e a deficiência de infra-estrutura. Problemas urbanos que se vivem – talvez de maneira menos pronunciada – fora da temporada. A questão apresentada afeta no modo como os imigrantes argentinos se pensam e definem a si mesmos no espaço florianopolitano, inclusive num certo solapamento da sua identidade em termos de nacionalidade.

Existem situações em que o indivíduo obscurece sua identidade étnica, e outras em que procura enfatizá-la. Estas escolhas variam de acordo com a percepção do sujeito sobre o contexto sócio-histórico-cultural em que vive. A

sensação de estranhamento foi recorrente entre os argentinos. Buscando diminuir esta sensação, observamos o uso de dois mecanismos: a busca da imersão neste novo contexto ou a familiaridade por meio de práticas tipicamente argentinas:

[...] lo único que hacen es vivir aquí pero se quejan que les falta la factura, del tango, del paseo por Buenos Aires, te vas a encontrar eso yo creo que a mi me paso eso a pesar de que he tratado de ser justo con Brasil, fue en el fin del doctorado (Martín).

Um dos imigrantes apresenta estes mecanismos, que vão desde a “hiperargentinidad⁴⁴” até as práticas de costumes brasileiros em demasia, numa espécie de hiperbrasilidade, optando por ver no outro uma oportunidade para se enriquecer culturalmente e conviver com o que lhe seria diferente.

[...] Siempre fue consciente que había dos vicios del extranjero, del argentino, la hiperargentinidad es una, yo he visto muchos argentinos que aquí parecen ser mas argentinos que en Argentina por otro, hay otros que tienden a disfrazarse quieren “sambar” [...] y es al pedo⁴⁵ nunca vamos a ser. Entonces, intenté ser bastante objetivo en esa área, esa cosa de volver no es una cosa que te obliga a entender al otro, compartir con el otro, a ver que en la diversidad del otro no hay algo para ser copiado ni algo para ser rechazado, hay algo para enriquecerse y convivir. Entonces, en ese sentido, cuando viajamos ahora dijimos [...] ‘ahora es para valer’, ahora es para ser como somos pero sin las expectativas que de aquí a 5 años me mudo, de aquí a tres años me mudo [...] (Martín).

Parece que a hiperargentinidad pode se dar em alguns casos; em outros, a pessoa decide esquecer o seu país natal, numa espécie de fascinação pelo lugar novo; esta idealização é acompanhada do não-compromisso com o lugar, ou seja, o imigrante pode pensar que por ser de fora, não tem direitos, mas também não tem as mesmas obrigações que os brasileiros possuem. Essa fascinação muitas vezes acaba quando o imigrante se naturaliza brasileiro.

Eu demorei doze anos para sentir saudades. No ano 2000 [...] no momento que eu me senti brasileira resolvi me naturalizar. Foi onde eu me dei o luxo de começar a sentir saudades. No começo quando me instalei aqui eu comecei a ver o outro mundo (Argentina) como o mundo ideal. [...] Até o momento que eu virei brasileira, Brasil era o ideal. Embora eu morasse aqui eu não votava, eu não tinha responsabilidades. Era professora da

⁴⁴ Com este termo o entrevistado se refere ao excesso de práticas culturais da Argentina.

⁴⁵ Expressão que no espanhol da Argentina, significa que é em vão se considerar brasileiro, pois nunca os entrevistados serão.

Universidade, mas não tinha aquele compromisso. Quando me naturalizei vi que eu estava aqui mesmo e resolvi adotar os meninos (Laura).

Em nossa pesquisa, há outras formas de imersão no novo contexto, como a eliminação de alguns costumes da Argentina para se apropriar melhor do novo espaço, conforme o exemplo a seguir:

Tive que começar a “matar” algumas coisas de Córdoba, para poder me apropriar melhor aqui. Depois eu já senti que reconciliei os dois espaços como objetivando as coisas, dessa falta que sinto aqui, tenho outras coisas e também eu consigo preencher essa falta porque quando eu viajo na Argentina me loto de teatros, de alegria, de restaurantes. A questão do vinho já está mais solucionada porque estão entrando muitos vinhos argentinos que eu gosto muito. A carne melhorou muito aqui com meus amigos gaúchos (Susana).

Pelos exemplos antes expostos, o conjunto de símbolos constitutivos da identidade cultural dos professores, ao imigrar, poderia sofrer interferências diversas no novo meio. Em confirmação, Lopes e Vasconcellos (2005) observaram nos imigrantes argentinos em Balneário Camboriú as duas situações anteriores: uma delas é o total desprendimento por parte dos migrantes da sua identidade, seguida de uma absorção integral dos traços identitários do novo meio; e por outro lado, a total negação ao novo meio e a conseqüente manutenção incondicional de seus costumes e características culturais. Desse processo geralmente são resultantes os guetos, ou comunidades exclusivas. Esta situação não acontece com os argentinos. Aliás, sobre as comunidades exclusivas devemos dizer que os professores que chegaram ao Brasil por motivos políticos, em geral, expressam ter vínculos de amizade profundas e estáveis com conterrâneos ou pessoas não nascidas na ilha. São tomadas como aquelas pessoas em quem se pode confiar incondicionalmente, contato favorecido por similitudes idiomáticas e talvez pelo fato de ter chegado ao Brasil de maneira forçada, por questões políticas. Situações negativas, segundo Durkheim, ativam canais de solidariedade mais fortes.

Yo tengo un grupo de dos buenas amigas que son argentinas que nos encontramos siempre pero una de ellas se volvió a Argentina ahora. (...) Me resulta difícil establecer vínculos (...) yo tengo nueve orientandos en el momentos orientados de mestrado, orientados de doutorado, orientados de la especialización personas que yo adoro, que son buena gente, trabajamos juntos, hacemos fiestas, organizamos cosas organizar un congreso sobre "medicación del sufrimiento" en el hotel Maria do mar (...) tenemos todo una serie de actividades pero yo no se, por alguna razón que yo no se los vínculos con los argentinos se me hace mas fácil. Mis dos amigas de aquí son argentinas. Gabriela va y viene porque su marido vive allá pero de aquí

a poquito se va a volver (...) Yo tengo una gran rede de relaciones mis amigos son argentinos. Eventualmente, si tengo algún problema yo llamo a alguna amiga brasilera con las que trabajo que son amigas mías (...) hacemos cosas lúdicas juntos y todo pero por eso te quería hablar en español, mi tranquilidad mi cosa así, mi relaje, en el sentido de relax, estar tranquila yo no se si no tiene que ver con el idioma también pasa mucho por poder hablar con gente igual (Rita).

Mis contactos, es una mezcla. Pero contactos mas íntimos yo te diría es con argentinos. A la familia de Esteban no la veo todos los días pero si yo preciso algo, ellos son como padrinos de mi hijo si yo se que preciso algo los tengo. Tengo amigos Brasileños pero aquí me ha resultado muy difícil la red de amistad, siempre estoy pensando en irme pero estoy acá ahora la traje a mi mama. (Julia). Mucha gente que uno la va perdiendo digamos, ni idea, no quiero vivir en un gueto pero en ultima instancia las personas de confianza acaban siendo argentinos. De repente hablas en español y genera otro tipo de intimidad. (...) hay una complicidad por ejemplo nosotros estamos hablando de cosas que sabemos de que estamos hablando, ¿No? (Adriana).

Mis amistades, amistades son de argentinos, Esteban, Elena, David, y algunos extranjeros chilenos, la amistad con el brasilero es mas complicada, ellos no son como nosotros que hacemos amistades, ellos siempre ponen una distancia. Mis amistades tienen que ver con la religión Católica, ahí se abren mas, ahora los amigos verdaderos que uno tiene son los amigos que uno hizo cuando era mas joven, todo mis amigos verdaderos viven en Argentina Elainez, son amigos de años, hay otro que esta en Suiza, siempre voy a visitarlos (Pedro).

Yo personalmente hubiese vivido bien en Curitiba o Porto Alegre. Este lugar es bucólico pero por otro lado pacato, pueblerino. Son cerrados porque las amistades que tengo hoy en general no son nacidas en la isla (Elena).

No depoimento seguinte encontramos a possível causa da escolha de compatriotas como laços fortes, ou seja, laços determinados pela frequência de contato igual ou superior a duas vezes por semana, segundo a categorização de Granovetter (1973) explicada na pagina 63 deste trabalho. É entendido pelo entrevistado como uma incapacidade do imigrante de traduzir os códigos sociais no lugar de destino da imigração.

Es una incapacidad de interpretar el código social, el código de comunicación. Nosotros somos mas explícitos "boca de jarro"⁴⁶ los brasileros tienen esa situación en las cuales hay una penetración fácil de la primera camada de personalidad pero después hay un bloqueo adentro que es bien cerrado y nosotros no conocemos bien como ellos reaccionan. Entonces, a veces vos te sorprendes con alguien que tiene una actitud que vos no esperabas, [...] parece amigo pero de repente cuando o 'bicho pegou', 'opa, me dejó solo'. Yo creo que es una incapacidad del inmigrante,

⁴⁶ Expressão usada na Argentina para se referir as pessoas que expressam abertamente o que pensam.

de nosotros mismos, de entender cuales son los códigos. Uno tiene cosas en las que puede confiar otras en las que no y vos empezás a aprender paso a paso, vos sabes en quien podes confiar y en quien no (Martín).

Segundo Luken (2006), a definição de amizade pode ser variável. A forma de entendê-la estaria condicionada pela nacionalidade. Neste ponto, há coincidência com outros especialistas sobre a influência de concepções culturais nas interpretações sobre laços familiares e de amizade. Em suas falas, os imigrantes confirmam a idéia anterior de que tendem a escolher amigos conterrâneos – talvez pela sua falta de compreensão de amizade ditada pela nacionalidade – e vínculos menos intensos com colegas de trabalho nacionais, brasileiros ou de outros países.

Contudo, o grupo de acadêmicos argentinos, como tínhamos mencionado anteriormente, não constitui uma comunidade hermética ou dependente do enclave étnico. Poderíamos vincular essa causa ao fato de que os projetos individuais são de sucesso e de mobilidade social ascendente. Os professores rejeitam a formação de guetos e conseqüentemente a constituição desse enclave étnico. Pelo antes exposto não se pode atribuir ao imigrante argentino o caráter homófilo⁴⁷, ou seja, a tendência de interagir apenas com iguais: eles interagem com laços de menor intensidade independentemente da nacionalidade.

Luken (2006) convida-nos a voltar às reflexões de especialistas como Portes, Sensenbrenner, Maya Jariego, Van Der Gaag, Snijders e Bates. Os autores abordam em seus trabalhos os aspectos negativos derivados da capacidade sancionadora exercida através das práticas de controle de comunidades herméticas e das privações da liberdade que as normas vigentes podem impor; dificultando o sucesso dos projetos individuais ou da excessiva dependência do enclave étnico que freia a mobilidade ascendente. Estes autores proporcionam uma visão mais crítica que a da maioria dos pesquisadores, que fundamentalmente insistem nas amplas vantagens de se contar com o apoio de conhecidos no lugar de assentamento, que pode facilitar significativamente a primeira fase da integração da pessoa recém chegada ao novo contexto.

⁴⁷ O termo *homofilia* foi introduzido por Blau, em 1964, em seu livro *Exchange and Power in Social Life*.

Pretendemos, no próximo item, indagar e aprofundar o conhecimento sobre o que compõe as identidades permeadas por processos imigratórios dos professores argentinos em Florianópolis, e demonstrar que é possível que em alguns migrantes a mobilidade espacial faça com que eles mesmos denotem essa pluralidade cultural e procurem as suas origens (na maioria das vezes inconsciente e imaginariamente) na sua trajetória.

3.5 A REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE POR PERTENCIMENTO A UMA DIÁSPORA

Gilroy (2002) em seu livro *O Atlântico Negro – Modernidade e Dupla Consciência* pretende projetar, através do conceito de diáspora, a riqueza plural das culturas negras em diferentes partes do mundo em contraponto a suas sensibilidades comuns – tanto aquelas residualmente herdadas da África, como as geradas a partir da amargura especial da escravidão racial do Novo Mundo. Neste trabalho procuramos mostrar o patrimônio plural dos imigrantes acadêmicos que residem no Brasil, patrimônio que vai se enriquecendo por sucessivos deslocamentos. Contudo, essa bagagem cultural precede a migração pelo fato de a identidade ser o reflexo de sociedades compostas por muitos povos, por ser irrevogavelmente a identidade uma categoria histórica nas palavras de Hall:

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser sagrada, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos os que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar (HALL, 2003, p.30).

Segundo Hall, as nações modernas são todas híbridas culturais. Na Europa Ocidental, não existe nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. (HALL, 1998, p.62). Neste ponto, se pensarmos no nosso espaço de pesquisa – Florianópolis – e esse lugar de estrangeiros na história, podemos constatar um contínuo de invasões de “gringos”, imigrantes que chegaram até meados do século XX ao Brasil e Argentina trazendo sua cultura. Por que diferenciar o imigrante produto de diferentes camadas culturais num espaço onde as

particularidades culturais são notórias? Seria impossível separar dois espaços que são unidos pelas diferenças culturais herdadas.

Nesse espaço o conjunto de símbolos constitutivos da identidade cultural dos professores sofre mais uma vez intervenções diversas no novo meio. Especificamente, parece dar-se um processo onde os atores sociais não ignoram seus costumes, mas também assimilam costumes do novo lugar. Trata-se de um processo de tradução cultural que nunca se completa onde o imigrante revisa seus próprios sistemas de referência pelo distanciamento de suas regras habituais. Bhabha em Hall (2003, p. 75) explica tradução cultural como o negociar com a diferença do outro, pelo que valores e símbolos assimilados se juntam aos antigos .

Na análise dos depoimentos, percebemos que é provável que exista dentro de alguns professores referenciais culturais contraditórios empurrando em diferentes direções, de tal modo que essas identificações estariam sendo continuamente deslocadas. A migração, segundo Silva (2005, p.21), produz identidades plurais como poderia ser o caso de Vanesa, que nascida na Argentina, ainda criança migrou para os Estados Unidos, retornando à Argentina. Quando adolescente se deslocou para o Brasil com os pais por questões ideológicas. Ao terminar o mestrado no Brasil, morou na Inglaterra por sete anos, com o intuito de fazer um doutorado e hoje cumpre a função de professora na Universidade Federal de Santa Catarina:

- *Nadia: quando você foi morar na Inglaterra no primeiro ano você procurava brasileiros?*

- *Vanesa: sim, porque quando cheguei era o gueto brasileiro, mas aí, na medida em que ia fazendo meu doutorado, muitos estavam terminando e já voltando para o Brasil. Então à medida que o grupo de brasileiros diminuía novos chegavam. Nos primeiros anos eu aprendi a gostar do samba, do carnaval. Nada disso eu gostava quando morava no Brasil. Não ouvia música brasileira de jeito nenhum, lá chorava, comia feijoada, antes odiava a feijoada. **Se “ressignifica”, aquela coisa ‘eu estou distante’ inclusive falava mal dos ingleses. [...] Futebol aí é complicado porque eu torcia pela Argentina. Futebol brasileiro é maníaco. Eu nunca gostei muito de futebol. Comecei a torcer pela Argentina, na copa, quando eu vim para o Brasil. Então isso é uma coisa que ficou argentina em mim, de torcer pela Argentina só de despeito, para dizer: ‘eu torço sim, porque não?’. Tenho total liberdade. Não gosto da arrogância futebolística brasileira, então não vou torcer pelo time brasileiro. É ótimo, excelente, ganha tudo infelizmente (risos). Lembro de um jogo Argentina - Brasil que teve no primeiro ano que cheguei na Inglaterra. Eu assisti sozinha [...] eu torcia para Argentina, mas não podia fazer isso na presença de 20 brasileiros. [...] **Essa coisa de identidade, acho que é importante.** Você esta percebendo também, às vezes a situação local te puxa para o lado que você nunca tinha pensado***

estar antes. Até os doze anos para mim futebol era nada. Vindo para o Brasil, a gente foi nos anos 77, 78, era a copa na argentina, roubada, ainda não engoliram, mas Argentina ganhou [...] Meu pai e a minha mãe nunca tinham assistido futebol, mas a minha família toda estava louca por futebol. [...] eu tenho que fingir que não estou interessada em futebol, porque senão meus alunos pegam no pé o tempo todo. [...] o Brasil tem uma identidade muito forte com o futebol e é um ponto que já saquei. Antes eu fazia muita brincadeira porque o argentino é muito sarcástico, muito irônico. Na Inglaterra eu podia fazer ironia e o inglês entendia isso. Mas, aqui no Brasil é totalmente negativo. O pessoal não gosta, e ironia no futebol, eles não vão entender. Você começa a ser sarcástico e o pessoal acha que você está com dor de cotovelo. Meu irmão caçula, brasileiro, ele gosta muito de futebol, [...] ele torce em copa libertadores, ele tinha um grupo de amigos argentinos. Que engraçado [...] ele é brasileiro de uma família argentina, namorada brasileira. Ele se identifica muito com a cultura argentina, ele adora!. Tem redes de amigos na internet da Argentina mesmo, curte a Argentina muito mais que nós, argentinos, que moramos aqui. Ele nunca morou na Argentina, nasceu em Riberão Preto, São Paulo. [...] Essa identidade de futebol Argentino, o único da família que tem uma camisa do time da Seleção Argentina é ele. Veste na rua essa camisa.. Ele é louco, vai apanhar (Vanesa).

Esta entrevistada é alguém que fala inglês, português e espanhol fluentemente, gesticula como Italiana, é torcedora do futebol Argentino e acredita ser Brasileira. O caso de Vanesa é interessante para perceber como a questão da identidade pode ser usada como um dispositivo ou um recurso, acessado em momentos e contextos específicos. É quando está na Inglaterra que ela gosta de samba brasileiro, e é quando está no Brasil que gosta de futebol argentino. Enfim, o fato de estar distante do local que evoca uma lembrança, ou o ressentimento futebolístico, poderiam levar a migrante a recorrer a mecanismos construídos com a finalidade, consciente ou não, de encontrar sua própria identidade. Essa é a complexidade humana, irreduzível a qualquer análise que ligue identidade à estado-nação, ou que fixe e solidifique um único modo ou fonte de pertencimento e de identidade.

Porém, este sentimento de pertencimento encontra referências novas nos deslocamentos e faz com que se sintam participantes de todos e nenhum lugar exclusivamente. Nas falas registradas em nossas entrevistas, os imigrantes parecem ter sido “afetados” de algum modo pelos diferentes lugares onde moraram, por novas referências espaciais, idiomáticas, pessoais, climáticas, etc. Nas suas palavras foi recorrente essa percepção de se sentir deslocado:

[...]Me siento que no soy de ningún lugar porque no soy de acá, no soy de allá como dice Serrat⁴⁸. [...] Que significa ser migrante, ¿No? que no sos de ningún lado. Sos diferente [...] porque vas juntando diferentes camadas, en cierta forma, en todo este proceso de inmigración. Diferentes camadas culturales [con que te vas a sentir] singular (Adriana).

Esteban: Eu não diria que não me sinto de lá [se referendo à Argentina], mas você já não é a mesma pessoa obviamente não somente porque as vezes escorrega alguma palavra em português mas olha no meu caso quase 30 anos. Eu vim com 35, é dizer que tenho quase o mesmo número de anos na Argentina e no Brasil. Então você já não é uma pessoa que tem uma única com formação cultural, você já é uma mistura de maneira que va se sentir sempre um pouquinho deslocado num lugar e em outro. E você sente isso quando você houve coisas que você acha que são incorretas ou até injustas com relação ao Brasil na Argentina você sente como se tivessem afetado algo que diz respeito a sua família porque você já incorporou outro país

Nadia: E quando a gente é bem recebida aqui que também e meu caso, volto para lá e escuto do Brasil falo gente não é isso, depende.

E: Não apenas se da conta do erro de percepção senão que se sente afetado de alguma maneira (Esteban).

Neste ir e vir, o fato de ser imigrante aproxima essas pessoas da experiência diaspórica tratada por Paul Gilroy (1997) e comentada por Hall na entrevista concedida a Kuan-Hsing Chen intitulada “A formação de um Intelectual dispórico”:

[...] Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada (HALL, 2003, p.19).

Sobre este tópico, Goetttert (2007), em seu estudo sobre a migração gaúcha para Mato Grosso, traz os aportes de Abdelmaleck Sayad. Para este autor, quem migra é um sujeito em trânsito. A partir de Sayad, Goetttert (2007, p.2-3) constrói em seu texto a noção de “transitoriedade migratória”, que se define como o tempo que se inicia no ato da decisão de migrar e termina com a compreensão por quem migra de que não mais pertence ao lugar de origem (porque suas relações são outras), e sim ao lugar de destino. Esta “transitoriedade” não é definida por componentes estruturais ou conjunturais, mas, sobretudo, a partir da percepção do ser humano migrante de seu novo *lugar* no conjunto das relações no lugar de origem, ou seja, o

⁴⁸ A entrevistada se refere a Joan Manuel Serrat, cantor, músico e compositor espanhol, uma das expressões mais destacadas da música moderna espanhola e catalã.

seu não mais pertencimento a elas. Da mesma forma, a “transitoriedade” se define pela percepção de que participa das relações no lugar *chegado*, como parte inseparável delas. Transitoriedade se define em função da continuidade das relações. Com base nas falas de alguns professores argentinos em Florianópolis, a transitoriedade – conforme a abordagem destes autores – se prolonga no tempo:

*[essa transitoriedade] se manifestava em forma muito clara, por exemplo, a gente não fazia questão de comprar móveis bons. Sabíamos que iríamos nos desfazer deles. Não fazia muita questão de comprar uma casa, porém acabamos comprando uma casa no final desse período. [...] Para nós, assim foram os dois primeiros anos, até convencermos de que não era uma etapa transitória, breve, **podia ser transitória, mas ia ser bem mais prolongada** (Esteban).*

Alguns depoentes parecem ter se adaptado perfeitamente a esse mundo flutuante, pois é a fugacidade que o nomeia e se define em trânsito. Na fala de dois professores: “Eu estou transitoriamente, sou portátil, migrante” (José);

*Minha vida foi muito mais longa no Brasil que na Inglaterra e na Argentina [...], meu filho também se identifica com a ilha, me identifico com Brasil, mas com vírgula [...], **porque até eu brinco assim ‘eu sou da terra’** [...]. Minha primeira língua é o inglês, em casa o espanhol; então essa história de sair nunca foi um problema, claro que dá medo, esse frio na barriga, mas nunca foi um problema, eu vou sair sim, não vou ficar a vida toda num lugar (Vanesa).*

Contrariamente, para outros professores, a consciência de não terem se originado no novo espaço, assim como a sensação de estar em trânsito, são muitas vezes inconvenientes e até perturbadoras; nas palavras de Bauman:

Estar total ou parcialmente deslocado em toda parte, não estar totalmente em algum lugar (ou seja sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa se sobressaíam e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder, ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. [...] Quando mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição, reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos (2005, p.18).

A situação de alguns professores, ao viver em muitos países, gera um sentimento de perda das raízes, uma sensação desconfortável que pode ser vista nas falas dos professores que vieram ao Brasil por questões políticas. Sobre as raízes: “Eu gostaria de salientar que minha vida no Brasil me fez notar o quanto a

idéia de você ter raízes num lugar não é uma metáfora, é verdade” (Esteban). Adriana vê na questão das raízes um problema que associa a sua origem judia, povo caracterizado pelo nomadismo:

*En ese sentido tengo un **problema** de raíces y me dicen: "no somos árboles no precisamos de raíces" pero yo siento que tiene que ver con la cuestión del judío nómada y con mi espíritu así un poco que nunca hice raíces significativas en Florianópolis, siempre estoy con ganas de irme de acá, siempre me sentí muy sofocada pero para criar a mi hijo fue muy importante pero de aquí a poco que me quiero jubilar y eso, yo quiero seguir trabajando con consultorías que me van apareciendo y estoy queriendo irme. Yo viajo mucho (Adriana).*

Nas nossas entrevistas encontramos várias referências às interferências de códigos culturais do novo lugar que são apontadas por um lado como crise, perda dos códigos antigos; mas, também como metamorfose e transformação. No caso dos imigrantes que vieram ao Brasil por razões políticas, a apropriação de novos referenciais culturais é apontada como perda (a perda das raízes apontadas anteriormente). Contrariamente, os imigrantes que vieram ao Brasil por razões econômicas e também aqueles que vieram inconscientes dos motivos da mudança, estabelecem uma relação de apropriação dos códigos culturais como oportunidade de enriquecimento, de ‘transformação’.

Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. O conceito de diáspora permite compreender algumas dessas identidades – que não tem uma única pátria e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte (SILVA, 2005, p.22). A experiência diaspórica se caracterizaria pela reivindicação de uma identidade étnica ou nacional de sujeitos que mantêm contato sob diversas formas (reais ou imaginárias) com o território de origem. Os professores não constituem um grupo organizado interessado na reivindicação da identidade étnica, porém, parecem manter individualmente contato imaginário com a terra onde nasceram como Adriana, nesse caso através de sonhos:

-Vos me dijiste yo nunca sentí saudades pero que pasa, todos mis sueños pasan en Bahía Blanca con gente de aquí, del presente pero las calles son de Bahía Blanca, el cine es el de bahía. [...] La representación del espacio es Bahía Blanca no se porque, las cosas que me pasan es Bahía Blanca. -yo soñaba en español.

-Yo sueño con el espacio físico, las calles, localización, casas, esto y lo otro en Bahía Blanca [Argentina].

-Uno no tiene espacio mas por otro lado uno nace en el espacio – es que dicen que las cosas de la infancia son las que más te marcan – entonces mi inconciente esta profundamente marcado por Bahía Blanca[...], el espacio cine por ejemplo, cosas recurrentes, porque mi familia tenía cine y yo iba siempre gratis. Me acuerdo el cine Ocean que tenía una escalera de bronce, las ultimas veces he soñado con ese cine, cosas que pasan cuando estoy saliendo del cine, en el cine, entonces hay una ruptura pero nunca es una ruptura completa, son fases, transiciones, vos vas acumulando (Adriana).

Para Stuart Hall (2003), diferentes causas podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão; mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor, como denota o sonho desta entrevistada. Percebemos esse regresso às origens nas causas (inconscientes) das migrações, como o Édipo migratório apontado pelos professores no segundo capítulo, numa ruptura nunca completa remediada através do retorno aos lugares de origem, as referências originárias constitutivas da identidade dos migrantes:

A história – que se abre a liberdade por ser contingente – é representada como teleológica e redentora: circula de volta à restauração de seu momento originário, cura toda ruptura, repara cada fenda através desse retorno (HALL, 2003, p.29).

Outro exemplo é proporcionado por Susana no capítulo 2, onde a sua história circula dentro da trajetória para restaurar um momento originário. Isso ocorre quando a entrevistada migra para o lugar dos antepassados, onde o cheiro de fumo sentido faz referência a sua infância. É na sua trajetória que a entrevistada descobre o seu passado, a nacionalidade de seu avô.

A origem só pode ser pensada mediante a rota na qual se entrelaça. É no 'agora', que o 'antes' é operado, forjado, expresso. Adriana repete a história de seus avós, judeus perseguidos, ao se deslocar para o Brasil por persecuções ideológicas. É na errância que os professores argentinos materializarão, criarão e mudarão o seu passado e é na trajetória, no lugar estranho, que se desvenda o que o migrante deixou de ser. Os imigrantes argentinos são hoje um legado de todos esses tempos ancestrais, de povos conformados nas continuas invasões de outros povos.

Contudo, os entrevistados não parecem ter perspectiva de reversão⁴⁹ do deslocamento, ou seja, de voltar à terra de origem. Porém, o retorno imaginário auxiliaria o migrante a enfrentar as novas condições de vida e estabelecer um elo entre o passado e o presente. Contudo, pelos depoimentos apresentados no deslocamento imigratório, os depoentes descobrem esse passado e o que eles deixaram de ser, além de encontrarem referências com as quais se identificam lugares aos quais estão ligados, negociando culturalmente em algum ponto do espectro das diferenças; onde as separações de tempo, geração e espacialização se recusam a ser nitidamente alinhadas obrigando aos professores a adotar posições de identificação deslocadas e plurais, em outras palavras, abraçar um tipo de identificação que poderíamos denominar de “diasporizada”.

Para concluir, a migração provoca em alguns professores a interferência de novos códigos culturais. Esses códigos podem ter interferido na apropriação do novo espaço por parte dos professores argentinos e são, conforme explicado: a construção histórica de imagens entre Brasil-Argentina; o estereótipo de imigrante argentino estritamente ligado ao de turista argentino; o pertencimento a um estado-nação; e, finalmente, o pertencimento a uma diáspora portadora de diferentes camadas culturais. Muitas vezes os imigrantes convivem com essa idéia de não se sentirem pertencentes a nenhum lugar, em outros casos experimentam sentimentos de deslocamento, o que é remediado por relações, na maioria das vezes, imaginárias com o lugar de origem. Em outras palavras, a experiência diaspórica dos professores se caracterizaria por uma reivindicação simbólica de códigos culturais construídos no lugar de nascimento dos professores, ou formados anteriormente, como no caso do Édipo migratório explicado no capítulo anterior, como essa busca pelas origens que se faz na trajetória. É no movimento que as pessoas vão ressignificando suas práticas e seu viver, criando formas de se vincular ao novo lugar, às pessoas que moram nele.

⁴⁹ A reversão está intimamente ligada a um processo migratório predefinido, com um objetivo de retorno muito forte que se traduz frequentemente no envio de dinheiro e em visitas regulares à região de origem. Termos definidos por Domenach e Picouet (1996). Para mais informações, ver p. 17 desta pesquisa.

Na resenha sobre o livro *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*, escrito por Doreen Massey, Santos (2008) oferece uma reflexão sobre os conceitos de espaço e identidade, e uma crítica às teorias que acreditam no lugar limitado a uma única identidade.

Conceber assim o lugar como escala heurística privilegiada demanda renunciar a uma perspectiva unívoca de identidade, portadora de paroquialismos e localismos exclusivistas. Massey enfatiza a tarefa crítica da Geografia: desfazer-se de uma concepção de espaço – como abstrato e do seu contraponto lugar – como vivido – e, ao invés dessa dupla oposta, advém um sentido de uma política do espaço, mas dado pelo princípio da “política da interconectividade”, de um lugar em relação a outro.[...]Em síntese, para que a teoria de Massey seja compreendida é fundamental termos em mente que sua crítica é direcionada a todas as abordagens positivistas e essencialistas que cultivam uma idéia de lugar circunscrito e fadado a uma única identidade. Pensar desta maneira o lugar é empobrecer no cotidiano, as experiências contemporâneas, o mundo e o devir. Com todas as implicações políticas, como legado de uma representação de mundo colonialista, não é mais possível pensarmos o espaço como superfície plana. Ancorar-se nesta interpretação é silenciar as muitas outras vozes e muitos outros atores que formam o espaço (SANTOS, 2008, p.3- 4).

Como apresentamos neste capítulo, os discursos modernos tinham como objetivo a fixação das identidades, porém, as condições sociais e históricas quanto os deslocamentos colocam-nas em movimento. A autora chama a atenção para a necessidade de conceber o lugar como escala heurística onde as identidades são categorias vivas e de elaborar uma reflexão política para a construção de um espaço heterogêneo, múltiplo e plural, única condição humana da qual somos herdeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Na América Latina, até princípios da década de 1980, grande parte da produção bibliográfica e discussão teórica sobre o tema de migrações, eram enfocadas nos modelos “estruturais”, considerando a migração como movimento de força de trabalho que responde somente a oportunidades diferenciais de emprego e níveis salariais (SINGER, 1974). Sob esta ótica, os deslocamentos eram considerados como definitivos, com uma separação irreversível do migrante com seu lugar de origem. A perspectiva de analisar os processos migratórios por meio das redes não deixa de considerar os imigrantes como agentes econômicos (e, portanto, como tomadores de decisões que potencialmente maximizarão sua situação econômica), mas também recupera as variáveis sociais e culturais que devem ser consideradas em conjunto com as de caráter econômico.

Nesta análise, apontamos o fato de que, ao utilizar uma metodologia focada nas relações, existe a possibilidade de um estudo mais completo da migração e dos atributos que fazem parte do processo de mobilidade espacial. A metodologia da Análise de Redes Sociais ajudou a entender as migrações de professores, vencendo a dicotomia agente/estrutura, a partir da constatação da debilidade dos vínculos entre professores pertencentes a diferentes universidades do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Os professores que constituem o subgrupo atuando na UFSC, em geral não se conhecem, excetuando os professores que vieram ao Brasil por questões políticas, o que provavelmente poderia ter criado laços de solidariedade mais fortes. Dos 97 nós da sub-rede da UFSC, 47 são professores universitários de outras universidades e órgãos de pesquisa. Além disso, 44% dos nossos depoentes realizaram escalas antes de chegar à Florianópolis. Campinas e São Paulo são lugares recorrentes nas trajetórias encontradas, configurando-se como dois pontos estratégicos dentro da rede. Esses fracos vínculos institucionais atuam como ponte entre grupos de professores de diferentes universidades – tanto argentinos quanto brasileiros, como de outras nacionalidades – e como estruturadores da rede de acadêmicos do Brasil. Em outras palavras, e como foi demonstrado na primeira

parte do capítulo 2, os vínculos migratórios fracos chegam a um grande número de pessoas e atravessam uma grande distância, tanto social quanto espacial. É a partir desses laços que reconhecemos partes da rede de acadêmicos e inferimos seu comportamento, partindo do micro e chegando ao macro social.

Em nosso trabalho ficou explícita a idéia de que essa imigração qualificada se diferencia da imigração não qualificada, pois os laços fortes (parentesco) não agem como possibilitadores da corrente migratória, já que os motivos da migração parecem diversificar-se, e a rede de solidariedade constituída pelos migrantes qualificados se apóia em vínculos fracos. Em geral, os apoios provêm de amigos e colegas de trabalho. Somente três entrevistados recebem apoio de familiares na migração ao Brasil.

Certamente, a migração de profissionais argentinos para a Universidade Federal de Santa Catarina responde a uma multiplicidade de fatores: construção de redes de imigrantes; espasmos emigratórios produzidos por “exílios políticos” derivados da repressão na última ditadura militar; sucessivas crises econômicas argentinas, estudadas pelos enfoques economicistas; além de fatores subjetivos e/ou simbólicos – como dissidência de modelos sociais, relações amorosas, entre outros – e inconscientes – como pulsão migratória, Édipo migratório, redefinição da personalidade, entre outros. Esses e outros motivos podem ter desenhado as seguintes trajetórias dos professores universitários argentinos:

- **Trajetória direta:** quando o migrante se desloca da Argentina diretamente para o Brasil. A residência base se restringe a somente dois locais: Argentina – Brasil.
- **Trajetória acadêmica de resguardo:** quando o migrante parte da Argentina e reside num terceiro país por um período igual ou superior a um ano antes de chegar ao Brasil. A residência base se amplia para três locais: Argentina – outro país – Brasil.
- **Trajetória acadêmica com retorno ao Brasil:** quando o migrante parte da Argentina e chega ao Brasil, desloca-se novamente para um terceiro país e volta finalmente ao Brasil. A estada é igual ou maior a um ano em cada lugar.

A residência base se estende para quatro locais: Argentina – Brasil – outro país – Brasil.

- **Trajetória acadêmica com retorno à Argentina:** o migrante sai da Argentina, permanece no Brasil mais de um ano, retorna para Argentina e finalmente volta ao Brasil. Justamente o que diferencia esse tipo de trajetória das anteriores é que se protagoniza um retorno à Argentina. Segundo as características expostas anteriormente, a residência base estaria composta por: Argentina – Brasil – Argentina – Brasil.

Não podemos esquecer aqui que estas duas últimas trajetórias respondem às condições favoráveis da academia brasileira em relação à academia argentina, no que diz respeito a salários, infra-estrutura e reconhecimento da sociedade. Por outro lado, o funcionamento de redes migratórias é um fator importante no que diz respeito à continuidade da corrente numa análise estrutural da rede. Todavia, a maioria dos sujeitos desta pesquisa, embora possuam consciência de sua ação, de seu deslocamento ou dos motivos da migração no começo do processo de mobilidade espacial, não conhecem o conjunto de fatores intervenientes no processo migratório, pois vivem a trajetória, não a interpretam, e por isso, alguns não se percebem parte desse nomadismo característico dos professores que lecionam na universidade.

Na sociedade atual, caracterizada por laços fracos e fugazes, a pulsão da errância ocupa um papel legitimador da impermanência das coisas. Sobre isso, é importante enfatizar que imigrantes argentinos revelam uma espécie de cultura migratória ativa e uma religação com as trajetórias dos avós migrantes, o que poderia representar mais um motivo da pulsão e a configuração de um quarto tipo de trajetória que poderíamos denominar de “imaginária”. Ela parece ser gerada pela busca das origens e pode ser observada na nossa pesquisa através de referenciais culturais inconscientes que os imigrantes reconhecem no novo espaço da migração e que interferem na apropriação criativa de novos códigos culturais aos códigos nativos, tão difícil de estabelecer, pois são um legado de antepassados que nasceram na mistura de diferentes povos. Além disso, por serem imigrantes, se constituem como receptáculos de várias camadas culturais. Em outras palavras, dá-se um processo no qual os sujeitos (já essencialmente produtos de sociedades nascidas na diferença) assimilam mais uma vez costumes do novo meio. Valores e

símbolos assimilados no deslocamento se juntam aos antigos, característica marcante dos imigrantes argentinos assentados em Florianópolis.

Assim, conforme as falas dos imigrantes, a trajetória migratória parece começar antes da migração espacial, e é favorecida a partir de representações e imagens do Brasil que os professores criam com anterioridade ao deslocamento espacial. Contrariamente, a construção de imagens criadas na comunidade receptora acerca da Argentina (ou dos argentinos) constrange esta migração, pelo fato de que a imagem do imigrante argentino está estreitamente ligada à imagem do turista argentino em Florianópolis. Este é um fator relevante a se ter em conta, pois a identidade é considerada uma categoria de recepção, como foi explicitado no capítulo 3.

A relação entre estes dois povos de características específicas é influenciada pelas imagens que ambos fazem um do outro. Estas imagens construídas historicamente possuem elementos positivos e negativos, estereotipados, superestimados e reforçados durante o processo de divulgação dos dois países, pela mídia em geral, pela indústria do turismo e seus aparatos de divulgação. Contudo, os imigrantes não têm caráter homófilo, ou seja, não tendem a interagir apenas com seus iguais, pelo que não constituem uma comunidade hermética. Esta característica possibilita aos imigrantes uma mobilidade social ascendente.

Para concluir, em nossa pesquisa uma multiplicidade de fatores poderiam motivar a migração de professores argentinos para Florianópolis e essa migração provoca a assimilação de símbolos e valores culturais da comunidade receptora: é na experiência imigratória que poderia ser pensado o pertencimento a uma identidade. Entre os imigrantes pesquisados e a assimilação do novo lugar, situam-se, conforme explicado: a construção histórica de imagens entre Brasil-Argentina; o estereótipo de imigrante argentino estritamente ligado ao de turista argentino; o pertencimento ao Estado-nação argentino; e, finalmente, o contato com diferentes camadas culturais antes e depois da migração. Muitas vezes os imigrantes convivem com a idéia de não se sentirem pertencentes a nenhum lugar; em outros casos, experimentam sentimentos de deslocamento, o que é remediado por relações, na maioria das vezes, imaginárias com o lugar de origem. Essas relações constroem as

trajetórias individuais (espaciais ou simbólicas) que se atravessam no espaço sincrônico da imigração.

Há alguns meses, tivemos a oportunidade de assistir a um filme italiano denominado "*Nuovomundo*" (Novo Mundo, 2006), de Emanuele Crialese, indicado pela Itália para concorrer a uma vaga no Oscar de melhor filme estrangeiro em 2007. O filme trata do tema da imigração e descreve o drama da viagem de imigrantes italianos aos Estados Unidos e a quarentena em Ellis Island. Filmado em grande parte na Argentina e ambientado em um hotel de imigrantes de Buenos Aires junto ao Rio da Prata, *Nuovomundo* é o terceiro longa-metragem de Crialese e venceu no último festival de Veneza na categoria "Revelação".

No filme, o ator principal observa fotografias de dinheiro crescendo em árvores, legumes gigantes brotando da terra e rios de leite que supostamente ocorreriam na América. Os relatos fabulosos acontecem nas aldeias pedregosas da Sicília, onde tem início a história do Novo Mundo. Existe uma universalidade nas representações da utopia de fartura e vida melhor que povoam a imaginação dos necessitados. As visões delirantes de Salvatore Mancuso (personagem principal, protagonizado por Vincenzo Amato) o convencem a embarcar num navio para a "Mérica", levando os dois filhos e sua velha mãe. Para o camponês viúvo e analfabeto, não se trata de uma viagem qualquer, mas de uma aventura com muitos significados. Salvatore precisará aprender a renunciar, aceitar humilhações e aproveitar oportunidades, além de confirmar que milagres acontecem. Emanuele Crialese vem dividindo seu cinema entre a Sicília (onde estão as raízes de sua família) e Nova York, onde se converteu num imigrante que estuda cinema⁵⁰.

Ao assistir às imagens do filme, é possível estabelecer certas analogias – não tão extremistas – com palestras oferecidas atualmente por verdadeiras empresas migratórias, nas quais slogans como "venha morar na Austrália" ou "work and life no Canadá" mostram imagens paradisíacas dos lugares de "venda" e/ou "aluguel migratório", que incluem contratos com taxas e pontos, como se tratasse de

⁵⁰ Disponível em: <http://www.criticos.com.br/new/artigos/critica_interna.asp?artigo=1435>. Acesso em: 23 set. 2008.

uma espécie de jogo. Numa pesquisa da BBC Brasil⁵¹ afirma-se que, enquanto países desenvolvidos estão fechando o cerco para imigrantes ilegais, programas para atração de profissionais com alta qualificação se consolidam, sobretudo nos países de língua inglesa, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Austrália e o Canadá. Se, por um lado, os três primeiros dessa lista barraram nas fronteiras ou deportaram um total de 1,3 milhão de "indesejáveis" em 2006, por outro, deram boas-vindas, por meio de programas especiais, para cerca de 155 mil imigrantes qualificados no mesmo ano. Nos tempos atuais, as empresas migratórias antes citadas legitimam a mobilidade de trabalhadores qualificados, um tema que se mostra atraente para uma pesquisa futura.

⁵¹Disponível em:
<http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080325_imigracaoaltonivel_np.shtml>.
Acesso em: 25 set. 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS OLIVEIRA, G. De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. **Campos**. Curitiba. v.3. 2003. p.45. Edição especial IV reunião de antropologia do Mercosul.

BAENINGER, R. **O Brasil na rota das migrações internacionais recentes**. Sala de imprensa. Universidade Estadual de Campinas. 2003

BARRERA, M. (1980). "Method for the Assessment of social support. Network in community survey research". **Connections** (3), pp.8-13.

BARBETTA, P. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 6. ed. Florianópolis: UFSC, 2006. 305 p.

BARNES, John A. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. **Human Relations**, 7 : 39-58. 1954.

BAUER, M, GASKELL, G e ALLUM, N. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento-evitando confusões. In: BAUER, M. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: 2003. p.17-36.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 105 p.

BERTONCELLO, R. Migración, Movilidad e Integración: Desplazamientos Poblacionales entre el Área Metropolitana de Buenos Aires y Uruguay. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona Nº 94 (71), 2001 p. 8.

BOLOGNA, E. **Espacios de Vínculos y Espacios de Movilidad: La reversibilidad en las etapas de las corrientes migratorias**. In: Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, 1. 2004 Caxambú- MG – Brasil

BOTT, E. **Family and Social Networks**. London: Tavistock.1957.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006 (9ª edição), 322 p.

BUTI, R. Texto. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rafalquimia@hotmail.com> em 18 de dezembro de 2008

BURGOS, N. “**Trayectorias migratorias y evaluación de la posible reversión de los migrantes internos asentados en el barrio ‘el chelito’, localidad de Esperanza, provincia de Santa Fe**”. 2006. 60 f. Tcc (Bacharel) - Curso de Bacharel em Geografia, Universidad Nacional Del Litoral, Santa Fe, Argentina, 2006.

CANALES, A; ZLOLNISKI, C. **Comunidades transnacionales y migración en la era de la globalización**. Simpósio sobre migración internacional en las Américas. San José, Costa Rica, 4 al 6 de septiembre de 2000.

CELTON, D; DOMENACH, H, GIUSTI, A. **Migraciones y Procesos de Integración Regional**. Alemania. II Congreso Europeo de Latinoamericanistas Halle, s. n. 1998.

CELTON, D; DOMENACH, H. **La Comunidad Boliviana en Córdoba**. Caracterización y Proceso Migratorio. Córdoba : talleres gráficos Copiar. 1998.

CERVO, A. Intelectuais argentinos e brasileiros: olhares cruzados In: FRIGERIO, A; RIBEIRO, G (Org.). **Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.95-114.

COURGEAU, D. **Méthodes de mesure de la mobilité spatiale. Migrations internes, Mobilité Temporaire**. Paris. Editions de L`Institut National di Etudes Demographiques, 1988. 306 p

DOMENACH, H y PICOUET M. El caracter de la reversibilidad en el estudio de las migraciones. **Revista Notas de población**, Santiago de Chile, N 40.1990.

_____ **Las migraciones**. Córdoba: Editoría Dirección general de Publicaciones de la UNC, 1996.

DORSCH, **Dicionário de Psicologia**. Barcelona: Herder, 1976.

ESTEBAN, F. Dinámica migratoria argentina: Inmigración y exilios. In: **América Latina Hoy**, Salamanca, v.34, p: 15-34, agosto 2003.

FAUSTO, B. **Negócios e ócios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 230p

FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (Org.). **Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002. 264p

FISCHER, C (org) Networks and places. Social relations in the urban setting. New York, **The Free Press**. 1977.

GARCÍA, M; Una tipología analítica de las redes de apoyo social en inmigrantes africanos en Andalucía. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. 1978-2002.Universidad de Sevilla.

GERMANI, G. **Sociología de la Modernización**. Bs. As: Paidós, 1969.

GIDDENS, A. **Las nuevas reglas del método sociológico. Crítica Positiva de las sociologías comprensivas**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1997.

GILROY, P.. **O Atlântico Negro — Modernidade e Dupla Consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002. 427p.

GIUSTI, A; CALVELO, L. En búsqueda de una medición de la reversibilidad. **Migraciones y Procesos de Integración Regional**. S.l: Copiar,1999.

GOETTERT, J. **Lugares da saudade e do ressentimento: a migração gaúcha para Mato Grosso a partir dos olhares de quem migrou e de quem ficou**. In: VI ENCONTRO NACIONAL DO ANPEGE. 4, 2007, Niterói.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380,1973. "La fuerza de los vínculos débiles". Disponível em: <http://www.ucm.es/info/pecar/articulos/GRANOVETTER2.pdf>. Acesso em 27 jun 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. 102 p.

HALL, S. Pensando a Diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. . Belo Horizonte: Editora UFMG; 2003. p.25-51

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T; HALL, S; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: A Perspectiva de Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-131.

HANNEMAN, R. Los datos de las redes sociales in: **Introducción a los Métodos de Análisis de Redes Sociales**. Departamento de sociología de la universidad de California Riverside.

Disponível em: <<http://wizard.ucr.edu/~rhannema/networks/text/textindex.html>> acesso em: 20 out 2000

HOUAISS, A; VILLAR, M e FRANCO, F. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetiva. Rio de Janeiro. 2004.

KLAPPSTEIN, Elizabeth Moscoso. **La discriminación, la xenofobia, el racismo y otras formas de intolerancia y su inclusión en la agenda social del Mercosur**. In: PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DEL MERCOSUR, 1., 2004, Ciudad de La Plata: Por El Colegio de Abogados de La Provincia de Buenos Aires.-, 2004. v. 1, p. 8 - 100

LEE, E. Una teoría de las migraciones en Elizaga, J y Marisco, J: **Migraciones internas. Teoría, método y factores sociológicos**, Santiago: CELADE, 1975.

LOMNITZ, L. **Como sobreviven los marginados**. México: Siglo Veintiuno, 2003.

Disponível em:

<http://books.google.com/books?hl=ptBR&lr=lang_es|lang_pt&id=6KS5e28diJ8C&oi=fnd&pg=PA6&dq=%22de+Lomnitz%22+%22C%C3%B3mo+sobreviven+los+marginados%22+&ots=K0aJS_cF-M&sig=uTse4tiy_hTr6j_Q5Xi8ERgYpsM#PPA5,M1>

Acceso em: 21 dez. 2008. 223 p

LOPES, S; VASCONCELLOS, M. Trajetórias na cidade: experiências de migrantes argentinos na cidade de Balneário Camboriú, SC. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Caxambu, MG p. 1 - 24.

LUKEN, V. Inmigración y redes personales de apoyo. **REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales**. Vol.11, n.10, Diciembre 2006.

LUMERMAN, P. **Crisis Social Argentina**. Buenos Aires: Lumen, 1998. 135 p

MAFESSOLI, M. **Sobre o nomadismo. Vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 205 p.

MARTELETO, R; OLIVEIRA e SILVA, A: Redes e capital social; o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Revista Ciência da informação** Brasília, v.33, n.3, p.41-49, set/dez.2004. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewPDFInterstitial/518/472>. Acesso em: 14 dez 2008.

MARQUES, E. **Estado e redes sociais: Permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro**. São Paulo: FAPESP/ Revan, 2000.

MASSEY, D. S. Et al. **Return to aztlán**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MEMORIAS DEL SAQUEO Dirección: Fernando "pino" Solanas. Buenos Aires: editora: ADR Productions, Cinesur S.A. e TELAM Film AG, 2003. 1 DVD.

MONTENEGRO, M. De la teoría geopolítica de fronteras vivas a una nueva visión de política migratoria para la integración: El caso Argentino-Brasileño in: **Migraciones y Procesos de Integración Regional**. Córdoba: Editorial Copiar, 1999.p.107-123

MORA, J. F. **Diccionario de Filosofía**. Madrid: Alianza, 1979.

PELLEGRINO, A. Migración de mano de obra calificada desde Argentina y Uruguay. Documento 58s. In: **Estudio sobre migraciones internacionales**. Ginebra: Oficina internacional del trabajo. 2003.

POLANYI, K. **La gran transformación. Crítica del liberalismo económico**. Madrid: Ediciones de La Piqueta.1997.

RAMELLA, F. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios, in: **Inmigración y redes sociales en la argentina moderna**. Tandil: CEMLA-IEHS. 1995

REZENDE, D. **Reflexões sobre os Sistemas de Migração Internacional: Proposta para uma Análise Estrutural dos mecanismos Intermediários**. 2005. 204 f. Tese (Doutorado) - UFMG, Belo Horizonte/MG, 2005.

RIBEIRO, G. "Tropicalismo e Europeísmo. Modos de representar o Brasil e a Argentina. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, G (Org.). **Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.237-264

RIVOIR, A. Redes Sociales: ¿Instrumento metodológico o categoría sociológica? **Revista de Ciências Sociais**. N 15, 1999, 14p.

SALA, G. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil Centro de**

Desenvolvimento e Planejamento Regional. 2005. Tese(Doutorado em Demografia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2005

SANTOS, G. Redes e Território: Reflexões sobre a migração. In: DIAS, L; SILVEIRA, R. **Redes, Sociedades e territórios.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

SANTOS, G. Resenha a MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.* In: **Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Prefacio Pierre Bourdieu; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHMEIL, L. "*Alquila-se*" una isla In: FRIGERIO, A; RIBEIRO, G (Org.). **Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 71-90

SILVA, M. Pastoral dos migrantes: Peregrinos da Resistência. **Revista Travessia:** Revista do migrante, São Paulo, n. 52, p.25-32, maio 2005. Quadrimestral.

SILVA, T (Org.). **Identidade e diferença.** 4ª edição Petrópolis: Vozes, 2005. 133 p.

SINGER, P. **Desenvolvimento Econômico y Evolução urbana.** São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1974.

SINGER, P. Migraciones internas: consideraciones teóricas sobre su estudio. **Economía política de la urbanización.** México: Siglo XXI, 1977.

STOUFER S.A., Intervening opportunities: a theory relating mobility and distancis, **American Sociological Review**, s. I. Vol. 5, 1940, p. 845-846.

TILLY, C. Transplanted Networks in YANS, **M. V. Imigration reconsidered, History, Sociology and politics.** Nova York: Oxford University Press, 1990.

WOODWARD, K. (Org.). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.; HALL, S; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: A Perspectiva de Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-73